



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
- MESTRADO PROFISSIONAL -**

FRANCISCO IGOR ARRAES ALVES ROCHA

**A Interação Conversacional na Sala de Aula: o que
“dizem” as mãos do professor?**

CAMPINA GRANDE – PB
2018

FRANCISCO IGOR ARRAES ALVES ROCHA

**A Interação Conversacional na Sala de Aula: o
que “dizem” as mãos do professor?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba, *campus* I, como parte das exigências para a obtenção do grau de Mestre em Formação de Professores.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Simone Dália de Gusmão Aranha

CAMPINA GRANDE – PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R672i Rocha, Francisco Igor Arraes Alves.
A Interação conversacional em sala de aula [manuscrito] :
o que "dizem" as mãos do professor? / Francisco Igor Arraes
Alves Rocha. - 2018.
142 p. : il. colorido.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Profissional em Formação de
Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria
de Pós-Graduação e Pesquisa , 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Simone Dália de Gusmão Aranha
, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."
1. Comunicação não-verbal. 2. Formação de professores.
3. Linguagem Corporal. 4. Gestos Batutas. I. Título
21. ed. CDD 371.12


FRANCISCO IGOR ARRAES ALVES ROCHA

**A Interação Conversacional na Sala de Aula: o que “dizem” as
mãos do professor?**

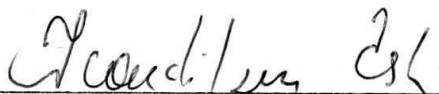
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba, *campus* I, como parte das exigências para a obtenção do grau de Mestre em Formação de Professores.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Culturas e Formação Docente

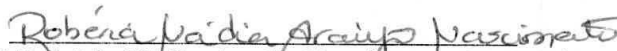
Aprovada em 12/11 / 2018.



Prof.^a Dr.^a Simone Dália de Gusmão Aranha PPGFP/UEPB
Orientadora



Prof. Dr. Ivandilson Costa PROFLETRAS/UERN
Examinador



Prof.^a Dr.^a Robéria Nádia Araújo Nascimento PPGFP/UEPB
Examinadora

Dedico esta obra acadêmica aos meus pais, pela formação humana, artística e enciclopédica que me proporcionaram.

AGRADECIMENTOS

À providência divina e à espiritualidade que me guiaram e sustentaram meus pés enquanto eu caminhava sobre as pedras.

Aos meus pais, Francisco Alves Rocha e Terezinha Arraes Alves Rocha, e aos meus filhos Pedro, Maria Clara e Letícia que me apoiaram em todos os momentos.

À professora Maria Virgínia Holanda, que aceitou participar da pesquisa, e cuja contribuição foi essencial.

À Coordenação e Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP) da Universidade Estadual da Paraíba, pelo respeito e excelente atendimento.

À minha orientadora, Dr^a. Simone Dália de Gusmão Aranha, por me orientar como professora/pesquisadora de forma paciente, ética e respeitosa, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao Professor Dr. Manassés Xavier e à professora Dr^a. Robéria Nádia Araújo Nascimento que participaram do Exame de Qualificação, dando significativas contribuições.

A todos os professores do PPGFP, pela importante contribuição para minha formação acadêmica e profissional.

A todos aqueles que, de alguma forma, participaram dessa etapa da minha vida, muito obrigado!

Reagimos ao gesto com extrema atenção e poder-se-ia dizer que o fazemos segundo um elaborado código que não está escrito em lugar nenhum, que ninguém conhece, mas que todos compreendem.

(Edward Sapir)

RESUMO

A sala de aula é um ambiente em que a comunicação entre professor e aluno torna-se fundamental, pois através da linguagem, veiculam-se informações e estabelecem-se contatos interpessoais. Nesse sentido, a presente pesquisa traz uma reflexão sobre a comunicação não-verbal, interrelacionada à fala, realizada pelos gestos do professor em sala de aula do ensino médio, partindo da hipótese de que a comunicação não-verbal é um dos elementos indispensáveis na interação face a face, embora ainda desconhecida por boa parte dos docentes, podendo transformar-se em uma ferramenta bastante útil no dia a dia do professor. Seguindo esses pressupostos, a pesquisa tem origem na seguinte problemática: de que forma os gestos ilustrativos batutas do professor, associados semanticamente à fala, influenciam na interação conversacional entre professor e aluno? Para responder a tal questionamento, desenvolveu-se esta pesquisa através de uma abordagem qualitativa de natureza etnográfica, com o objetivo de investigar a presença dos gestos ilustrativos batutas manuais na interação entre professor e aluno. Para constatar essa situação, foi realizada uma pesquisa no Instituto Federal da Paraíba (IFPB), *campus* Cajazeiras-PB, com uma turma do 2º ano médio integrado ao Técnico em Eletromecânica. Como instrumentos para a coleta de informações, optou-se pela observação participante através da qual se fez a coleta de dados por meio de filmagens com registro em áudio e vídeo do professor em sala de aula. Em seguida, os dados foram analisados e selecionados em fotografias para a identificação dos gestos. Como referencial teórico, esta pesquisa baseou-se em estudos de Lyons (1987), Martino (2010) e Perles (2007), sobre a Teoria da Comunicação; Rector e Trinta (1985; 1999), Davis (1979), Goman, (2001), Cohen (2009) e Guiroud (2001), acerca da Comunicação não-verbal; Kebrat-Oerechchioni (2010) e Marcuschi (1986), relativo à Análise da Conversação; Alves (2008), Morin (2002) e Aranha (2006), quanto à Formação de professores; Netto (2008) e Severino (2007), referente à Metodologia do trabalho científico; André (1995) e Angrosino (2009), no que diz respeito à pesquisa etnográfica. Para o registro e análise dos gestos ilustrativos batutas, o *corpus* foi desmembrado em Momentos Interativos, tomados como unidades de análise, propiciando uma observação mais detalhada das situações gestuais. Como resultado das observações e análises dos dados, detectou-se, através da triangulação entre o componente gestual, o componente verbal e o componente semântico relacionado ao gesto, que os gestos ilustrativos batutas participam da conversação e auxiliam a construção de sentidos, realizando movimentos dotados de significação. Dessa forma, percebeu-se a relevância do esclarecimento do professor sobre a própria linguagem corporal em sala de aula. Espera-se que esta pesquisa possa servir de estímulo à discussão sobre o assunto no sentido de aplicá-lo à formação docente, contribuindo para ampliar as possibilidades e os recursos pedagógicos em sala de aula. Para isso, foi desenvolvido um guia ilustrado sobre a comunicação não-verbal, fornecendo informações básicas ao professor sobre esse tipo de comunicação, esclarecendo a respeito dos principais fundamentos científicos e suas aplicações, associando tais conhecimentos à prática do professor em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação não-verbal. Interação Conversacional. Formação de professores. Linguagem Corporal. Gestos Batutas.

ABSTRACT

The classroom is an environment in which the communication between teacher and student becomes fundamental, because through language, information is conveyed and interpersonal contacts are established. In this sense, the present research brings a reflection on nonverbal communication, interrelated to speech, carried out by the gestures of the teacher in the middle school classroom, starting from the hypothesis that nonverbal communication is one of the indispensable elements in the interaction with face, although still unknown by many teachers, and can become a very useful tool in the teacher's daily life. Following these assumptions, the research has its origin in the following problematic: in what way do illustrative baton gestures of the teacher, semantically associated with speech, influence the conversational interaction between teacher and student? To answer this question, this research was developed through a qualitative approach of ethnographic nature, with the objective of investigating the presence of illustrative manual baton gestures in the interaction between teacher and student. In order to verify this situation, a research was carried out at the Federal Institute of Paraíba (IFPB), Cajazeiras-PB campus, with a 2nd year middle class integrated to the Electromechanical Technician. As instruments for the collection of information, we opted for the participant observation through which the data was collected through filming with audio and video record of the teacher in the classroom. Then the data were analyzed and selected in photographs for the identification of the gestures. As a theoretical reference, this research was based on studies by Lyons (1987), Martino (2010) and Perles (2007), on Communication Theory; Rector and Thirty (1985, 1999), Davis (1979), Goman, (2001), Cohen (2009) and Guiroud (2001) on Nonverbal Communication; Kebrat-Orecchioni (2010) and Marcuschi (1986), on the Analysis of the Conversation; Alves (2008), Morin (2002) and Aranha (2006), regarding teacher training; Netto (2008) and Severino (2007), referring to the Methodology of scientific work; André (1995) and Angrosino (2009), with regard to ethnographic research. For the recording and analysis of illustrative baton gestures, the corpus was dismembered in Interactive Moments, taken as units of analysis, providing a more detailed observation of the gestural situations. As a result of the observations and analysis of the data, through the triangulation between the gestural component, the verbal component and the gesture-related message were detected, which the illustrative baton gestures participate in the conversation and assist in the construction of meanings, performing movements with meaning. In this way, the relevance of the teacher's clarification about the body language itself in the classroom was perceived. It is hoped that this research may serve as a stimulus to the discussion on the subject in the sense of applying it to teacher training, contributing to expand the possibilities and the pedagogical resources in the classroom. For this, an illustrated guide was developed on nonverbal communication, providing basic information to the teacher about nonverbal communication, clarifying about the main scientific foundations and their applications, associating such knowledge with the practice of the teacher in the classroom.

KEYWORDS: Nonverbal communication. Conversational Interaction. Teacher training. Body language. Gestures baton

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	– Desenho ilustrativo dos gestos das mãos	24
Figura 02	– A organização do espaço pessoal	35
Figura 03	– Demonstrativo das posições das mãos	51
Figura 04	– Momento interativo 01 – Gesto batuta com as duas mãos	71
Figura 05	– Momento Interativo 01 – Gesto batuta com as duas mãos	72
Figura 06	– Momento Interativo 01 – Gesto batuta com as duas mãos	73
Figura 07	– Momento Interativo 01 – Gesto batuta com as mãos para baixo	74
Figura 08	– Momento Interativo 02 – Gesto batuta com mão e braços abertos	79
Figura 09	– Momento interativo 02 – Gesto batuta com as duas mãos.....	80
Figura 10	– Momento interativo 02 – Gesto batuta com mãos abertas para o alto	81
Figura 11	– Momento Interativo 02 – Gesto batuta em posição de “torre”	82
Figura 12	– Momento Interativo 02 – Gesto batuta com uma das mãos	83
Figura 13	– Momento Interativo 03 – Gesto batuta com as duas mãos	90
Figura 14	– Momento Interativo 03 – Gesto batuta com a mão direita	91
Figura 15	– Momento Interativo 03 – Gesto batuta com a mão direita.....	92
Figura 16	– Momento Interativo 03 – Gesto batuta em forma de “bolsa”	93
Figura 17	– Momento Interativo 03 – Gesto batuta em forma de “bolsa”	94
Figura 18	– Momento Interativo 03 – Gesto batuta com a mão direita	94
Figura 19	– Momento Interativo 03 – Gesto batuta com a mão direita	95
Figura 20	– Momento Interativo 03 – Gesto batuta com mão direta	96
Figura 21	– Momento Interativo 03 – Gesto batuta com mão direta	96
Figura 22	– Momento Interativo 03 – Gesto batuta com a mão em posição vertical .	97
Figura 23	– Momento Interativo 03 – Gesto batuta com a mão em posição vertical .	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	– Normas para transcrição da conversação	64
Quadro 02	– Transcrição do Momento Interativo 01	67
Quadro 03	– Descrição dos gestos batutas do Momento Interativo 01	67
Quadro 04	– Transcrição do Momento Interativo 02	75
Quadro 05	– Descrição dos gestos batutas do Momento Interativo 02	76
Quadro 06	– Transcrição do Momento Interativo 03	84
Quadro 07	– Descrição dos gestos batutas do Momento Interativo 03	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
------------------	----

CAPÍTULO I

1 A COMUNICAÇÃO VERBAL E NÃO-VERBAL COMO MECANISMOS DA INTERAÇÃO HUMANA	14
1.1 A CINÉSICA: OS MOVIMENTOS (GESTOS) DO CORPO	20
1.2 A PROXÊMICA: A POSIÇÃO ESPACIAL DO CORPO	33
1.3 A PARALINGUAGEM: OS SONS NÃO VERBAIS DO CORPO	37

CAPÍTULO II

2 A COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL NA INTERAÇÃO CONVERSACIONAL ENTRE PROFESSOR E ALUNO	40
2.1 A INTERAÇÃO DA/NA SALA DE AULA ATRAVÉS DOS GESTOS BATUTAS	44
2.2 A CONVERSACÃO COMO MECANISMO SINGULAR À INTERAÇÃO HUMANA.....	52

CAPÍTULO III

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	56
3.1 A PESQUISA ETNOGRÁFICA	57
3.2 <i>LÓCUS</i> DA PESQUISA	60
3.3 O PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	60
3.4 EXECUÇÃO DA PESQUISA	61

CAPÍTULO IV

4 CATEGORIAS DE ANÁLISE: OS MOMENTOS INTERATIVOS.....	66
4.1 MOMENTO INTERATIVO 01	66
4.1.1 Análise do Momento Interativo 01	70
4.2 MOMENTO INTERATIVO 02	75
4.2.1 Análise do Momento Interativo 02	78
4.3 MOMENTO INTERATIVO 03	84
4.3.1 Análise do Momento Interativo 03	89

CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
-----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS	103
--------------------------	------------

APÊNDICE.....	107
----------------------	------------

ANEXOS.....	134
--------------------	------------

INTRODUÇÃO

Embora a disseminação do conhecimento e a formação humana não ocorram somente através da educação em um espaço escolar, a sala de aula é a principal forma de utilização de um ambiente de aprendizagem coletiva e, nesse sentido, a relação entre professor e alunos através da comunicação é fundamental para a obtenção dos resultados desejados.

As novas tecnologias da informação propiciam o surgimento de diferentes formas de interação, bem como dos instrumentos e ferramentas de aprendizagem. Há, inclusive, situações em que o ambiente clássico escolar, ou seja, presencial e coletivo de aprendizagem, é substituído por um processo em que o aluno encontra-se distante corporalmente do professor e dos demais colegas, como no caso das salas de aulas virtuais. Assim, mesmo com o surgimento de outras formas, o contato entre dois ou mais indivíduos compartilhando o conhecimento ainda é o principal modelo de ensino e aprendizagem.

Dessa maneira, a comunicação entre professor e aluno torna-se crucial para que os objetivos didático-pedagógicos sejam atingidos. Essa conversação, muitas vezes, é percebida somente pela utilização da linguagem verbal, já que a palavra tem sido, geralmente, eleita como a forma principal de expressão do pensamento e, conseqüentemente, da construção do raciocínio. Entretanto, a comunicação face a face entre duas ou mais pessoas ocorre por meios verbais (palavras ou signos linguísticos) e não verbais, tais como a postura, a paralinguagem, o contato visual, as expressões faciais, a proximidade, o toque e os gestos. Todos esses elementos participam da constituição da interação comunicativa, contribuindo para a inteligibilidade.

Durante uma conversação, de acordo com Cohen (2009), a face dos interlocutores é o espaço mais observado com uma concentração de 25% das atenções. Entretanto, apesar de ocupar 12% das atenções, as mãos são responsáveis pela maior quantidade de possibilidade comunicativa, pois, conforme Davis (1979), há mais de 700.000 possibilidades de comunicação através das mãos, contando com a participação dos braços, munheca e dos dedos.

A sala de aula é um espaço em que boa parte do tempo as atenções dos alunos estão voltadas para o professor e a *performance* de sua imagem. Os alunos observam o professor e, ao mesmo tempo, constroem uma imagem dele, de modo que mesmo em situações nas quais há mudanças significativas entre a organização mobiliária da sala, um laboratório, por exemplo, há interação entre professor e aluno. Dessa forma, espera-se que, durante uma aula, os alunos interajam entre si e com o professor e que esse contato promova uma comunhão de conhecimentos.

Considerando que os professores utilizam gestos corporais durante as aulas, esta pesquisa busca analisar a interação conversacional realizada pelo professor em sala de aula com seus alunos, partindo da seguinte questão-problema: de que forma os gestos batutas ilustrativos do professor, associados semanticamente à fala, influenciam na interação conversacional entre professor e alunos? Assim, propõe-se uma reflexão sobre a utilização da comunicação gestual em sala de aula, reconhecendo a relevância da difusão desse conhecimento nos cursos de formação de professores, mais especificamente, na educação básica.

Diante disso, esta pesquisa tem o objetivo de descrever e analisar a presença dos gestos ilustrativos batutas na interação conversacional do professor durante as aulas no 2º ano do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Eletromecânica do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) – *campus* Cajazeiras-PB.

A metodologia utilizada para a realização deste estudo tem apoio na pesquisa etnográfica como método, já que os dados foram colhidos a partir da prática diária de uma professora. Para a execução da pesquisa, inicialmente, fez-se o registro da prática docente da professora participante da pesquisa, em imagem e áudio, com câmera digital. Após o registro das imagens, procedeu-se à observação e à seleção dos gestos para a triagem das fotos com os movimentos gestuais. As imagens com os gestos selecionados foram copiadas para um programa de edição de vídeo (*Video to foto*) e depois separadas por fotografias que mostram o percurso de cada movimento gestual analisado na dissertação. A descrição dos gestos observou a posição das mãos, o movimento realizado, assim como os aspectos de frequência, intensidade e amplitude. A interação gestual das mãos foi analisada, levando-se em consideração a triangulação entre o contexto, o componente verbal e a gesticulação. Para o registro e análise dos gestos ilustrativos batutas do professor, o *corpus* foi desmembrado em Momentos Interativos como unidades de análise, propiciando uma observação mais detalhada das situações gestuais.

A estrutura organizacional desta dissertação está dividida da seguinte forma: introdução, quatro capítulos, considerações finais, referências, apêndice e anexo. No **capítulo I**, discute-se sobre a Comunicação verbal, a Comunicação não-verbal e a Análise da Conversação. No **capítulo II**, a ênfase está na relação entre a Comunicação não-verbal e na interação conversacional entre professor e aluno, relacionada à formação de professores. No **capítulo III**, evidenciam-se os procedimentos metodológicos adotados, destacando-se as etapas da pesquisa, o contexto, o perfil dos participantes e o método de coleta dos dados, bem como os procedimentos de descrição e análise. No **capítulo IV**, são apresentadas as categorias de análises divididas em Momentos Interativos, contendo a transcrição conversacional, o registro,

descrições e análises dos gestos, bem como as imagens dos movimentos gestuais selecionados. Por fim, como produto final desta pesquisa, foi elaborado um guia pedagógico intitulado “A Comunicação não-verbal em sala de aula: um guia sobre a linguagem corporal do professor”, apresentando os fundamentos básicos da Comunicação não-verbal, relacionando-a à atividade docente, para que possa servir de orientação aos professores, especialmente do ensino médio.

Esta pesquisa foi fundamentada em autores da Teoria da Comunicação: Lyons (1987), Martino (2010), Perles (2007); da Comunicação não-verbal: Rector e Trinta (1986; 1993), Cohen (2009), Davis (1979), Pease e Pease (2005), Guiraud (2001); da Análise da Conversação: Kebrat-Orecchioni (2010), Marcushi (1986); da Formação de professores: Alves (2008), Aranha (2006), Morin (2002); da Metodologia da pesquisa: Netto (2008), Severino (2007); e da Pesquisa etnográfica: André (1995), Angrosino (2009). Além disso, também utiliza-se das pesquisas de Rodrigues (2010), Richmond (2001), Vasconcellos e Otta (2003).

Através das discussões suscitadas nesta pesquisa, que evidenciam a importância da linguagem gestual na prática docente, concluiu-se que tal conhecimento deve ser melhor aproveitado pelos professores. Para tanto, precisa fazer parte da formação docente, tornando-se um instrumento a mais do processo educacional, favorecendo o contato com os alunos e o processo de ensino-aprendizagem.

Assim, espera-se que esta pesquisa possa auxiliar outros estudos sobre a linguagem não-verbal em sala de aula, estimulando outros pesquisadores a divulgar a importância da linguagem “silenciosa” do corpo.

CAPÍTULO I

Neste capítulo, apresentam-se as bases teóricas da pesquisa, partindo do conceito de comunicação através de uma abordagem que envolve a Teoria da Comunicação e seus elementos, especialmente, a noção de código. Destacam-se também os fundamentos da Comunicação não-verbal e os seus recursos, aprofundando-se na discussão a respeito do gesto e sua tipologia.

1 A COMUNICAÇÃO VERBAL E NÃO-VERBAL COMO MECANISMOS ORGANIZACIONAIS DA INTERAÇÃO HUMANA

O vocábulo “comunicação” não é simples de ser conceituado, haja vista o fato de envolver várias áreas do conhecimento, de forma multidisciplinar. Etimologicamente, “comunicação” vem do latim *communicare*, que significa tornar comum, compartilhar, trocar informações, associar, conferenciar, interagir. O ato de comunicar denota troca de mensagens, interação, de modo que a comunicação se torna possível a partir de uma mutualidade.

Dubois (1998, p. 129) afirma que “a *comunicação* é a troca verbal entre um falante, que produz um enunciado destinado a outro falante”. Este conceito relaciona o ato comunicativo à interação verbal, estabelecendo como base conceitual a comunhão de informações para a qual, no mínimo, deve-se ter a participação de dois interlocutores, reforçando, assim, o caráter interativo da linguagem. Perles (2007, p. 4) destaca que a comunicação “é um processo de partilha multidirecional possibilitando a existência das relações interpessoais e dos seus sistemas e que tem como objetivo o entendimento entre os homens”. Visto dessa forma, a comunicação se vale dos mais variados recursos, além da verbalização. Por isso, diante de uma situação comunicativa, existem mensagens cujos significados são interpretados através de sinais corporais essenciais ao pleno entendimento dos participantes. Para Lyons (1987, p. 29, grifos do autor), a comunicação começa com “um **sinal** que deve ser transmitido de um **emissor** para um **receptor** (ou grupo de receptores) através de um **canal** de comunicação”. De acordo com essa visão, o sinal transmite o significado (ou mensagem) e essa mensagem é transmitida através de um código. Essa abordagem destaca a codificação e a decodificação como principais responsáveis pela composição semântica da troca de informações. Ocorre, no entanto, que a discussão acerca da natureza do código, muitas vezes, privilegia a verbalização e, em contrapartida, escamoteia os outros recursos não verbais presentes na comunicação. Por isso,

esta pesquisa percebe a necessidade de uma compreensão abrangente do conceito de código, como se observa em Dubois (1998, p. 114):

O código pode ser formado de sinais de natureza diferente: sons (código linguístico), signos escritos (código gráfico), sinais gestuais (como o movimento de braços de um homem que segura uma bandeira num barco ou numa pista do aeroporto), símbolos como painéis de sinalização de trânsito, ou ainda, sinais mecânicos como as mensagens datilografadas em morse, etc.

Assim, o código é o meio pelo qual a mensagem se propaga, tornando possível a decodificação. Pode ainda assumir várias formas, por isso, chega-se à conclusão de que a comunicação não-verbal, assim como a verbal, também transmite códigos por meio de gestos e outros aspectos típicos desta modalidade comunicativa.

Para Rector e Trinta (1993, p. 8),

Comunicação é, então, a própria prática cotidiana das relações sociais: conservar aparências e guardar distâncias; vestir a roupa da moda; adotar tal ou qual atitude em relação a esta ou aquela pessoa; falar num certo tom de voz e assim por diante.

Nesse sentido, compreendendo que a comunicação é uma troca de informações, pode-se afirmar que existe comunicação entre máquinas e entre os seres vivos em geral, já que troca de informações pode estar presente em ambos os casos. Entretanto, comunicar é diferente de interagir, e quando se trata de comunicação humana, é visível o caráter social que envolve o conceito. O contato, a interação, propiciados pelo ato comunicativo, provocam também uma transformação do indivíduo que, ao se comunicar, acessa informações novas.

A teoria da Comunicação, embora tenha contribuído, consideravelmente, para o desenvolvimento de estudos acerca de como as pessoas se comunicam, passou a ser criticada por desconsiderar os processos interativos presentes em uma conversação. Quando as pessoas conversam, também interagem e, nessa perspectiva, há vários outros aspectos a serem observados, além dos “Elementos da Comunicação” propostos por Roman Jakobson.

Birdwhistell (1970 *apud* RODRIGUES, 2010, p. 20) afirma que “a comunicação é um sistema pelo qual o ser humano estabelece uma conexão lógica e previsível na vida”. Percebe-se que o autor expõe a comunicação como um fenômeno essencialmente social, interativo, responsável pelo estabelecimento de vínculos entre o ser e o meio, capaz de promover uma reflexão do ser acerca de si e do mundo a sua volta.

Dessa forma, a comunicação deve ser vista como um fenômeno interpessoal cuja interação provoca uma expansão do próprio universo mental de cada um. O contato entre as pessoas faz com que elas compartilhem conhecimentos e construam uma realidade que transcende a percepção sensorial. Assim, a realidade é percebida não somente pelo indivíduo, mas pela comunicação que este estabelece como outro. Como afirma Martino (2010, p. 76):

De todos os fatos e eventos da realidade, apenas uma porção mínima ultrapassa os limites da experiência imediata. A realidade coincide com o alcance dos sentidos em sua relação com atividades mentais responsáveis por processar esses dados. A comunicação pode vista como uma maneira de expandir o universo mental de uma pessoa na troca de significados com outros indivíduos. Na vida social, esse procedimento tende a se expandir em quantidade e complexidade. Os conceitos práticos de um grupo ganham validade no momento em, que são compartilhados por outro. Essa esfera de significados existentes de maneira objetiva – na medida em que são reconhecidos por todos e não pertencem a nenhum indivíduo em particular –, construída na intersubjetividade a partir de relações de trocas de significado – e, portanto, relações comunicativas – pode ser entendida como realidade.

O caráter interativo da comunicação também diz respeito à construção coletiva de significados em que o texto é tomado como um resultado do contato que se estabelece entre os interlocutores. Tal interação é estabelecida não somente através de palavras, mas de todo um “pacote” comunicativo que envolve também o contato corporal que se dá através da comunicação não-verbal.

A noção de comunicação abrange muitas possibilidades e formas, pois a troca de informações faz parte da própria vida. Entretanto, o conceito no qual esta pesquisa está inserida alude à situação comunicativa em que “a situação de comunicação é definida: (1) pelos participantes da comunicação, cujo papel é determinado pelo *ego* (ou eu), centro da enunciação; (2) pelas dimensões espaço-temporais do enunciado ou contexto situacional” (DUBOIS, 1998, p. 129-130).

Baitello (1998, p. 11) aponta que “todo processo comunicativo tem suas raízes em uma demarcação espacial chamada corpo. O que se denomina ‘comunicação’ nada mais é que a ponte entre esses dois espaços distintos”. Baitello (1998) estabelece o processo comunicativo como uma relação de vínculos entre “corpos” e afirma que o início desse processo ocorre no momento do nascimento, no qual ocorrem as primeiras trocas entre o ser e o meio. Dessa forma, estabelece o início da comunicação corporal como componente social, os primeiros contatos entre o bebê, a mãe e o mundo, ou seja, “o momento da criação de vínculos de linguagem entre a mãe e o bebê será a matriz primeira da complexa comunicação social” (BAITELLO, 1998, p.

11). Desse modo, a comunicação entre o ser humano e o mundo inicia-se através do contato corporal, da troca de temperatura, da respiração, do choro, entre outros recursos não verbais, em um sistema no qual o corpo é o centro da comunicação.

O corpo não se dissocia da mente, ao contrário, ele se integra em um sistema (corpo e mente) que promove a integração entre o ser o meio social e o outro. Essa visão converge com o conceito de corporeidade proposto por Hugo Assmann: “Estar vivo neste planeta consiste, essencialmente, na interação ativa de corpos, inteiramente em si mesmos e com seu mundo-ambiente. Ao empregar o conceito de corpo, é fundamental manter-se atento a tudo o que ele implica, ainda mais se pretendemos espriar o conceito de Corporeidade como coextensivo à vida.” (ASSMANN, 1994, p.67.) Dessa forma, observa-se, o corpo como fonte de informação e de interação. Ele possui uma linguagem própria que se estabelece pelo contato com outros corpos, integrando-se à fala e ao ambiente, transcendendo os limites biológicos, tornando-se não somente o “veículo”, mas a própria comunicação.

O ato comunicativo se utiliza da comunicação verbal e não-verbal. Durante uma conversação, há aspectos que, muitas vezes, passam despercebidos pelos falantes, pois a maior parte das atenções está voltada para a ocorrência da verbalização. A comunicação não-verbal (doravante CNV) participa do ato comunicativo, os sinais, os gestos, o olhar, a paralinguagem são aspectos corporais que podem interferir no relacionamento entre as pessoas, podendo influenciar na significação do texto, causando, inclusive, um efeito que pode auxiliar ou contrariar o que se pretende comunicar.

A CNV é parte indissociável da interação face a face, mesmo quando se tratam de robôs, um dos maiores desafios em torná-los mais semelhantes aos humanos é justamente dar-lhes expressões de emoções como, por exemplo, o franzir da testa, piscar de olhos e de outros aspectos da linguagem corporal. Sobre a importância da linguagem e da comunicação não-verbal, Davis (1979, p. 178) afirma:

Mas, na conversa cara a cara, a linguagem se desenvolve também e, a estas alturas, deve ter ficado bem clara a importância desse contexto. Alguns cientistas afirmam que sem os elementos não-verbais, a troca de mensagens verbais seria impossível.

A comunicação verbal é realizada de forma consciente, salvo os casos em que “se diz o que vem à cabeça” ou se expressa sem ponderação. Nesse caso, pode-se falar em verbalização inconsciente, mas, em geral, o que ocorre é que na comunicação verbal as palavras passam pelo processo de escolha do falante. A comunicação não-verbal também pode manifestar-se de

forma pensada, treinada; no entanto, como está relacionada à cultura, aos costumes e hábitos, expressa-se bastante de forma involuntária, condicionada.

As pesquisas acerca da CNV têm origem, segundo Cohen (2009, p. 27), nos estudos de Charles Darwin ao publicar “A expressão das emoções no homem e nos animais”. O referido naturalista investigou a relação entre os gestos humanos e animais. Ao perceber que os macacos gesticulavam constantemente, Darwin pediu a cientistas do mundo inteiro que lhes enviassem exemplos interessantes dessa “linguagem animal”, como chamava. Apesar dessas observações, sua pesquisa nessa área estava mais concentrada na semelhança entre o humano e o animal, no que diz respeito à linguagem comportamental, ou seja, às manifestações do corpo. Em relação a animais, também “Há estudos de comunicação não-verbal em cães, gatos, cavalos e até vacas. Chipanzés e gorilas usam sistemas complexos de comunicação não-verbal – nós temos muito em comum com eles” (COHEN, 2009, p. 13).

De acordo com Cohen (2009), na década de 1960, mais especificamente, no ano de 1967, foi publicado o livro *The Naked Ape* (Macaco nu – um estudo do animal humano), de Desmond Morris, que fez bastante sucesso. Nesse livro, o autor afirma que grande parte do comportamento humano é similar ao dos macacos. Essa afirmação faz sentido, pois boa parte da CNV ocorre de forma involuntária, ou seja, há manifestações corporais, sinais emitidos, que ocorrem sem que o próprio emissor perceba. Como afirmam Pease e Pease (2005, p. 19), “como qualquer outra espécie, somos ainda dominados por regras biológicas que controlam nossas ações, reações, linguagem corporal e gestos.”

Em relação ao estudo específico dos gestos, Rector e Trinta (1985, p. 28) dizem que em “um dos primeiros estudos sobre a linguagem dos gestos, realizado em 1870, W. Wundt, conserva o dualismo entre gesto (símbolo) e ideia, assim como entre processo sensorio e conteúdo psíquico”. Este autor investigou a relação entre a CNV e a expressão dos chamados sentimentos simples (excitação-repressão/ prazer-aversão/ tensão-alívio) e as manifestações afetivas. Dessa forma, o autor buscou uma explicação para a ocorrência dos gestos como uma reação emotiva.

Conforme Pease e Pease (2005, p. 17), “Albert Mehrabian, pioneiro da pesquisa da linguagem corporal na década de 1950, apurou que em toda comunicação interpessoal cerca de 7% da mensagem é verbal (somente palavras), 38% é vocal (incluindo tom de voz, inflexão e outros sons) e 55% é não-verbal”. Já na década de 70, Applbaum, Bodaken, Sereno e Anatol (1974 *apud* RECTOR; TRINTA, 1985) declaram que 35% do significado é verbal, em contraposição a 65% dito não-verbal”.

Entre as décadas de 1970 e 1980, segundo Pease e Pease (2005, p. 18), a análise de milhares de entrevistas e negociações revelou que

A linguagem corporal responde por 60 a 80% das mensagens transmitidas na mesa de negociação e que pessoas formam de 60 a 80% de sua opinião sobre um recém-chegado antes de completados os primeiros quatro minutos de conversa.

O que corrobora a ideia de que a maioria das pessoas, numa conversação face a face, toma suas decisões finais mais pela linguagem não-verbal do que pela linguagem verbal.

Atualmente, há várias obras sobre a comunicação não-verbal. As pesquisas ocorrem nas mais diferentes áreas, como declara Santos (2007, p. 1):

Na época contemporânea, a comunicação multicanal tem sido requerida por etnólogos, antropólogos, sociólogos, psiquiatras, dentre outras especificidades, o que prova a sua plurifuncionalidade, evidenciando assim laços com o não-verbal.

Desse modo, o aumento no interesse pela CNV, provavelmente, está relacionado à sua importância no processo intercomunicativo e na relação de compreensão mútua. Essa importância é evidenciada pelo papel que a CNV desempenha no sistema total de comunicação.

143 Apesar de a linguagem verbal ainda ser o foco das atenções de boa parte dos linguistas, a CNV tem despertado o interesse nas mais diversas áreas do conhecimento. Também há um maior acesso às informações, seja através de livros, pesquisas, manuais, cursos, de modo que “hoje, todos nós temos muita consciência disso, ao menos no mundo desenvolvido. Não somos mais ingênuos sobre alguns dos sinais óbvios da linguagem corporal, o que torna o assunto mais complicado e interessante para entender e observar” (COHEN, 2009, p. 35).

Enquanto a comunicação verbal possui códigos bem definidos de representação através de signos, a linguagem corporal é aprendida, em geral, com a convivência e, diferentemente da verbal, apresenta-se sem o mesmo processo de codificação. Ainda assim, é uma linguagem amplamente praticada e de fácil entendimento, como observou o antropólogo e linguista alemão Edward Sapir (1949 *apud* DAVIS, 1982, p. 9): “Respondemos aos gestos com uma extrema vivacidade e, quase se poderia dizer, segundo um código elaborado e secreto que não está escrito em parte alguma, não é conhecido por ninguém, mas compreendido por todos”.

Não é somente com movimentos corporais de toque, aproximação, gestualidade, sorrisos, contato visual etc., que se estabelece uma conversação através da CNV. O vestuário,

por exemplo, também informa, comunica a respeito de quem o utiliza. Rosário (2003, p. 59) destaca que a escolha pelo uso de determinada vestimenta “tange às características [da pessoa], uma delas é de ordem estética e visa encobrir o feio e descobrir o belo”. Rosário (2003) afirma que o uso de adereços, objetos pessoais e maquiagem para ressaltar e destacar alguma parte do corpo ou esconder alguma imperfeição são elementos que anunciam um “algo a mais” acerca da própria pessoa.

A definição de Kendon sobre a comunicação não-verbal é a que mais representa esta pesquisa. Segundo ele, “A comunicação não-verbal é aquela frequentemente usada para denominar todos os modos pelos quais a comunicação se efetua entre pessoas, quando em presença uma das outras, por meios que não palavras” (KENDON, 1981 *apud* RECTOR; TRINTA, 1985, p. 31). Tal definição resume bem o que foi exposto anteriormente. A CNV não é uma questão análoga ao signo verbal, já que engloba vários aspectos de diferentes naturezas.

Argyle (1988 *apud* SANTOS, 2007, p. 3) determina as cinco principais funções do comportamento não-verbal: 1. Expressões da Emoção – as emoções são expressas, principalmente, através do rosto, corpo e voz; 2. Comunicação de Atitudes Interpessoais – estabelecimento e manutenção de relações, muitas vezes, feito através de sinais não verbais (tom de voz, olhar, toque etc.); 3. Acompanhar e dar suporte à fala – Vocalização e comportamentos não verbais são sincronizados com o discurso na conversa (acenando com a cabeça ou usando frases como “uh-huh” quando o outro está falando). Essas funções que se manifestam em uma interação comunicativa são canalizadas através de recursos da CNV que foram classificados, de acordo com Rector e Trinta (1986), em três grupos: a cinésica (não vocal, não-verbal), a proxêmica (não vocal, não-verbal) e a paralinguagem (vocal, não-verbal). Para fins de análise, esta pesquisa aborda detalhadamente cada um dos grupos relacionados, considerando as subdivisões que cada grupo apresenta, iniciando-se pela cinésica, por se tratar do foco da pesquisa, pois é na cinésica que se estudam os gestos.

1.1 A CINÉSICA: OS MOVIMENTOS (GESTOS) DO CORPO

A cinésica é o estudo da comunicação não-verbal no que diz respeito aos movimentos corporais voluntários ou involuntários, dotados de significação, utilizados durante uma interação comunicativa e inseridos em um contexto sociocultural. A cinésica (do inglês *Kinesics*, do grego *Kinesis*, “movimento”) é um termo científico que diz respeito ao estudo dos movimentos do corpo. O conceito que mais se adéqua a esta pesquisa é o de Cestero Mancera (2006 *apud* LÁZARO, 2009, p. 8):

A Cinésica é o estudo sistemático que se refere aos movimentos corporais não verbais, à percepção visual e às posições do corpo, conscientemente ou não, que possuem um valor comunicativo fundamental no processo de comunicação não-verbal combinado com a estrutura linguística-paralinguística do homem.

Para a cinésica, interessam os movimentos corporais relacionados à comunicação não-verbal que podem ser realizados pelas mãos, pés, cabeça ou mesmo com todo o tórax, também diz respeito às posições do corpo, configurando uma relação entre corpo espaço e tempo. De acordo com Santos (2007, p. 24), a cinésica é a relação simultânea de um movimento corporal no tempo e no espaço, pois o ser humano, em um ato comunicativo, está, geograficamente, em um lugar, vivendo um momento histórico”.

Guiraud (2001, p. 59) associa a cinética à gestualidade, quando afirma que “a *cinésica* é o estudo dos gestos e mímicas utilizados como signos de comunicação, quer por si só, quer como acompanhamentos da linguagem articulada”.

As ações corporais estudadas pela cinésica são aquelas dotadas de significação, de modo que possam transmitir informação. Dessa forma, somente interessa à cinética os movimentos voluntários ou involuntários que possuam alguma carga semântica. Nesse ponto de vista, nem todo movimento corporal é estudado pela cinésica, por exemplo, alguém que salta uma poça d’água pode somente executar uma ação cuja finalidade é sua própria execução. É interessante observar que a ação anteriormente descrita, ao fazer parte de uma encenação teatral, será objeto de estudo da cinésica, pois, neste caso, não se trata da ação em si, mas da sua representação, retratada através de uma ilustração gestual à narrativa.

Segundo Rector e Trinta (1993, p. 51), o antropólogo norte-americano Ray Birdwhistell que, em duas obras, expôs, discutiu e ilustrou os princípios básicos, foi o primeiro a utilizar o termo “cinética” referindo-se à CNV.

A denominação que existe data dos anos 40, Rector e Trinta (1993, p. 49) concordam com a simultaneidade espaço-temporal do gesto e afirmam que a cinésica é a disciplina que estuda a “descrição das posições e da movimentação do corpo humano” e que os movimentos estudados podem ser transcritos através do que denominam de “transcrição cinésica”. Muitas vezes, essas transcrições visam analisar micro movimentos que são denominados “cines”. Uma sequência de vários cines forma o que se conhece por cinema.

Gardner, em sua teoria sobre as inteligências múltiplas, defende o que ele denomina como inteligência corporal-cinestésica cujas características são: as funções corporais desenvolvidas, habilidades miméticas, controles dos movimentos pré-programados, controle dos movimentos voluntários. Tal inteligência é percebida na capacidade de controle das ações

corporais, não somente pela escolha da ação a ser executada, mas também de como ocorre a ação no que diz respeito à intensidade, à força, a velocidade, à coordenação etc. como se observa a seguir:

executar uma sequência mímica ou bater numa bola de tênis não é resolver uma equação matemática. E, no entanto, a capacidade de usar o próprio corpo para expressar uma emoção (como na dança), jogar um jogo (como num esporte) ou criar um novo produto [...] é uma evidência dos aspectos cognitivos do uso do corpo (GARDNER, 1995, p. 24)

Dessa forma, a expressão corporal é colocada além da instância mecânica, os movimentos corporais são formatados diante da necessidade do indivíduo em se expressar e se relacionar com o outro. Gardner relaciona os movimentos corporais aos “aspectos cognitivos do corpo”, ou seja, o corpo não se movimenta ao acaso, quando o faz é com um objetivo determinado, e para atingir tal meta se vale de variados recursos de controle dos movimentos. Essa é uma abordagem interessante, pois compreende os movimentos corporais como uma manifestação de uma inteligência específica. A inteligência corporal, sem dúvida, também colabora para aquisição e expressão da linguagem, do corpo. Entretanto, deve-se destacar que, para a Comunicação não-verbal, os movimentos cinésicos estão diretamente relacionados à possibilidade de comunicação através do corpo em que se objetiva transmitir informações, já Gardner se refere aos movimentos corporais cinésicos em geral.

Durante uma conversação, um dos recursos mais expressivos da comunicação cinésica são os gestos. Eles fazem parte da comunicação cotidiana, às vezes, substituindo a verbalização em determinadas ocasiões. A gestualidade está tão intrínseca à conversação diária que é praticamente impensável uma situação de interação conversacional face a face sem a utilização de tal recurso. Como esta pesquisa é dirigida à descrição e análise de gestos do professor em sala de aula, faz-se necessária uma abordagem detalhada desse recurso, partindo da noção geral do que é um gesto, passando pela classificação gestual e delimitando, enfim, os gestos batutas das mãos utilizados na interação conversacional do professor.

De todos os elementos que compõem a comunicação não-verbal, o gesto é o mais utilizado. Gesto é uma palavra originada do latim *gestus* que, de acordo com Rector e Trinta (1993, p. 23), refere-se à “maneira de proceder”, “atitude, movimento expressivo”, “forma nominal do verbo *gerere*” que significa “ter consigo, executar, produzir”. Ainda conforme Rector e Trinta, (1993, p. 23), “O gesto é, portanto, uma ação corporal visível, pela qual um certo significado é transmitido por meio de uma expressão voluntária”.

Dessa forma, entende-se que há uma separação nítida entre uma reação involuntária como, por exemplo, as expressões de susto, e o que se pode considerar como gesto. Podem-se mostrar os dentes de boca aberta e não se tratar de um gesto, mas simplesmente de uma ação, como quando se está no dentista, por exemplo. Uma ação assim não é um gesto, pois não é um signo, não há uma interação conversacional. Entretanto, numa situação em que se envia um beijo para alguém, através do movimento da boca, muitas vezes associado a um movimento com a mão direcionando o beijo, trata-se de um gesto, porque há uma relação simbólica em que há troca de informações, estabelecendo uma conversação. O mesmo acontece se alguém, ao narrar um fato em que há um soco, faz o movimento como um elemento descritivo, ilustrativo da narração, é um gesto que, neste caso, é utilizado para acompanhar a fala, apoiando-a.

Assim como as palavras, os gestos também possuem polissemia, ou seja, um único signo gestual pode ser entendido de formas diferentes em contextos distintos. Um mesmo aceno de mão, por exemplo, pode ser utilizado para avisar da localização de alguém em meio a outras pessoas ou pode ser um aceno de despedida. Além do mais, como dizem Rector e Trinta (1986, p.78), um mesmo gesto pode também variar “segundo a intensidade, a força e a amplitude, permitindo múltiplas mensagens.”.

Apesar de fazer parte do ato comunicativo e estar sempre presente nas relações cotidianas em que há interação face a face, o gesto ocorre, muitas vezes, despercebido como afirma Davis (1979, p. 83):

A maioria das pessoas percebe a gesticulação alheia, mas, em geral, ignora-a, não lhe atribuindo nenhum sentido. Contudo esses gestos comunicam. Às vezes eles ajudam a esclarecer, quando a mensagem verbal não é muito clara. Em outros momentos eles revelam, de modo involuntário, as emoções.

O falante normalmente utiliza-se dos gestos sem se dar conta de que tais movimentos fazem parte da conversação e na sua influência diante do que se intenciona transmitir. Há situações em que os gestos ocorrem de forma involuntária, revelando estados de espírito que, dependendo da situação, podem comprometer a coerência do discurso. Isso ocorre porque existem situações nas quais o corpo age segundo o inconsciente.

É necessário, porém, distinguir entre uma reação instintiva e o gesto involuntário, já que ambos ocorrem na mesma condição de (in)voluntariedade. Rector e Trinta (1993, p. 24) dizem que, na maioria das vezes, os envolvidos em uma situação são capazes de distinguir entre uma ação proposital e uma involuntária “providos de sentido, de outros puramente acidentais ou pertinentes a modos individuais de expressão”. Além disso, é importante mencionar que o gesto

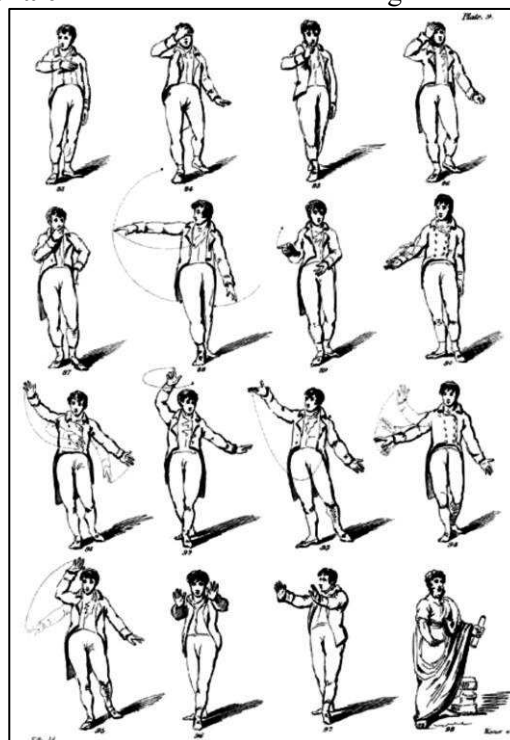
não é qualquer movimento corporal, por exemplo, um movimento de aproximação entre interlocutores pode não ser um gesto.

No Ocidente, o interesse pelo estudo dos gestos remonta à Grécia antiga. Inicialmente, as atenções se voltaram para a oratória. Pensava-se que os gestos de mãos combinados às palavras poderiam influenciar os espectadores e que esses recursos podiam ser utilizados intencionalmente pelo orador. Como exemplo, segundo Pereira (2010, p. 36), “pode-se citar a *Chironomia*, que é a arte do uso dos gestos das mãos e a obra *Institutio Oratória* de Marcus Fabius Quintilianus (30 a 95 d. C.)”.

Ainda de acordo com o Pereira (2010 p. 37), no século IV d. C., o retórico latino Julius Victor faz recomendações sobre a utilização dos gestos. No séc. XVII, Giovanni Bonifácio (1547-1645) publica um livro, exclusivamente, dedicado ao gesto, dividindo-o em duas partes: na primeira, uma descrição dos gestos corporais; na segunda, lida com gestos usados em determinadas profissões. Ainda no século XVII, Jhohn Bulwer (1606-1656) publica os tratados *Chirolgia, or the Natural Language of de hand* e *Chironomia e Art of Normal Rhetoric*, em 1644, em que exalta a aptidão das mãos e, em seguida, lista e discute 64 gestos das mãos, seguidos em sua maioria por ilustrações.

No século XIX, Gilbert Austin (1753-1837) escreve *Chironomia* (1806), no qual apresentou um sistema de notação dos gestos, conforme se verifica na Figura 01:

Figura 01 – Desenho ilustrativo dos gestos das mãos



Fonte: Austin (1806 *apud* PEREIRA 2010, p. 40).

Segundo Pereira (2010, p. 40), “Seu sistema de notação dos gestos apresentava uma representação do corpo em uma esfera imaginária, dentro da qual o falante movia seu corpo, pés, mãos na direção de um dos pontos demarcados”. Austin também apresentou vários desenhos ilustrativos dos gestos das mãos, identificando-os. Apesar da sua valiosa contribuição para o estudo dos gestos, tal autor não se aprofunda nos diferentes tipos gestuais.

Apesar de toda cronologia desse histórico, até então, nenhum desses estudiosos havia realizado uma abordagem em relação à espontaneidade dos gestos que acompanham a fala. Isso somente ocorreu com a pesquisa de David Efron, intitulada *Gesture and Environment* (1941) Como afirma Pereira (2010, p. 41),

Seu trabalho foi um marco de cientificidade pelo rigor de seu método realizando observações visuais, chegando a produzir filmes mudos em câmera lenta e inúmeros desenhos. Ele introduziu as categorias gestuais que têm sido a base de todos os esquemas classificatórios subsequentes de gestos, além do método de observação de gestos espontâneos no cotidiano.

Os estudos realizados por Efron, na década de 40, foram posteriormente retomados por Ekman e Friesen, os quais apresentaram um modelo de classificação da linguagem não-verbal gestual, estabelecendo cinco tipos de gestos: emblemáticos, ilustrativos, reguladores da interação, indicadores do estado emocional e de adaptação.

No século XX, surgem várias obras sobre o assunto, principalmente relacionadas ao comportamento no ambiente profissional e análise comportamental a partir da linguagem corporal. Nesse sentido, algumas obras estiveram listadas entre as mais vendidas, como é o caso de “O corpo fala”, de Roland Topakow e Pierre Weil, obra que faz análise através de ilustrações da linguagem involuntária do corpo. Ainda no século XX, Adam Kendon (1972-1988) publica um estudo que investigava os aspectos dos gestos, o seu papel na comunicação, na evolução da língua, apresentando, inclusive, uma convenção para a leitura do gesto, propondo, também, uma interação entre gesto e fala, estabelecendo a existência de uma unidade entre eles.

Atualmente, há várias pesquisas sobre a utilização de gestos na Comunicação. Semiótica, Análise da Conversação, Pragmática, Psicologia, Oratória, Psicomotricidade, Educação Física e a Robótica, entre outras áreas da ciência, têm requisitado o estudo da linguagem corporal. Nesta pesquisa, destacam-se a Comunicação e a Análise da Conversação para a fundamentação, descrição e análise dos gestos.

Os gestos possuem uma variedade de possibilidades tanto na articulação quanto na significação. Uma das dificuldades encontradas para seu estudo diz respeito ao fato de, muitas

vezes, gestos diferentes apresentarem aspectos bastantes semelhantes como se observa no comentário de Rector e Trinta (1993, p. 52):

Quando se trata de gestos tem-se um paradoxo: são bastante parecidos – e daí perguntar-se se há ou não ‘gestos universais’, quando universal mesmo é a *gesticulação*, em sua extensa gama de possibilidades significativas – e sempre diferentes, variando de cultura para cultura. Outro paradoxo, este originário de nosso esforço de compreensão científica, é a necessidade de recorrer-se a palavras para referir e explicar gestos.

Diante da variedade e da extensa possibilidade de significações, envolvendo, inclusive relações culturais, torna-se necessário, para a análise científica, o procedimento de classificação dos gestos. Essa tarefa torna-se mais complexa, pois é requerida uma identificação nominal que se torna mais difícil à medida que os gestos são utilizados nas mais diferentes culturas, apresentando variações de significado e uso. Mesmo assim, o sistema classificatório dos signos gestuais foi abordado por vários autores que estabelecem diferentes classificações. Segundo Rector e Trinta (1993, p. 60), uma das classificações mais adequadas é a apresentada por Paul Ekman e Wallace Friesen (1969 *apud* RECTOR; TRINTA, 1986, p. 89), que fazem um agrupamento dos gestos corporais “conforme o *uso*, a *origem* e a *categoria*”. Nessa concepção, o uso se refere aos fatores externos, ou seja, às circunstâncias ambientais que envolvem o ato não-verbal. A origem estabelece uma relação de causa ou o modo como o gesto foi incorporado ao repertório comunicativo do falante. E a categoria é uma classificação hierarquizada dos gestos. Neste caso, um gesto que esteja numa determinada categoria pode, em outro momento de utilização, figurar em outra, ou seja, a classificação dos gestos não é estanque. Conforme justificativa de Rector e Trinta (1986), “alguns gestos, em sua forma, e/ou seu significado, sobrepõem-se ou se confundem”.

Expandindo a classificação anterior, Knapp (1972 *apud* RECTOR; TRINTA, 1986, p. 89) apresenta novos elementos, denominando-os como: 1) emblemas; 2) ilustradores (gestos – batuta, ideográficos, dêiticos, espaciais, cinematográficos, pictográficos); 3) reguladores; 4) manifestações afetivas; 5) adaptadores. A classificação dos gestos varia dentre os autores que tratam do assunto. Entretanto, para fins de pesquisa, será adotada a classificação proposta por Knapp, que estabelece a seguinte divisão:

Os emblemas são gestos simbólicos, usados com bastante frequência nas relações sociais. Estes gestos são signos que fazem parte da cultura na qual estão inseridos. São usados pelo emissor com consciência e controle, por exemplo, o gesto de se “dar uma banana”, “indicar positivamente com o polegar”, “o aperto de mão”. São gestos que podem substituir

semanticamente a palavra, pois apresentam significados facilmente identificados. Alguns destes gestos, inclusive, possuem o mesmo significado em quase todas as culturas. O aperto de mão, por exemplo, cada vez mais comum no mundo inteiro, em alguns esportes, faz parte do ritual do jogo. Esses gestos utilizam como suporte as mãos, braços, músculos faciais, movimentos com a cabeça, entre outros.

Os ilustradores são gestos que acompanham a fala para enfatizar, acentuar o que se declara. Atuam como se “desenhassem” no ar o significado. É, dessa forma, uma “expressão” do significante. São signos gestuais aprendidos culturalmente, fazem parte do léxico coletivo e são facilmente identificados, por exemplo, quando alguém faz indicação de um endereço e demonstra também com as mãos como se chega lá. Como suporte, esses gestos se valem, principalmente, das mãos e dedos. Também é perceptível a ocorrência dos gestos ilustradores simultâneos à fala; nesse caso, há uma necessidade de afinidade entre o que se fala e o que se descreve ou se demonstra, caso contrário, a coerência do discurso como um todo, fala e gestos, pode ser colocada em questionamento, como informa Goman (2014, p. 42):

O neurocirurgião Spencer D. Kelly, da Universidade de Colgate, estuda os efeitos dos gestos utilizando um eletroencefalógrafo (EEG) para medir ‘potenciais eventos relacionados’ – ondas cerebrais que formam picos e vales. Um desses vales, apelidado de N400, ocorre em indivíduos aos quais se mostram gestos que contradizem aquilo que é dito. Este é o mesmo padrão de onda cerebral que tem lugar quando as pessoas escutam uma linguagem sem sentido.

Os gestos ilustradores apresentam ainda algumas variações, de acordo com Ekman (1969 *apud* RECTOR; TRINTA, 1986, p. 92), como se observa a seguir:

- a) *batuta* (ing. *Bâton*), isto é, um movimento que acentua ou enfatiza uma determinada palavra ou frase, como que ‘regendo’ a fala.
- b) *ideográficos*, isto é, movimentos que imprimem uma direção ao fluxo do pensamento;
- c) *dêiticos*, isto é, movimentos que servem para apontar um objeto;
- d) *espaciais*, isto é, movimentos que evidenciam uma relação de espaço;
- e) *cinematográficos*, isto é, movimentos que traduzem uma ação corporal;
- f) *pictóricos*, isto é, movimentos que esboçam uma imagem do referente.

Os reguladores são gestos que interferem no canal de comunicação, regulam e mantêm a comunicação durante a interlocução. Atuam na função fática da linguagem. São gestos que não possuem código específico, pois “estão na periferia do nosso consciente” (RECTOR; TRINTA, 1993, p. 62). Por isso, “são gestos difíceis de inibir”. Esses autores apontam para diferenças socioculturais na utilização dos gestos, pois os reguladores estão diretamente

relacionados às noções sociais de educação e etiqueta. Por exemplo, não é considerado “educado” interromper alguém que está falando, no caso, essa interrupção pode se manifestar com um gesto de se mostrar a palma da mão a alguém que estaria falando nesse momento. De outra forma, o gesto regulador pode indicar início ou continuidade da fala do interlocutor, como dizem Pease e Pease (2005, p. 38): “Quando você quiser que uma pessoa fale, espalme a mão para cima. Este é um gesto de ‘entrega’ que informa o outro que você está à espera de suas palavras, pronto para ouvir”. O suporte desses gestos pode ser através da gestualidade das mãos (incluindo dedos, braços,) cabeça, olhos, enfim, há diversas possibilidades de manifestá-los.

As manifestações afetivas são gestos que refletem estados de espírito, por estar relacionados à emoção, podem ser realizados com consciência do emissor ou inconscientemente. São gestos capazes de estabelecer e fortalecer a comunicação entre os interlocutores, como um sorriso, durante uma conversa pode ser estimulante para que o interlocutor continue. O contrário também pode ocorrer, ou seja, uma expressão de reprovação também pode interferir na comunicação do interlocutor. Como suporte, as manifestações afetivas se utilizam da gestualidade das mãos (incluindo movimento dos dedos e braços), cabeça e, principalmente, o rosto. Acerca da linguagem do rosto, Cohen (2009, p. 135) afirma que “Não há maneira melhor de saber o que o outro está pensando do que olhar para o seu rosto. Todos os músculos dão pistas e essas pistas funcionam na maioria das culturas – de Nova York a Nova Guiné”.

Os adaptadores são gestos utilizados para dar uma espécie de apoio ao emissor quando este, por algum motivo, sente-se inseguro. São gestos que decorrem de situações que forçaram o corpo a uma adaptação tal como estar impaciente e mexer continuamente um objeto entre os dedos. Ainda conforme Rector e Trinta (1986, p. 93), existem dois tipos de adaptadores: os auto-adaptadores e os alter-adaptadores. Os primeiros estão relacionados à utilização de partes do próprio corpo do emissor, como roer unhas, mexer os cabelos. Já os alter-adaptadores também são chamados de adaptadores objetuais. Ocorrem quando, em lugar do corpo, utilizam-se objetos como, por exemplo, alguém que toca com a mão em colar no pescoço sem que haja motivo, ou mesmo, ao caminhar pela calçada, arrasta-se a ponta dos dedos na parede. Como suporte, os gestos adaptadores utilizam-se basicamente da gestualidade das mãos, dedos, braços e pernas.

Dentre os gestos utilizados em uma determinada cultura, é possível estabelecer uma relação semântica de gestos com suas descrições, assim como se faz com as palavras, por exemplo. É certo que não se pode comparar a complexidade do signo linguístico ao signo gestual, como afirma Guiraud (2001, p. 72): “Que o conjunto de signos gestuais constitui

sistemas de oposições é verdadeiro [...] e não observamos nenhum deles cuja estruturação seja tão profunda e completa quanto à dos sistemas linguísticos”.

Apesar de haver outras propostas de classificações dos gestos, a distribuição apresentada por Knapp ainda é referência na literatura da área, pois se trata de uma divisão que leva em conta a função do gesto dentro do processo comunicativo. É óbvio que, tal como na comunicação verbal, a comunicação não-verbal também se apresenta em diferentes situações. Assim, um mesmo gesto pode ter classificações diferentes de acordo com o contexto e função exercida. Por exemplo, quando se mostra a mão em punho para alguém, espera-se que seja uma ameaça, ou seja, é um gesto emblema, apresenta uma significação simbólica. Esse mesmo gesto pode ser ilustrativo, fazendo parte de uma encenação. Por outro lado, também pode ser um gesto regulador, quando o ato de se fechar a mão indica a interrupção do som. Tal gesto, com a mão em punho, se colocado na própria boca em situação de nervosismo ou temor, será classificado como um gesto adaptador. Por isso, a classificação gestual não é estanque, é o contexto que irá determinar o que é dito e o que se diz através da linguagem gestual.

Os movimentos cinésicos, vistos neste capítulo, relativos à Comunicação não-verbal, são observados também no exercício docente em sala de aula. O professor, ao se comunicar com seus alunos, estabelece uma interação conversacional, por meio de recursos da Comunicação verbal e da Comunicação não-verbal.

Os gestos utilizados pelo professor, mesmo quando inconscientes, são percebidos pelos seus alunos, provocando reações diversas. Há situações em que a utilização de um gesto pode provocar antipatia nos alunos ou, ao contrário, pode também estimular o aluno justamente por provocar um estímulo visual. Dessa forma, entende-se o gesto com um possível aliado para despertar a atenção do auditório e, mais ainda, manter os olhos do aluno no professor, aumentando a chance de se estabelecer um compartilhamento de informações. Para isso, é necessário que o professor possua informações a respeito do efeito da utilização de determinados gestos durante suas aulas.

Durante uma interação conversacional, a área do rosto é a mais observada. O rosto pode transmitir informações de diferentes maneiras como o olhar, o movimento de canto boca, entre outros. A esses movimentos, dotados de significados, denominam-se expressões faciais. Trata-se de movimentos faciais voluntários ou involuntários realizados pelos músculos da face, capazes de estabelecer uma comunicação isoladamente e em conjunto com outro gesto corporal.

São múltiplas as possibilidades de comunicação com a face, sua leitura pode revelar emoções, intenções, ironias, opiniões, de modo que a face é um instrumento poderoso de

comunicação. Das expressões faciais emanam informações voluntárias e involuntárias, pois também expressam estados cognitivos, tais como interesse, tédio, estresse.

O psicólogo norte americano Paul Ekman iniciou os estudos sobre as expressões faciais em 1953. De acordo com Davis (1979), Ekman tinha como objetivo encontrar um método seguro para decodificar as expressões faciais. Ao associar-se a dois psicólogos, Silvan Tomkins e Wallace Friesen construíram um Atlas do rosto humano ao qual denominou “FAST”. Através desse Atlas, Ekman catalogou as expressões faciais a partir de três áreas: a testa e sobrancelha; os olhos; e o restante do rosto, incluindo nariz, queixo, boca, bochechas. Foram realizados vários registros fotográficos, catalogados com o objetivo de se interpretar as emoções advindas das expressões faciais. Esse estudo revelou que há mais de mil expressões faciais possíveis, de acordo com a anatomia e os músculos do rosto. Diante dos resultados de suas pesquisas, Ekman passou a considerar um conjunto de expressões como sendo universais, como afirma Goman (2001, p. 207-208):

Descobertas e classificadas por Paul Ekman e seus colegas na Universidade da Califórnia, em São Francisco, as expressões emocionais universais são: alegria, surpresa, tristeza, raiva, medo, aversão e desprezo. Eis a forma como você pode identificá-las: *Alegria*. Os músculos das bochechas se erguem, os olhos se apertam, linhas surgem e os cantos da boca se voltam para cima. *Surpresa*. As sobrancelhas se erguem, há uma ligeira elevação das pálpebras e uma queda no maxilar inferior. *Tristeza*. As pálpebras caem enquanto os cantos internos das sobrancelhas se elevam e (em situação de extrema tristeza) se unem, e os cantos dos lábios se apertam parecendo mais finos. *Medo*. As sobrancelhas se unem, se levantam e sobem, a pálpebra superior se levanta, a pálpebra inferior fica tensa e os lábios se esticam horizontalmente. *Aversão*. O nariz enruga, o lábio superior se ergue, e os cantos da boca descem. *Desprezo*. Essa é a única expressão unilateral. Os músculos de um dos lados do rosto se contraem, e um canto da boca se volta para cima.

Apesar de existirem expressões que possam ter um significado determinado, é interessante que as expressões faciais sejam observadas como um processo, em que a leitura resulta de um conjunto de aspectos, incluindo os movimentos de construção da expressão. Assim, “interpretar um rosto é uma questão não apenas de identificar expressões estáticas, mas também de perceber como os rostos sutilmente começam a mudar” (GOMAN, 2001 p. 209).

Durante a interação em sala de aula, dentro do conjunto de movimentos cinésicos que os alunos observam em um professor, as expressões faciais ocupam uma significativa parte da atenção, mesmo porque também através do rosto, ou melhor, da boca que se localiza no rosto, faz-se a comunicação verbal. É interessante que o docente possua esclarecimentos sobre como os alunos podem compreendê-lo diante da manifestação das expressões da face, elas revelam,

muitas vezes, com mais contundência, o estado de espírito. Os alunos que percebem esses sinais corporais reagem motivados pela leitura que fazem da linguagem corporal do professor. Assim, entende-se que o conhecimento sobre as expressões faciais pode ser utilizado para chamar a atenção dos estudantes, ou até mesmo, desavisadamente, transmitir uma imagem negativa através de suas próprias expressões faciais.

Se o rosto é a parte mais observada em uma conversação face a face, um dos movimentos mais observados no rosto, além da boca, é o dos olhos, o contato visual é responsável por muitas informações sobre os interlocutores.

Através do olhar, uma pessoa pode transmitir e receber uma série de mensagens. Na verdade, há um grupo de modos e regras consensuais acerca do olhar, pois o olhar está relacionado à interação social, estabelecendo contato e, muitas vezes, determinando o grau de empatia entre os interlocutores. Cohen (2009, p. 52) afirma que “Nosso comportamento de contemplação – incluindo o tempo que podemos olhar para outra pessoa – tende a ser regulado por nossa cultura”. O contato ocular precede a conversação oral e, na interação face a face, estabelece as primeiras impressões.

O modo como se olha para outra pessoa pode ser revelador, inclusive, de segundas intenções, por isso o olhar tende a ser bastante percebido numa interação. Pease e Pease (2005, p. 116) dizem que “experiências revelam que, nos contatos sociais, o olhar permanece 90% concentrado numa área triangular do rosto situada entre os olhos e a boca da outra pessoa”. Dessa forma, as pessoas percebem e se deixam perceber, fazendo com que sejam vistas como não agressivas, aumentando o grau de confiança entre ambas.

Birdwhistell (1970 *apud* RECTOR; TRINTA, 1999, p. 37), especialista em comunicação não-verbal, definiu “quatro posições significativas dos olhos: 1) *bem abertos/arregalados*; 2) *sonolentos*; 3) *estreitados/semicerrados*; 4) *firmemente cerrados*”. A primeira posição, “bem abertos”, pode significar perplexidade, já que possui alta carga emocional; a segunda, “sonolentos”, pode corresponder a apatia; os “olhos semicerrados” é o olhar com carga irônica, olhar de soslaio.

Guiroud (2001, p. 32) também estabelece relação entre o movimento dos olhos e o que eles comunicam:

Os olhos definem por sua *abertura*; são *abertos, redondos, arregalados, entreabertos, enrugados*; pela contração da pupila; pelo aspecto; *terno* ou *brilhante, seco* ou *humilde*; enfim, por sua posição: *fixamos o olhar* ou *corremos os olhos*, olhamos *enviesado*, ou *com o canto, com o rabo do olho*. Os olhos exprimem praticamente todas as emoções: um olhar pode ser

distraído, ávido indiferente, atento, cúpido, invejoso, espantado, de desprezo, ativo, compassivo, duro, etc.

Esses são apenas alguns exemplos do que se pode explorar da significação do olhar. O próprio assunto, assim como os outros gestos que estão no leque desta pesquisa, merece um estudo à parte. O próprio Guiroud (2001) afirma que mesmo com o reconhecimento desses olhares é bastante difícil determinar todos os seus traços e que devem ser considerados com outros traços, tais como o formato da boca, a descontração dos lábios, o movimento do maxilar, entre outros.

O corpo se comunica de forma multicanal e um dos aspectos mais visíveis dessa comunicação é a postura corporal, já que é algo que pode ser observado a uma certa distância, possibilitando uma interpretação mesmo sem o contato direto.

A postura corporal em uma interação conversacional, geralmente, é avaliada pela posição e movimento do corpo em relação a outros envolvidos no ato comunicativo. Segundo Ferreira (1999), o Dicionário da Língua Portuguesa Novo Aurélio séc. XXI apresenta, entre outros, os seguintes significados para o verbete “postura”:

1) Posição do corpo ou de um parte dele: *uma postura cômoda; a postura da cabeça.* 2) Modo de manter o corpo ou de compor os movimentos dele, atitude: *a postura de uma bailarina;* 3) Aspecto físico ou expressão fisionômica: ‘Os olhos encovados e a *postura* medonha e má’ (Luís de Camões, *Os lusíadas* v, 39) (FERREIRA, 1999, p. 1617).

Segundo Rector e Trinta (1999, p. 68), a postura corporal pode apresentar cerca de mil posições diferentes, neste caso, estáveis, ou seja, imóveis. Ainda segundo os autores “*toda postura é um modo de se manter o corpo, compondo seus movimentos*”. Ela está relacionada à imagem pessoal e à leitura que se faz do comportamento. Através de movimentos e de posições assumidas, o corpo transmite informações significativas que podem ser reveladoras.

Na década de 1960, especialistas em linguagem corporal analisaram oito orientações básicas de como as pessoas se utilizam da postura para manipular o espaço ao seu redor. Situações como a troca de olhares ou voltar o torso em direção ao interlocutor são códigos de comunicação não-verbal. Sobre essa questão, Cohen (2009, p. 94) afirma:

A forma pela qual alguém alinha o corpo em relação a quem esteja perto fisicamente - às vezes chamada de distância angular - é reveladora. As pessoas alinham a parte superior do corpo em direção aos que gostam e se distanciam daqueles de quem não gostam ou tenham algum tipo de ansiedade. A distância angular pode variar de 0 grau (*diretamente de frente*) a 180 graus (*virando de costas*).

Rector e Trinta (1999, p. 68-69) afirmam que “pelo menos três dimensões, inerentes a toda postura corporal, podem ser facilmente identificadas.” As dimensões apresentadas são: inclusão-exclusão, que diz respeito à maneira com a qual membros de um grupo costumam se fechar, quando estão interagindo entre si; a orientação paralela dos corpos, que está relacionada à tendência de dois membros se posicionarem lado a lado ou frente a frente, conforme haja alguma relação entre eles, seja de concordância ou de afetividade; e a congruência/incongruência, que é a tendência de membros de um grupo copiarem posições, gestos e movimentos. Nessa situação, a congruência também pode determinar pontos de vista semelhantes.

A postura comunica informações voluntárias e involuntárias, de modo que pode servir de leitura sobre a personalidade de alguém ou sobre a profissão. Nesse sentido, há autores que defendem uma relação entre a postura e personalidade, a exemplo de Monteiro (2008, p. 62), quando afirma: “Há uma relação próxima entre postura e personalidade, podem dar indicações úteis sobre a personalidade, embora a pessoa possa utilizar intencionalmente essas posturas para reforçar o papel que deseja representar socialmente”.

Nas relações hierárquicas também é possível haver distinções entre os diferentes níveis que interagem. O porte direito, a cabeça levantada para trás e a altivez, podem indicar o domínio na relação ou pelo menos o desejo deste. Ao passo que uma postura mais curvada, em constante assentimento, pode transmitir submissão, fraqueza.

A postura de um docente em sala de aula também é parte fundamental para a construção da sua imagem pelos alunos, pois, através desse recurso comunicativo, são transmitidas informações, muitas vezes inconscientes, capazes de revelar traços da personalidade. A inclinação do corpo, por exemplo, indicando congruência ou incongruência a um comentário feito em sala por um aluno. A forma como o professor apresenta um assunto de seu interesse pessoal ou o contrário também pode refletir na sua postura enquanto faz as explanações. Por isso, é interessante que se tenha consciência sobre a própria postura, sabendo que esta transmite mensagens importantes para os interlocutores. O professor pode, inclusive, utilizar-se do próprio corpo para conseguir o efeito desejado: a atenção dos alunos.

1.2 A PROXÊMICA: A POSIÇÃO ESPACIAL DO CORPO

A proxêmica é o estudo do significado do processo de aproximação e distanciamento dos corpos durante uma interação comunicativa. O antropólogo norte-americano Edward T.

Hall (1977 *apud* RECTOR; TRINTA, 1993, p. 72) foi um dos pioneiros no estudo sobre o uso do espaço nas relações humanas como parte do processo comunicativo.

A relação humana espacial está ligada à noção de território de demarcação de limites, cujas motivações são diversas. Nos animais, observa-se que há um limite de segurança que os dá possibilidade de fuga no caso do ataque de um predador. Esse espaço é constituído de acordo com o meio em que o animal vive, ou seja, de acordo com a sua relação com o meio. Segundo Pease e Pease (2005, p. 126), “A maioria dos animais possui um certo espaço aéreo ao redor do corpo que reivindica como seu espaço pessoal. O tamanho deste espaço depende principalmente das dimensões do lugar onde o animal foi criado e da densidade e da população local”.

As civilizações humanas foram construídas através da delimitação do espaço. Assim, o ser humano também se utiliza individualmente do espaço, denominado de “espaço pessoal”. Cohen (2009, p. 82) define o espaço pessoal como uma área invisível onde a pessoa sente que precisa “manter os outros afastados para ficar à vontade – o centro do nosso território”. Ele diz ainda que a invasão desse limite territorial nem sempre é algo desconfortável e pode, inclusive, dissolver-se em uma situação de intimidade, como no caso de dois namorados, ou mesmo de pessoas de uma mesma família, o que corrobora a ideia de um espaço pessoal influenciado pelo meio e suas relações sociais.

De acordo com Guiraud (2001, p. 76), há duas características que diferenciam a semiótica do espaço dos outros códigos da comunicação corporal.

Por um lado, ela é quase inteiramente inconsciente, certamente, está na origem de convenções explícitas tais como o lugar ocupado num cortejo ou ao redor de uma mesa, mas a maioria – movimentos de recuo, gestos de aproximação caritativos ou agressivos – é espontânea; [...] Por outro lado, ainda que de origem natural e espontânea – pelo menos na aparência - estes signos apresentam um alto grau de arbitrariedade e variam profundamente de uma cultura para outra. Basta, por exemplo, comparar a ‘frieza’ nórdica com o ‘calor’ das efusões latinas ou a idéia que, em, cada um desses casos, se faz da ‘pontualidade’.

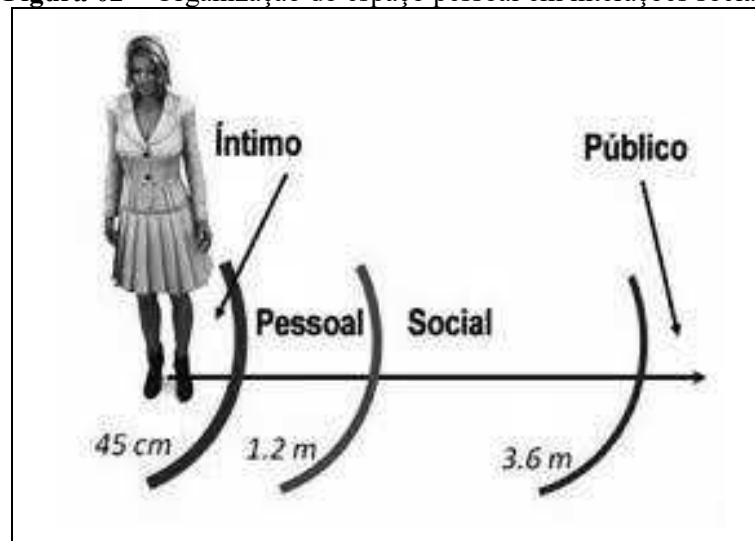
É interessante observar que se trata de uma comunicação, na maioria das vezes, inconsciente, ou seja, há um impulso gerador que pode ser considerado como instintivo, por isso, a Etologia, ciência que estuda o comportamento animal, é a fonte principal da reflexão proxêmica (GUIRAUD, 2001). Assim, retorna-se à ideia de defesa do território, da garantia à sobrevivência.

Já o outro aspecto, mencionado por Guiraud (2001), provoca uma reflexão diferenciada, pois, se está na origem de convenções explícitas, pode-se dizer que há espontaneidade na

manifestação do gesto de ocupação espacial, mas também há um processo mimético cultural, na sua aquisição. Essa situação é perceptível em relação ao toque corporal, por exemplo, quando se compara os hábitos comportamentais de italianos em relação aos ingleses, estes costumam ser mais reservados, enquanto aqueles gesticulam bem mais durante uma conversação. Assim, reforça-se o duplo caráter do espaço pessoal, predominantemente involuntário e, ao mesmo tempo, preestabelecido culturalmente.

O espaço fundamental para todo indivíduo é o do próprio corpo. Para Guiraud (2001), todo ser humano em plena capacidade motora e comunicativa possui parâmetros, mesmo inconscientes, de distanciamento e proximidade durante uma interação. Dessa forma, vê-se que toda pessoa necessita ter o próprio espaço no qual tem domínio. Entretanto, no dia a dia, as interações, o contato com outros torna-se um exercício de reorganização espacial que atenda à necessidade do momento. Por conseguinte, durante os seus estudos, Hall (1976 *apud* RECTOR; TRINTA, 1985, p. 59) dividiu essas necessidades em quatro zonas diferentes: “*distância íntima, distância pessoal, distância social, distância pública*”, como se observa na Figura 02.

Figura 02 – Organização do espaço pessoal em interações sociais



Fonte: Oliveira (2012, p. 01).

A distância íntima (de 15 a 50 cm) permite o contato direto (corpo a corpo) entre os interlocutores, no qual há uma troca de informações corporais como a percepção da temperatura corporal, do hálito, do odor, da respiração. É importante lembrar que essa permissão de distanciamento entre dois corpos, no que diz respeito ao contato entre pessoas que não possuem intimidade, em algumas culturas é inadmissível. Neste caso, uma aproximação pode ser considerada uma invasão à individualidade.

A distância pessoal (de 46 cm a 1,20 metros) requer certa proximidade entre os interlocutores, cultivada geralmente entre amigos, casais, familiares em geral. Permite movimentos de mais aproximação, inclusive de toques, o que propicia um certo conforto acústico, já que nessa situação os interlocutores podem observar bem um ao outro, se fazer ouvir e ser ouvido.

A distância social (de 1,20 a 3,60 metros) é considerada segura em relação aos limites individuais de cada pessoa, pois não permite que os interlocutores se toquem. Apesar de poderem estabelecer uma conversa, os participantes mantêm-se em uma zona considerada propícia para contatos impessoais. Esse distanciamento pode ocorrer, inclusive, com a presença de um objeto de separação entre os corpos como, por exemplo, uma mesa, um balcão ou um birô em uma sala de aula.

A distância pública (de 3,60 a 9 metros) é uma situação em que os interlocutores mantêm-se fora do círculo de referência espacial. É uma distância em que se podem perceber os gestos e identificar com clareza o que está sendo dito. A impessoalidade, bem como a necessidade de distanciamento, fazem-se presentes nesse nível de separação. Um chefe, um professor, um palestrante são exemplos de exercícios de conversa que requerem um maior distanciamento, mas, ao mesmo tempo, mantendo uma relação de proximidade, de contato visual.

A noção de distanciamento está relacionada à cultura e aos costumes. Não raro, ouve-se mencionar as diferentes formas de contato entre europeus e latinos. Obviamente, algumas situações gestuais que ocorrem na maioria das culturas são praticamente universais, como é o caso da referência espacial de um indivíduo em relação a sua segurança, pois, assim como ocorre com os outros animais, o ser humano também possui zonas limítrofes entre si e o outro.

O corpo fala através de movimentos proxêmicos ou movimentos cinésicos, e, principalmente, mediante sons. A sonorização mais percebida e prestigiada em uma conversa, sem dúvida, é a que se refere à fonologia do verbo, entretanto, há outros sons produzidos, os chamados suprasegmentais, cuja significação é percebida pelos falantes. Esses sons são investigados por uma das áreas da CNV, a paralinguagem.

Durante uma conversa, além dos movimentos cinésicos, outros recursos não verbais são utilizados como a proxêmica, que está relacionada à movimentação do professor em sala de aula e na ocupação do espaço por ele. Na sala de aula, a relação de proximidade e distanciamento espaciais entre o professor e os alunos faz parte do jogo comunicativo. Um movimento do professor para o centro do espaço na sala destinado a ele, por exemplo, denota uma relação de poder. De outra forma, um gesto de recuo, mesmo que sutil, diante de um

questionamento feito por um aluno, pode ser interpretado como uma não-aceitação ou insegurança na resposta, ou um outro motivo que fez com que o interlocutor se afastasse em recuo, buscando, involuntariamente, uma zona de conforto. Sobre a relação de distanciamento corporal entre professor e aluno, Richmond (2001, p. 12) afirma:

Heiser (1972, citado em Geçer, 2002) mostrou em seu estudo que os estudantes se sentiram distantes dos seus professores quando os professores se sentaram na cadeira e na mesa, ou ficaram de pé atrás de sua mesa. No entanto, quando o professor caminhou em torno das mesas e mudou-se para a sala de aula, os alunos pensaram em seus professores mais amigáveis e eficazes. [Tradução nossa]

A partir do momento em que um professor possui esclarecimento sobre essa situação, pode tomar atitudes que reflitam de forma positiva na motivação dos alunos e na aprendizagem. Pesquisas realizadas nos últimos vinte anos por Richmond (2001) demonstram os efeitos na aprendizagem, originados da relação de proximidade e distância entre o professor e alunos entre outras relações estabelecidas pela CNV.

1.3 A PARALINGUAGEM: OS SONS NÃO VERBAIS DO CORPO

A paralinguagem é o conjunto de sons não verbais produzidos pelo corpo durante uma conversação que influencia na significação da palavra. A comunicação verbal realiza-se por meio da combinação dos fonemas, ou seja, sons. Entretanto, nem todos os sons produzidos durante uma conversação fazem parte da estrutura sonora da palavra. Há outras emissões sonoras capazes de transmitir informações importantes em relação ao contexto de produção e ao que é dito.

Trata-se do estudo dos comportamentos sonoros que estão ligados a características vocais como o tom de voz, que pode expressar a atitude do emissor diante do que ele está dizendo. Há diferentes elementos paralinguísticos gerados pelas emissões vocais, tais como o bocejo, o riso, o choro, a tosse, o grito, o sussurro, entre outros, que podem transmitir informações sobre o interlocutor e o que é dito. O silêncio que ocorre durante uma conversação, as hesitações antes da fala, “as deixas vocais” ou vocalizações tais como “hummm” e “uh-huh” são manifestações sonoras, que também fazem parte do estudo da paralinguagem, inclusive, a própria ausência de som, o silêncio, em uma situação em que se espera que se diga algo, pode tornar-se significante dentro de um contexto conversacional. Poyatos (1977 *apud* RECTOR; TRINTA, 1986, p. 51) afirma que a paralinguagem é

O conjunto de qualidades não-verbais da voz, os modificadores e os sons produzidos ou condicionados nas áreas cobertas pelas cavidades supraglóticas (dos lábios e narinas à faringe), as cavidades laríngea e as infraglóticas, assim com os músculos abdominais, que usamos consciente ou inconscientemente, sustentando ou contradizendo as mensagens linguísticas, cinésica e proxêmica, quer simultânea quer alternadamente.

Neste caso, não se tratam de tiques nervosos, manias, assobios, nem muito menos de fenômenos idiossincráticos, pois fazem parte da conversação e são determinados culturalmente, utilizados pela coletividade, fazendo parte, assim, da realidade comunicativa de uma comunidade linguística.

De acordo com Albert Mehrabian (1972 *apud* COHEN, 2015, p. 25), a paralinguagem corresponde a 38% do significado da palavra durante uma conversação, enquanto a verbalização é responsável por 7%. Isso mostra o poder de influência dos elementos paralinguísticos numa interação. Ao longo de uma conversação, estes podem servir de reforço ao que se diz, mas também podem indicar sentidos contrários ao que se verbaliza, como ocorre com as ironias. Além disso, a paralinguagem manifesta-se também de forma inconsciente. Assim como toda linguagem corporal, os sinais paralinguísticos podem ser transmitidos até mesmo contra vontade do emissor.

É comum as pessoas fazerem análises de situações conversacionais a partir dos elementos paralinguísticos, por exemplo, o timbre da voz, a tonalidade ou o volume podem indicar não só o estado de espírito do locutor, mas também a relação estabelecida entre o emissor e o(s) receptor(es), o engajamento diante do que se diz. Outrossim, ao escolher por uma determinada forma de se pronunciar, o falante pode intencionar uma reação do ouvinte, o que ocorre bastante com a tonalidade e volume da voz, pois é perceptível quando se pretende “falar sério” ou “brincando”, isso levando-se em conta também a existência de ironias, cujos reais significados são disfarçados também pela entonação.

Na escrita, há várias formas de representação de aspectos paralinguísticos da fala, como diz Rector e Trinta (1986, p. 52):

Os traços paralinguísticos são, arbitrariamente, assinalados das mais diversas maneiras na linguagem escrita: assim letras maiúsculas devem indicar tensão (OLHA!) e as reticências, o silêncio [...]. O silêncio e a quietude podem significar, enquanto signos próprios os chamados signos zero (T. A. Sebeok, 1977: 118), que significam pela própria ausência: nesse caso, pela falta de som e movimento, respectivamente.

Uma classificação paralinguística possível com relação ao elemento vocal é a de Duncan (1977 *apud* RECTOR; TRINTA, 1986, p. 52):

1. Intensidade; 2. Altura vocal; 3. Extensão (o comprimento ou a brevidade da sílaba); 4. Tempo (a velocidade na pronúncia de sílaba); 5. Pausas; 6. Inalações audíveis e exalações; 7. Riso, choro, cochilo e similares; 8. Ressonância; 9. Controle vocal dos lábios; 10. Controle da glote.

Obviamente, há vários outros aspectos paralinguísticos que podem ser observados, até mesmo porque são elementos que sofrem variação de uma cultura para outra. Os aspectos paralinguísticos podem até apresentar diferenças de significação entre um ambiente e outro, mas continuarão a influenciar no significado das palavras durante uma conversação.

No ambiente de sala de aula, durante o período da aula, o professor utiliza-se de elementos paralinguísticos em diversas situações. Seja de forma consciente ou não, parte do que os alunos interpretam do que o professor comunica é influenciado por elementos paralinguísticos como o timbre de voz (mais grave ou mais aguda); o volume, utilizado, muitas vezes, para se fazer ouvir ou mesmo impor autoridade. É comum o relato de docentes iniciantes em expressarem suas dúvidas em relação ao volume de voz que deveria utilizar com seus estudantes, na realidade, pouco se vê nos cursos de formação de professores a respeito do que se conhece sobre a utilização da voz.

Não raro, pelo exercício vocal incorreto, tem-se casos de profissionais da educação que apresentam problemas de saúde ligados à fonação. Às vezes, esses problemas são resultado, inclusive, do esforço para se manter a atenção dos alunos, pois há pessoas que associam o volume de voz à autoridade. Esse é um ledor engano, pois, agindo assim, além de provocar um sentimento de repulsa no ouvinte, pode-se causar um dano à própria saúde vocal, já que o mal uso da voz pode provocar “calos” na cordas vocais, podendo agravar-se para um quadro de afonia.

Tal equívoco ocorre, entre outros motivos, pelo hiato existente entre os cursos de licenciatura e a prática docente, nos quais pouco ou nada se vê sobre tal assunto. Assim, a responsabilidade por esse conhecimento fica com o professor que, geralmente, leva anos de prática em sala de aula para perceber o quanto a utilização da voz pode fazer diferença. A voz é o principal instrumento de trabalho do docente e existem técnicas vocais que são de grande valia para esse profissional. Assim, entende-se que os cursos de licenciatura deveriam voltar a atenção também para esse aspecto do fazer docente.

CAPÍTULO II

Este capítulo apresenta uma discussão sobre a relação entre a interação conversacional em sala de aula e os gestos ilustrativos batutas, destacando a influência da linguagem gestual na interação professor/aluno em sala de aula. Para tanto, são apresentados dados de pesquisa sobre a utilização de gestos ilustrativos. Além disso, há uma exposição dos gestos ilustrativos batutas delimitados por esta pesquisa e sua influência na interação conversacional. O capítulo encerra-se com a apresentação da Análise da Conversação, cuja regra de transcrição conversacional é utilizada por esta pesquisa para o registro dos elementos paralinguísticos do *corpus*.

2 A COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL NA INTERAÇÃO CONVERSACIONAL ENTRE PROFESSOR E ALUNO

O exercício docente exige do professor mais do que um arcabouço de conhecimentos enciclopédicos para conduzir o trabalho e conseguir resultados esperados. Em muitas situações, os cursos de licenciatura têm deixado a desejar quanto à preparação do docente no que se refere à prática do ensino. Uma das consequências da defasagem de conhecimento são os resultados pífios em avaliação de aprendizagem quando se avalia a educação brasileira no contexto mundial. Em relação à importância da formação docente, ao se referir ao professor de língua materna, Aranha (2006, p. 54) discorre que “A eficiência na condução do processo de ensino aprendizagem está relacionada à qualidade da formação do professor”. Dessa forma, percebe-se uma necessidade na reformulação da grade curricular dos cursos de licenciatura, de modo que os profissionais licenciados possam obter melhores desempenhos de aprendizagem com alunos.

Uma das discussões levantadas sobre o papel do professor tem relação com a forma como este interage com seus alunos. O processo de interação é múltiplo e, por isso, deve ser observado em sentido amplo. Assim, a interação ocorre por vários canais de comunicação, entre eles o da linguagem não-verbal.

De acordo com Oliveira (2008, p. 23), a interação comunicativa deve ser vista de forma global em que o ciclo comunicativo se completa pela “sincronia interacional”, a interação comunicativa envolve vários fatores e aspectos, além da expressão verbal:

Admitimos, então, que a interação se concretiza não somente de maneira verbal (tomando convenções verbais como exemplo), mas também de forma não-verbal (gestos, danças, esportes coletivos e outras especificidades), bem como de maneira mista (junção de ações verbais e não verbais). Nesse sentido, algumas formas de trocas comunicativas podem ser entendidas como mistas, pelo fato de haver sucessão ou misturas de ações verbais e não-verbais, elementos que são igualmente indispensáveis no desenvolver de alguma interação.

Além da multiplicidade de canais de comunicação, é preciso que a atividade do professor seja entendida como um processo que transcende a mediação de conteúdos. O professor expressa-se em sala de aula, estabelece relações, vínculos, às vezes, com contatos diários. Dessa forma, a presença do docente e a imagem que os alunos fazem dele interfere no processo interativo e se reflete em resultados.

Deve-se sempre lembrar que o professor lida com um objeto, o conhecimento, cuja natureza remete ao mundo cognitivo. Esse aspecto da natureza do trabalho docente reforça a perspectiva de que é necessário um movimento de aproximação do educador em relação aos alunos e esse movimento também está relacionado à interação através da linguagem corporal. Na ótica de Bronckart (2009, p. 79),

Sendo a atividade educacional constitutivamente interativa, é preciso considerar que nela emerge uma dimensão de liberdade, pois o professor não pode agir diretamente sobre os processos mentais do aluno. Ele apenas vai criar espaços, ambientes que permitam que as transformações desejadas possam ocorrer, o que está garantido, dado que o aluno é o real agente do seu desenvolvimento e que sua liberdade pode leva-lo a recusar-se a entrar nos ambientes criados pelo professor, resistir a eles, ir em outra direção, etc.

Dentre as possibilidades de criação de “ambientes”, deve-se levar em conta a atitude docente em relação à própria forma de se expressar, já que o professor, através de um comportamento de proximidade comunicativa, pode facilitar a adesão do aluno e, conseqüentemente, a aceitação ao “ambiente” criado. É por isso que, na concepção interacionista da linguagem, o professor é visto como mediador do processo, inclusive, com os instrumentos por ele utilizados na criação dos “espaços” ou “ambientes”.

Para Sousa, Leal e Sena (2010, p. 2), a expressão corporal do professor pode assumir um papel negativo em sala de aula, caso este não esteja atento às mensagens emitidas pelo corpo, como se observa a seguir:

No cotidiano escolar, alguns alunos se queixam de que a comunicação não-verbal do professor favorece a desatenção em sala de aula, tornando a

comunicação pouco efetiva. É possível que isto aconteça porque poucos professores sabem da importância da sua linguagem não-verbal no processo de transmissão de conhecimentos.

Uma das reclamações frequentes dos professores em relação aos alunos é o fato de que estes, muitas vezes, estão desatentos durante as aulas, ou mesmo em conversas paralelas ao assunto tratado pelo professor. Deduz-se, pelo que Sousa, Leal e Sena (2010) declaram, que o comportamento não-verbal do professor, ou melhor, o desconhecimento sobre a comunicação corporal e ainda uma utilização inadequada desse recurso seja um possível motivo para a dispersão em sala de aula.

A linguagem corporal do professor também pode ser um instrumento facilitador na interação com os seus alunos. Através do corpo também se estabelecem vínculos, já que ele emite mensagens e a relação estabelecida entre os interlocutores. No caso professor e alunos, depende, em grande parte, de atitudes corporais do docente durante a aula, ou ainda da leitura que os alunos fazem dele. Essa posição tem sido ratificada por estudos e pesquisas focadas nessa relação que evidenciam a necessidade do professor em conhecer e utilizar-se da linguagem corporal durante suas aulas. Nesse sentido, expõe Richmond (2001, p. 70):

A principal função do comportamento dos professores na sala de aula é melhorar o afeto ou o gosto pelo assunto, professor e aula e aumentar o desejo de aprender mais sobre o assunto. Um passo em direção a isso é o desenvolvimento de relações positivas entre o aluno e o professor. Quando o professor melhora o efeito através de um comportamento não-verbal eficaz, então o aluno provavelmente ouvirá mais, aprenderá mais e terá uma atitude mais positiva sobre a escola. [Tradução nossa]

Pesquisas sobre o ambiente escolar provocam reflexões acerca das práticas pedagógicas em relação à interação entre professores e estudantes, seus efeitos para a comunidade escolar e, conseqüentemente, para a sociedade como um todo. Nesse contexto, um dos aspectos analisados diz respeito à interação através da expressão corporal do professor em sala de aula. Os dados apresentados apontam inequivocamente para a importância da linguagem corporal no ambiente escolar, inclusive, sob o ponto de vista dos entrevistados, os alunos.

Uma pesquisa realizada por Sousa, Leal e Sena (2010, p. 3), com alunos dos cursos de graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas e Fonoaudiologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, revelou que todos os entrevistados consideram importante a comunicação não-verbal do professor em sala de aula como transmissor de mensagens e, conseqüentemente, como agente construtor do conhecimento. Em relação aos efeitos da

linguagem corporal do professor nos resultados da aprendizagem, os dados obtidos com a pesquisa foram os seguintes:

Foi observado também que 77% dos alunos entrevistados consideraram que a comunicação não-verbal do professor interfere em seu aprendizado, enquanto 23% mencionaram não interferir. Dos que consideram interferir, houve comentários de que ‘o corpo fala’ e que este demonstra o interesse do professor no assunto. Acreditam que os gestos complementam a fala, ajudando na interpretação do que é dito. Os entrevistados relataram também que através da expressividade corporal pode-se evidenciar segurança, entusiasmo sobre o assunto debatido, podendo tanto atrair a atenção ou quanto a dispersão do aluno durante a aula (SOUSA; LEAL; SENA, 2010, p. 03).

Deduz-se com essa pesquisa, que, mesmo o professor não tendo consciência da sua comunicação corporal, ela é percebida pelos alunos. Todo professor é um comunicador e, ao ministrar sua aula, ele também se expõe em vários aspectos, muitas vezes, despercebidos ou ignorados. Isso ocorre porque a palavra é a eleita como a modalidade de prestígio. Entretanto, há ocasiões em que a comunicação não-verbal é requerida, como é o caso da situação do professor em sala de aula ou mesmo de outras profissões relacionadas à comunicação, à oratória.

O professor deve estar atento à comunicação não-verbal e aos efeitos que esta provoca nos alunos, já que “no que diz respeito ao conteúdo do diálogo, as entonações e os gestos intervêm sobretudo pela determinação das significações implícitas” (KEBRAT-ORECCHIONI, 2010, p. 41).

Richmond (2001, p. 70-71), acerca da comunicação e da interação entre professor e aluno, esclarece que:

A comunicação efetiva em sala de aula entre professor e aluno é a chave para um efeito positivo para a aprendizagem. À medida que a comunicação melhora entre professor e aluno, isso também afeta. Quando os professores são treinados para usar a comunicação verbal e não-verbal na sala de aula de forma mais eficaz, os relacionamentos estudantes-professores melhoram e, portanto, aprendem aprendizagem cognitiva e afim. Quando o efeito positivo está presente, a aprendizagem cognitiva aumenta.

Diante do resultado de pesquisas realizadas nos últimos vinte anos, é inegável a utilidade da comunicação não-verbal no processo interativo entre professor e alunos em sala de aula. Em contrapartida, tem-se o desconhecimento pela maioria dos professores sobre a CNV e suas possibilidades didático-pedagógicas como instrumento eficaz de auxílio da manutenção da atenção do aluno durante a aula.

Durante a interação conversacional que ocorre em sala de aula, a imagem que os estudantes constroem do professor é fundamental para que a comunicação flua. Nesse sentido, a linguagem gestual exerce influência fundamental, colaborando para manter a atenção dos alunos, como indicam as pesquisas de Richmond (2001); Canbaz e Yavuz (2006); Sousa, Leal e Sena (2010); Otta e Vasconcellos (2003); Kyrillos, Cotes e Feijó (2003). Os gestos ilustrativos batutas têm como suporte principal o movimento das mãos e exercem a função de acompanhar a fala durante uma conversação, estabelecendo conexões significativas que podem favorecer a adesão do público ou, de outro modo, também podem provocar algum tipo de resistência caso não sejam utilizados devidamente. Portanto, a utilização de gestos pelo professor é uma ferramenta de interação importante que pode e deve ser utilizada a favor do processo conversacional que se estabelece em sala de aula.

2.1 A INTERAÇÃO CONVERSACIONAL DA/NA SALA DE AULA ATRAVÉS DOS GESTOS ILUSTRATIVOS BATUTAS

A interação conversacional é o contato que se estabelece entre dois ou mais falantes, os quais participam mutuamente da transmissão e recepção de mensagens, estabelecendo um contato em que a troca de informações ocorre através de palavras e do contato físico, incluindo os recursos da comunicação não-verbal. Essa integração provoca uma transformação no indivíduo, interferindo na sua relação com o outro e com o mundo.

A interação verbal é constituída da sociabilidade, antes de mais, pelo fato de ser uma atividade desencadeada pela presença física de duas ou mais pessoas, dessa presença decorrendo para os que nela tomam parte o estatuto de participantes. É porque a presença física é o fator fundamental da prática discursiva que todas as modalidades de prática discursiva têm na atividade conversacional o seu modelo e o seu fundamento (RODRIGUES, 2013, p. 20).

De fato, é no “jogo” social que se desencadeiam as interações, que são acentuadas e estimuladas com a presença física dos interlocutores. Quando os participantes de um diálogo estão em contato mútuo, acessam outras informações além daquelas veiculadas pelas palavras. A imagem que o interlocutor faz do outro é determinante para a estratégia linguística que se adota no momento. Muitas vezes, durante uma conversação, modifica-se a estratégia argumentativa diante das reações do interlocutor. Essas reações envolvem aspectos da CNV: a paralinguagem, a cinésica, a proxêmica, por exemplo, fornecem dados sobre os participantes do diálogo.

Assim, as diversas conversações que se realizam cotidianamente na convivência social dispõem de vários recursos verbais e não verbais. Até mesmo as informações que são transmitidas essencialmente pelas palavras, certamente, estarão acompanhadas de outros elementos que incrementam o ato comunicativo. A esse respeito, Kerbrat-Orecchioni (2010, p. 36) aponta que “As conversações são essas ‘construções conceituais’ feitas de palavras, mas também de silêncios e de entonações, de gestos, de signos de natureza variada: as conversações exploram diferentes sistemas semióticos para se constituir”. Nesse sentido, os gestos, que são reconhecidos como parte da conversação, estabelecem relações de sentido, podendo basicamente acompanhar ou substituir a palavra.

Os gestos ilustrativos ou ilustradores que, segundo a classificação de Knapp (1972 *apud* RECTOR; TRINTA 1985, p. 89), são movimentos que, muitas vezes, até “desenham no ar” uma figura ou um movimento, facilitando a transmissão do que se diz como se o emissor os utilizasse como forma de garantia de que as palavras serão compreendidas no sentido intencionado. São gestos que possuem interdependência com a fala, pois a acompanham como auxiliares, estabelecendo um vínculo semântico com as palavras. Essa característica indica a necessidade de haver coerência entre a informação gestual e aquilo que é proferido verbalmente. Ademais, a ilustração ocorre simultânea à fala, por isso, trata-se de uma linguagem difícil de ser simulada em relação à linguagem verbal, já que a existência de contrariedade entre o que se diz e o que se ilustra com gestos é facilmente identificável, comprometendo a credibilidade da comunicação.

Conforme Pires (2011), os gestos ilustrativos ocorrem diretamente relacionados à fala e, geralmente, são utilizados para reforçar a fala do interlocutor, podendo ser utilizados como recurso para a adesão do público.

Vale salientar que nem todos os gestos possuem essa relação de dependência com a fala. Os gestos emblemas, por exemplo, possuem carga semântica simbólica, inclusive, alguns deles são considerados por Paul Ekman como universais e possuem significados pré-estabelecidos, “como o dedão levantado que pede carona ou o indicador que passa pela garganta para indicar a morte [...] Ekman levantou até agora entre dez e vinte emblemas universais” (DAVIS, 1979, p. 87). Considerando, neste caso, o fato de os gestos possuírem o mesmo significado em diferentes culturas, possibilitando o seu uso independente da fala. Dessa forma, os gestos emblemas podem ocorrer concomitante à fala, mas se utilizados sem ela, no meio cultural no qual fazem parte, dificilmente provocariam dúvidas de entendimento, diferentemente dos gestos ilustrativos.

Para Andersen (1999 *apud* VASCONCELLOS; OTTA, 2003, p. 154), os gestos ilustrativos são mais utilizados pelo falante, comparando com outros tipos de gestos:

Os ‘ilustradores’ são os gestos mais comuns. São movimentos, realizados principalmente pelos braços e mãos, que acompanham o fluxo da fala e estão intimamente relacionados com ela (Andersen, 1999). Têm um importante papel na efetividade da comunicação e adicionam, esclarecem ou repetem informações transmitidas pela fala, especialmente sobre formas, objetos e relações espaciais.

Segundo Vasconcellos e Otta (2003), a frequência dos gestos ilustradores tende a demonstrar o nível de entusiasmo do emissor, ou seja, é possível perceber engajamento do falante em relação ao que é proferido a partir da quantidade de gestos ilustrativos que este utiliza.

Uma pesquisa apresentada por Aita (2011), envolvendo a frequência de gestos com a fala, foi realizada através da análise da apresentação do Jornal Nacional da Rede Globo, pelo âncora Willian Bonner. O autor analisou material colhido durante cinco dias seguidos e mostra a quantidade de gestos feitos pelo apresentador.

William, que totalizou 157 demarcações com as mãos, utilizava esse gestual para demarcar frases fortes como, por exemplo, na cabeça da matéria apresentada na terça-feira, dia 13 de abril, abordava as mudanças de temperaturas que aumentam os casos de dengue. Ele disse: ‘Desde janeiro o noticiário tem destacado chuva, chuva, chuva’. Ao repetir a palavra ‘chuva’ sua mão faz o movimento reforçando a intensidade, o volume da chuva (AITA, 2011, p. 20).

Aita (2011) chega à conclusão de que a utilização de gestos, durante a apresentação de um telejornal, pode enfatizar o que se diz verbalmente e, em alguns momentos, demonstram posicionamentos. Dessa forma, percebe-se a gestualidade também como um recurso argumentativo, capaz de influenciar na adesão do interlocutor, como afirmam Kyrillos, Cotes e Feijó (2003, p. 70):

Na fala contemporânea, os gestos ocorrem naturalmente, acompanhando nosso raciocínio e, então, temos as diferenças pessoais: algumas pessoas gesticulam mais, outras menos, algumas se expressam melhor do que outras, têm mais carisma, são simpáticas, sedutoras, originais e assim por diante, mas qualquer pessoa, com algum treino, pode tornar-se expressiva.

A comunicação não-verbal gestual é aprendida com a convivência e, apesar de bastante utilizada, muitas vezes, ocorre sem que o próprio emissor perceba. Mesmo os gestos

considerados voluntários tornam-se automatizados pelo uso, pois eles estão inseridos na comunicação, de forma que até mesmo em situações nas quais o interlocutor não está presente, no caso de um telefonema, por exemplo, o emissor gesticula como se pudesse transmitir algo além do que é verbalizado.

A simultaneidade entre a produção da fala e a eventualidade da ilustração gestual que a acompanha é uma das características que diferenciam os gestos ilustrativos de outros gestos, mas isso não significa, necessariamente, que haja uma sincronia exata entre eles. Na realidade,

Os ilustradores autênticos ocorrem frações de segundos antes das palavras que os acompanham. Eles tanto podem preceder a palavra quanto coincidir com ela, mas nunca virão depois da palavra (Essa é a razão pela qual tentar coreografar os gestos com antecedência ao preparar uma apresentação raramente funciona. Não há sincronismo (GOMAN, 2014, p. 94).

É importante perceber que o Goman (2014) coloca em questionamento a sincronia entre a fala e os ilustrativos. De fato, pesquisas têm revelado uma não-sincronia, mas deve-se observar que essa percepção somente foi possível através de minuciosas observações em filmagens. Durante uma conversação, não há possibilidade de percepção de detalhes minuciosos dessa sincronia, até mesmo porque há outros fatores a serem observados durante uma interação conversacional, tais como o entendimento do componente verbal, a articulação das ideias, os recursos de memória. Entre os interlocutores, os gestos ilustrativos serão percebidos simultaneamente à fala, excetuando, logicamente, as possibilidades de variações oriundas também do jogo comunicativo, ou seja, um falante pode, de propósito, expressar-se verbalmente e somente depois gesticular com as mãos “desenhando” a informação transmitida, ou ao contrário, produzir o gesto e, somente depois, a palavra a ele relacionada.

Pesquisas feitas na área da comunicação e oratória sobre os gestos revelam que há uma predominância na frequência de gestos ilustrativos nos oradores. É o que constatam Otta e Vasconcellos (2003, p. 155) em pesquisa sobre o uso de gestos por “bons e maus oradores”. “A amostra total foi composta por 38 participantes, 25 do sexo masculino e 13 do sexo feminino, na faixa de 25 a 64 anos, alunos de uma disciplina sobre comunicação verbal”.

Para efeito de análise, na referida pesquisa, foram adotados procedimentos de seleção dos gestos ilustradores, de acordo com a referência espacial em relação ao corpo de quem gesticula, como esclarecem os autores:

A análise do vídeo consistiu na determinação da frequência dos gestos, da latência do primeiro ilustrador, a contar do início da apresentação, do local de

ocorrência dos ilustradores (frente do corpo, acima da linha da cintura; ao lado do corpo, acima da linha da cintura; acima da linha dos ombros; abaixo da linha da cintura) e postura dos braços no início e no final da apresentação (VASCONCELLOS; OTTA, 2003, p. 155).

A pesquisa tinha como objetivo “comparar maus e bons oradores quanto a tipos de gestos e posições de repouso, de início e de final de discurso” (VASCONCELLOS; OTTA, 2003, p. 154). Neste caso, deve-se ressaltar que tal estudo faz parte de um curso de comunicação. Trata-se de uma análise da utilização dos gestos no sentido de orientar interessados em desenvolver-se na Oratória, arte de falar em público, de maneira que se refere a um contexto específico, diferente do uso diário.

Interessante perceber que, entre os oradores pesquisados, a quantidade de gestos utilizados por eles foi semelhante. Levando-se em consideração que a totalidade de gestos pode indicar o nível de entusiasmo, de engajamento, conclui-se que os oradores, de maneira geral, se esforçaram para conseguir adesão do público. Entretanto, o uso de gestos ilustradores em relação a outros gestos foi determinante para a empatia do auditório, dessa forma, a ilustração gestual foi determinante no resultado da avaliação.

A análise estatística revelou que não houve diferença na quantidade total de gestos entre bons e maus oradores, mas revelou diferença na frequência e duração de ilustradores (maiores nos bons oradores) e na frequência de adaptadores (maior nos maus oradores). Concluiu-se que bons oradores fizeram mais gestos que ajudaram na efetividade da fala, em comparação com maus oradores (VASCONCELLOS; OTTA 2003, p. 156).

A pesquisa apresentada por Vasconcellos e Otta (2003) diz respeito à frequência de uso e, nesse caso, chegou-se à conclusão de que os indivíduos considerados “bons oradores” utilizam-se mais de gestos ilustrativos em seu discurso, já os avaliados “maus oradores” tenderam a utilizar-se com mais frequência de gestos adaptadores, que são aqueles que servem para dar uma espécie de apoio psicológico ao falante quando este se encontra inseguro, por exemplo, segurar um lápis sem que haja alguma necessidade útil, mexer no relógio ou nos botões. Através da ilustração gestual, o orador também transmite emoção “afetividade da fala”, o que facilita a adesão do auditório às suas ideias.

Portanto, durante uma interação conversacional face a face, a utilização de gestos ilustrativos é fundamental para o pleno entendimento do que se diz e a que título é dito. Os gestos ilustrativos estão culturalmente inseridos na comunicação diária e ocorrem plenamente nas mais diferentes classes sociais. Assim como toda a linguagem não-verbal, a utilização de

gestos depende, em parte, da cultura e da situacionalidade, ou seja, o contexto também é determinante.

É consenso entre as pesquisas realizadas sobre a CNV, que as mãos são a maior fonte de informação não-verbal em uma conversa. Não há conhecimento na história da humanidade de alguma civilização que não tenha utilizado as mãos para se comunicar. Através das mãos, o ser humano lê o mundo, recebe e envia informações. As ações e reações provocadas pelas mãos podem ser de diversas naturezas, por exemplo, biológica, quando sentimos calor. Entretanto, a humanidade, além de funções práticas, delegou às mãos a possibilidade de expressar sentimentos, opinião, demonstrar engajamento, dimensionar, descrever.

Os gestos manuais, ou realizados com as mãos numa conversação, não são os mais observados durante o processo comunicativo, pois as pessoas, nessa situação, tendem a observar a face com mais predominância. Entretanto, as mãos gesticulam numa linguagem silenciosa, repleta de informações que podem se manifestar com bastantes possibilidades de sinais manuais, como se observa em Davis (1979, p. 90): “No entanto, as mãos são maravilhosamente articuladas. Setecentos mil sinais diferentes são possíveis com elas, usando-se poses combinadas do braço, da munheca e dos dedos em movimento”.

As mãos como mensageiras são utilizadas nas mais diversas atividades humanas e, às vezes, são as principais responsáveis pelas mensagens, como em cerimônias, rituais religiosos, magia, arbitragem, entre outras. O que seria das artes em geral sem as mãos? Provavelmente, várias não existiriam, o gesto manual, como elemento da linguagem, participa da comunicação humana e da condição de humanidade, exprimindo sentimentos e expressando significados aprendidos e compreendidos pela comunidade sem que sejam necessariamente ensinados.

Esta pesquisa investiga os ilustrativos batutas. Trata-se de gestos realizados pelos movimentos e posições das mãos que, ao acompanhar a fala, promovem uma troca de informações entre os falantes. Também é importante salientar que os gestos ilustrativos batutas têm como suporte principal as palmas das mãos, pois estas são fundamentais para a construção do sentido. Em relação aos gestos que ocorrem com as palmas das mãos, há diversos manuais de oratória que prescrevem o uso correto da posição das palmas das mãos para se conseguir o efeito ilustrativo desejado. Goman (2014, p. 94-95) destaca algumas posições bastantes recorrentes nesses manuais:

Palmas das mãos voltadas para cima comunicam a ausência de algo que o orador precise ou esteja solicitando: Gestos com as palmas das mãos sendo mostradas (inclinadas num ângulo de 45° graus) sinalizam franqueza e abertura Gestos com as palmas voltadas para baixo indicam poder e segurança Gestos com a palma da mão na vertical e a mão mantida rígida, com

frequência, são utilizadas para marcar um ritmo que enfatiza determinadas palavras.

Pease e Pease (2005, p. 37) afirmam que “são três os principais gestos de comando envolvendo a palma da mão: o da *mão espalmada para cima*, da *mão espalmada para baixo* e da *mão fecha com o dedo apontado*”. Obviamente, as instruções apresentadas por esses autores devem ser vistas resguardando-se as mais variadas possibilidades de manifestações da linguagem, seja ela verbal ou não-verbal. Sabe-se, além do mais, que existem os estilos individuais, as idiossincrasias, como afirma Davis (1979, p. 83): “Cada indivíduo tem seu próprio estilo individual e esse estilo reflete sua própria cultura”.

Cohen (2015, p. 97) afirma que “as palmas para cima são um gesto de desamparo, resignação”. Essa afirmativa condiz com a colocação de Pease e Pease (2005) que associam esse gesto à súplica ou à ausência. Em relação às palmas das mãos e sua associação à linguagem verbal, Cohen (2015, p. 47) diz que “a posição da palma da mão também é um sinal crítico”. O autor informa que a interação comunicativa pelas palmas das mãos abertas e voltadas para cima possui um significado bem diferente quando estão voltadas para baixo ou se apresentam fechadas. Ainda de acordo com Cohen (2015, p. 47), “a palma aberta e voltada para cima sugere vulnerabilidade” e “O gesto da torre sinaliza confiança e conhecimento acerca do pormenor que você esmiúça; [...] mãos escondidas fazem você parecer menos fidedigno”.

Rector e Trinta (1993, p. 64) concordam com Cohen (2015) e Goman (2014) quanto ao significado de determinadas posições das palmas das mãos e os seus movimentos gestuais:

A mão pode mostrar-se estendida diante do corpo, numa posição natural, com os dedos juntos. Há aí várias possibilidades de significação, como se pode observar, por exemplo, em oradores de palanque: palma para cima é a mão que implora solicitação ao interlocutor que concorde; palma para baixo é uma redução da importância da situação pelo controle do movimento, solicitando um esfriamento dos ânimos; palma para trás é a mão que ‘abraça’, procurando conforto moral; palma para o lado é a mão estendida de um negociador.

Durante uma interlocução ou uma apresentação em público, as palmas das mãos transmitem mensagens também pela sua localização em relação ao corpo bem como pela altura em que os gestos são produzidos:

Polito (1997) aponta que mãos atrás das costas, mãos nos bolsos, braços cruzados, gestos abaixo da linha da cintura e acima da linha da cabeça e antebraço junto ao corpo são alguns gestos que devem ser evitados na fala em público. Para iniciar a fala, aconselha que se permaneça com os braços ao longo do corpo ou na posição de repouso, que é mãos unidas na linha da

cintura. Afirma que os gestos devem ser feitos acima da linha da cintura, ser variados e começar a partir dos ombros (VASCONCELLOS; OTTA, 2003, p. 154).

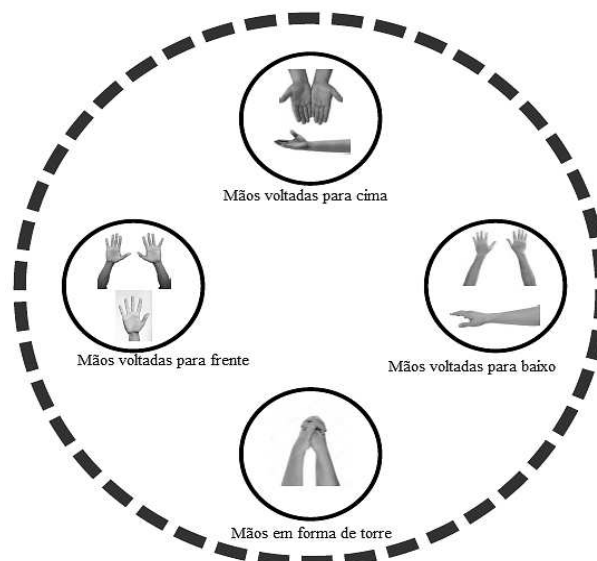
As palmas das mãos são também um instrumento de manifestação de poder, alguns dos gestos simbólicos na história da humanidade possuem uma relação direta com o movimento das palmas das mãos, por exemplo, a saudação nazista, romana ou a saudação integralista no Brasil.

A palma da mão humana é a fonte de algum dos mais poderosos – embora pouco percebidos – sinais corporais, seja na transmissão de ordens ou comandos, seja num simples aperto de mão. A mão aberta exibida da maneira adequada, confere ao executor do gesto uma autoridade inquestionável – é o *poder da palma da mão espalmada*.

Os gestos ilustrativos batutas são utilizados com bastante frequência pelos falantes em geral, pois são movimentos que podem ser adaptados a diversas situações de interação, podendo, assim, assumir significações diversas. Obviamente, tal frequência varia de acordo com situações tais como a individualidade, uma pessoa pode gesticular mais do que outra, dependendo da personalidade, pois sabe-se que há indivíduos mais espontâneos que outros. Além disso, mesmo existindo pesquisas que apontam o significado dos gestos, deve-se considerar as relações polissêmicas em que um só movimento com a mão, em situações diferentes, pode apresentar variação de significado.

Esta pesquisa adota como delimitação, os gestos ilustrativos batutas realizados com as mãos em situações determinadas na Figura 03:

Figura 03: Demonstrativo da posição das mãos quanto às palmas



Fonte: Dados do pesquisador.

Dessa forma, optou-se por analisar quatro situações distintas em relação às palmas: mãos abertas voltadas para cima; mãos abertas voltadas para baixo; mãos abertas espalmadas para frente; mãos em posição de “torre”.

A capacidade de transmissão de mensagens através das mãos é bastante ampla, o seu uso diário faz-se necessário em muitas ocasiões, incluindo a sala de aula. Um professor consciente da utilização da comunicação não-verbal, obterá mais visibilidade e empatia de seus alunos, pois a utilização dos gestos durante uma apresentação pode determinar o grau de atenção do público, inclusive a credibilidade diante do que é exposto verbalmente.

2.2 A CONVERSAÇÃO COMO MECANISMO SINGULAR À INTERAÇÃO HUMANA

A interação verbal é a associação das atividades que dois ou mais seres humanos realizam em conjunto, quando se encontram diante de uma situação provocada pelas suas presenças, em um mesmo local e espaço de tempo, e trocam informações através de atos comunicativos sensoriais.

Nesse sentido, a conversação é algo primordial para o estabelecimento das relações sociais. Através do diálogo, as pessoas estabelecem laços afetivos e constroem vínculos essenciais para a convivência humana. Até mesmo os recentes canais de comunicação propagados pelas novas tecnologias, tais como as chamadas “redes sociais”, conservam elementos básicos de uma conversação: a interação entre duas ou mais pessoas, a troca de papel entre falantes e o envolvimento dos participantes em um mesmo evento. Portanto, a interação verbal é fundamental à vida em sociedade, com a qual mantém uma relação de interdependência.

Entretanto, o estudo da fala humana, durante muito tempo, foi desconsiderada pelas correntes linguísticas. Isso ocorreu, porque, quando a Linguística ganhou o *status* de ciência, com Saussure, no início do século XX, a língua (*langue*) - e não a fala (*parole*) - era o objeto de estudo.

Com o avanço dos estudos linguísticos, a fala passa também a ser contemplada, tendo em vista o inegável aspecto multifacetado do fenômeno da linguagem. É isso que acontece com áreas de estudos como a Sociolinguística, a Pragmática, a Linguística Interacional, a Semiótica e a Análise da Conversação, a qual foi escolhida para abordar a fala (a verbalização, a comunicação verbal) na presente pesquisa.

Segundo Marcuschi (1986), a Análise da Conversação (AC) surgiu em meados da década de 60, na linha da Etnometodologia e da Antropologia Cognitiva que, inicialmente,

preocupou-se com a descrição das estruturas e os mecanismos organizacionais da conversação. A partir da década de 70 é “que se assiste à emergência desse novo campo de pesquisa e que as conversações (e outras formas de interações verbais) tornam-se objeto de uma investigação sistemática” (KEBRAT-ORECCHIONI, 2010, p. 16). Os primeiros a seguir essa perspectiva investigativa foram, de acordo com Kock (2003, p. 73), os americanos Sacks, Schegloff e Jefferson, que estudaram o sistema de tomada de turnos na conversação. Para tais autores, existem técnicas de distribuição às quais os interlocutores obedecem na transição dos turnos. Dessa forma, as pesquisas voltaram-se para a organização da conversação e as repartições dos turnos, tais como o início e encerramento de uma conversação, ou situações que provocam ações e reações dos interlocutores como pergunta e resposta, solicitação e aceitação.

A partir da década de 80, as pesquisas da AC passaram a considerar outros aspectos da linguagem quando em situação real de uso. A observação das pesquisas mostrou que, além dos elementos verbais, uma conversação envolve outros aspectos não menos importantes que podem interferir e até condicionar o entendimento entre os falantes. A respeito dessa constatação, Marcuschi (1986, p. 6) afirma:

Hoje, tende-se a observar outros aspectos envolvidos na atividade conversacional. Segundo J. J. Gumperz (1982), a AC de se preocupar sobretudo com a especificação dos conhecimentos lingüísticos, paralingüísticos e sócio-culturais que devem ser partilhados para que a interação seja bem-sucedida. Esta perspectiva ultrapassa a análise estruturas e atinge os processos cooperativos presentes na atividade conversacional: o problema passa da *organização* para a *interpretação*.

O deslocamento do foco da organização para a interpretação despertou o interesse por outros elementos, além dos verbais, que estão associados à conversação. Esses elementos estão relacionados, principalmente, à comunicação não-verbal que, através da linguagem corporal, promove um compartilhamento de informações durante uma conversação entre os interlocutores. Assim, considerando a comunicação como um processo de interação, percebeu-se que muitas informações emitidas e recebidas não são parte do código lingüístico. Dessa forma, uma interpretação não poderia ser realizada somente a partir de uma organização estrutural de uma conversação, pois há todo um contexto comunicativo influenciando o entendimento.

Marcuschi (1986, p. 14) evidencia que “a conversação é a primeira das formas a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora. Em suma, além da ‘matriz para a aquisição da linguagem’, a conversação é o gênero básico da interação

humana". Tal acepção demonstra a natureza dialógica da linguagem, ou seja, para que haja uma conversa, presume-se a participação de pelo menos duas pessoas em uma interação.

A conversação é um fenômeno que se desenvolve durante a atividade comunicativa. As escolhas lexicais, as estratégias argumentativas e a percepção dos interlocutores fazem parte de um processo em constante construção. Embora seja marcada pela improvisação mútua dos participantes, a conversação, de acordo com Marcuschi (1986, p. 6-7), “não é um fenômeno anárquico e aleatório, mas altamente organizado e por isso mesmo passível de ser estudado com rigor científico”. Diante disso, a AC tenta esclarecer como as pessoas se entendem, como cooperam entre si no jogo comunicativo, criando condições e solucionando possíveis problemas de interação.

Bange (1983 *apud* Koch, 2003, p. 75), a respeito da conversação e seu caráter social interativo, afirma que “[...] a conversação pode ser considerada a forma de base de organização da atividade de linguagem, já que ela é forma de vida cotidiana, uma forma interativa, inseparável da situação”. Mesmo que alguém domine as regras de uma língua, que saiba produzir os mais diversos enunciados, mas não saiba em que circunstâncias ou diante de quem utilizá-los, não será considerado um falante dessa língua, pois produzirá frases sintaticamente corretas. No entanto, sem sentido. Tal situação provoca uma reflexão a respeito da importância da interação para a comunicação diária em que encontram gêneros textuais específicos às situações comunicativas.

Um dos obstáculos para que se aceitassem os estudos sobre as interações verbais diz respeito à naturalidade com a qual acontecem as conversações. Esse aspecto pode provocar a sensação de que se trata de algo ilógico e, por isso, impossibilitado de sistematização. Entretanto, como afirma Rodrigues (2013, p. 17) “os interlocutores obedecem, segundo Erving Goffman (1987, p. 20 e ss.), a condicionamentos sistêmicos e a condicionamentos rituais.” No primeiro caso, trata-se de assegurar a própria interação, fazendo com que os participantes procurem manter o foco das atenções, por exemplo, numa situação em que um dos interlocutores se dirige a outro, cumprimentando-o, espera-se uma resposta coerente com o condicionamento social, ou seja, espera-se que o outro também o cumprimente. Assim, como em muitos outros casos, para que a interação se efetive e tenha continuidade, devem-se seguir determinadas regras de convivência social.

Os condicionamentos rituais garantem um processo de figuração dos envolvidos na interação, preservando e mantendo o espaço de cada um no contexto em que se encontram, como ocorre, por exemplo, entre professor e aluno, em que se observam a utilização de formas

de expressão adequadas ao contexto, delimitadas pela imagem que os interlocutores fazem do outro e de si mesmos.

Assim, nesta pesquisa, apesar de ter como foco a comunicação não-verbal, entende-se como imprescindível que o tal estudo seja associado, também, à comunicação verbal, já que uma abordagem exclusiva de um desses aspectos da linguagem poderia provocar distorções na análise e na interpretação do *corpus*.

As transcrições feitas do componente verbal que serão apresentadas, mais adiante, no capítulo IV, estão fundamentadas nos princípios da Análise da Conversação, que possibilitaram o registro de aspectos paralinguísticos e da interação dos participantes da pesquisa, retratados pela mudança de turnos da professora e seus alunos.

Por fim, pode-se ainda justificar a importância desse campo teórico como suporte para esta pesquisa, porque colabora, decisivamente, para o registro e a leitura da linguagem corporal em um dos seus aspectos mais perceptíveis: os elementos sonoros suprasegmentais da fala, que estabelecem, juntamente com a palavra, a significação do que é dito. Não é admissível, pois, desconsiderar o elo entre os aspectos linguísticos e os movimentos corporais.

CAPÍTULO III

Este capítulo apresenta a metodologia aplicada para o desenvolvimento desta pesquisa, partindo da discussão sobre o que se considera “ciência”, a fim de justificar a natureza das chamadas “Ciências Humanas”, evidenciando a investigação do comportamento humano. Além disso, há uma breve justificção da Etnografia no espaço escolar e, para contextualização desta pesquisa, descreve-se o *lócus* e o perfil dos participantes. Por fim, tem-se a execução da pesquisa em que são detalhadas as técnicas utilizadas para coleta e análise dos dados.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Desde a reviravolta científica, provocada pelo Renascimento no séc. XVI, discute-se no que consiste a ciência e quais os parâmetros e limites adotados para se aceitar uma pesquisa como sendo de natureza científica. A necessidade de se delimitar o conhecimento científico por meio de relações cartesianas, promoveu, além da evolução da ciência, uma visão unilateral a respeito da relação entre o científico e o não científico, isso ocorreu, principalmente, devido ao fato de as experiências iniciais terem sempre uma base matemática, empírica. Como Rubem Alves (2008, p. 91) afirma: “Resta-nos revelar a comida que o estômago da ciência é capaz de digerir. Vou logo adiantando: se não for dito em linguagem matemática a ciência diz logo: ‘Não é científico’”. Dessa forma, ao longo dos anos, os outros modos de conhecer foram relegados a uma categoria inferior, desmerecedora da credibilidade científica acadêmica. Cabe salientar que o conhecimento científico é apenas mais um dos tipos de conhecimentos veiculados em nossa cultura. De acordo com Netto (2008, p. 20-22), além do conhecimento científico, temos o conhecimento popular, o conhecimento religioso, o conhecimento técnico e o conhecimento artístico.

A partir do séc. XIX, as chamadas Ciências Humanas passaram a ter relevância no meio científico. Inicialmente, tentou-se seguir os mesmos parâmetros das Ciências Naturais, entretanto, como afirma Severino (2007, p. 112),

[...] a medida que foram se desenvolvendo os estudos sobre os diferentes aspectos da fenomenalidade humana, os pesquisadores começaram a perceber que não prevalecia o paradigma epistemológico único representado pelo positivismo, ou seja, os pesquisadores se dão conta de que, no caso do estudo e do conhecimento do homem, outros paradigmas podem ser utilizados, com resultados igualmente satisfatórios no que concerne à eficácia explicativa.

Diante do exposto, percebe-se a necessidade de a ciência também se voltar para a investigação do comportamento humano, dentro da perspectiva de que a evolução tecnológica deve ser compatível com o desenvolvimento social e cultural. Inicialmente, esse comportamento foi pesquisado seguindo a tradição positivista, como é o caso do Estruturalismo, mas depois surgiram outras modalidades de pesquisa como a Hermenêutica e a Dialética que definem o homem não apenas como um animal racional, mas como parte de um organismo social com o qual interage sentimentalmente, politicamente, modificando a si e aos outros enquanto sujeito atuante.

Nesse sentido, a escola exerce um papel importante na cultura ocidental, pois a ela foi relegada a prerrogativa de preparar o indivíduo para que se desenvolva intelectualmente e moralmente. Um dos desafios para a educação da era digital é, justamente, conseguir estabelecer uma conexão entre o professor, o conhecimento e os alunos, já que o apelo midiático presente no mundo do jovem contemporâneo é forte, intenso e rico em recursos audiovisuais. Assim, esta pesquisa procura analisar os processos comunicativos interativos em sala de aula, observando a interação conversacional batuta das mãos do professor do Ensino Médio Integrado, para discutir de que forma os gestos batutas das mãos do professor influenciam na interação entre professor e aluno.

3.1 A PESQUISA ETNOGRÁFICA

Esta pesquisa possui como foco o estudo de aspectos do cotidiano da sala de aula, caracterizando-se como uma pesquisa etnográfica. “A Etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (ANGROSINO, 2009, p. 30). O estudo do comportamento humano revela como as pessoas convivem umas com as outras em determinadas circunstâncias. Diante da complexa convivência social na atualidade, torna-se necessária a pesquisa sobre as relações estabelecidas em coletividade, para que se conheçam suas causas e efeitos. A Etnografia é uma maneira de se estudar as sociedades e seus comportamentos; através dela, é possível estabelecer padrões comportamentais a partir da análise de dados coletados *in loco* observados pelo etnógrafo.

A escola é um espaço sociocultural onde se desenvolvem comportamentos e relações cujos reflexos se percebem nos resultados da aprendizagem dos alunos. No que diz respeito à

pesquisa etnográfica na escola, André (1995, p. 28) destaca que “Se o foco dos interesses dos etnógrafos é a descrição da cultura (prática, hábitos, crenças, valores, significados) de um grupo social, a preocupação central dos estudiosos da educação é com o processo educativo”. Nota-se, dessa forma, que há uma distinção entre o estudo etnográfico em seu sentido estrito, adaptando-o a uma condição peculiar que é o espaço escolar. Essa diferença faz com que certos requisitos da pesquisa etnográfica como, por exemplo, uma longa permanência do pesquisador em campo, não sejam necessários.

A pesquisa científica no ambiente escolar proporciona um entendimento aprofundado sobre os mecanismos de aprendizagem através da compreensão da dinâmica das relações e interações cotidianas. Como afirma André (1995, p. 42),

Para que se possa aprender o dinamismo próprio da vida escolar, é preciso estudá-la, atitudes, com base em pelo menos em três dimensões: a institucional ou organizacional, a instrucional ou pedagógica e a sociopolítica/cultural. Essas três dimensões não podem ser consideradas isoladamente, mas como unidade de múltiplas inter-relações, através das quais se procura compreender a dinâmica social expressa no cotidiano escolar.

Dessa forma, compreende-se que a pesquisa na escola não deve ser um mero registro da sua rotina, mas uma forma de discutir e revelar suas práticas, contribuindo para a evolução do processo de ensino-aprendizagem. Para isso, é necessário que sejam adotadas perspectivas teóricas definidas, com técnicas que ajudem a captar o dinamismo cultural em suas múltiplas possibilidades, apontando contradições e indicando possíveis norteamentos que contribuam para otimização da aprendizagem.

De acordo com o método de observação adotado, uma pesquisa etnográfica pode ser ética, quando o observador mantém distanciamento do fenômeno observado, ou êmica, em que há convivência entre o pesquisador e o fenômeno, de modo que haja uma interação entre eles. Assim, de acordo com essa definição, trata-se de uma pesquisa etnográfica de observação êmica, tendo em vista que o próprio pesquisador faz parte do corpo docente do local da pesquisa. Diante do objeto desta pesquisa (a interação conversacional através dos gestos batutas), deduz-se que a integração entre sujeito e observador contribui para a fidedignidade da pesquisa, reduzindo o distanciamento e facilitando a naturalidade do fenômeno observado. Entretanto, essa situação também traz o risco de se ter uma visão incongruente do objeto de pesquisa, como diz Minayo (2002, p. 68):

Quanto maior for a familiaridade que o pesquisador tenha com aquilo que ele está pesquisando, maior poderá ser sua ilusão de que os resultados sejam óbvios numa primeira visão. Essa ilusão pode nos levar a uma simplificação dos dados, nos conduzindo a conclusões superficiais ou equivocadas.

É importante que o pesquisador conheça de fato o seu objeto de pesquisa, assim como o contexto, para facilitar o acesso às informações. No entanto, não se deve deixar levar pelas impressões, o pesquisador tem que se utilizar de métodos e técnicas de observação que possam descrever fidedignamente o objeto, de modo a evitar conclusões indevidas.

Quanto à abordagem, esta pesquisa caracteriza-se por ser qualitativa, já que está direcionada à interpretação da convivência humana a partir de situações reais de interação social. Segundo Minayo (2002, p. 21-22), a pesquisa qualitativa se define como aquela que opera com processos e fenômenos que não podem ser “quantificados”, reduzidos a “variáveis”, ou melhor, a parâmetros e critérios positivistas revestidos de uma formulação matemática. Assim, a análise dos gestos batutas na interação entre professor e aluno deverá ser feita a partir de situações comunicativas específicas que sugerem interpretações voltadas a esclarecer relações da convivência humana.

Para fazer uma análise da gestualidade do professor em sala, adotou-se a pesquisa do tipo etnográfico, que “se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária” (ANDRÉ, 1995, p. 41). Esse contato favorece não somente a constatação de relações não aparentes no dia a dia escolar, como também a descoberta de outras situações que se desvelam através da pesquisa. Na concepção de Severino (2007, p. 119-120), a etnografia na escola

[...] visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no micros social, olhando com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa.

No que diz respeito ao objetivo, é uma pesquisa que está caracterizada pelo seu interesse prático, no sentido de que aspectos da linguagem humana serão descritos e analisados e “tem como objetivo a identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou o processo” (NETTO, 2008, p. 29), tomando como orientação o método hipotético dedutivo, em que se parte de hipóteses levantadas a partir da observação do pesquisador para a análise dos dados, a fim de se chegar a conceitos e regras gerais.

3.2 LÓCUS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Instituto Federal da Paraíba (IFPB) – *Campus* Cajazeiras, utilizando-se como laboratório de trabalho uma turma do 2º ano do Ensino Médio Integrado em Eletromecânica.

Criados pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, os IFs são vinculados à Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e são “instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas” (BRASIL, 2008). O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, de acordo com a lei vista anteriormente, proporciona diferentes níveis educacionais, Superior; Subsequente; PROEJA; Médio; Educação à Distância.

O IFPB – *campus* Cajazeiras – existe há vinte e dois anos e, de acordo com a Plataforma Nilo Peçanha (2018), conta com 2.886 alunos, ofertando 1 curso de Pós-Graduação, 5 cursos de Nível Superior, 3 cursos de Ensino Médio Integrado, 2 cursos Técnicos, 1 curso do PROEJA e 2 cursos EAD.

Os cursos de Ensino Médio Integrado ofertam, além do currículo oficial do ensino médio, conhecimentos técnicos da área a qual se integra o curso, com aulas no turno matutino e vespertino. Os alunos também têm aulas práticas, visitas técnicas, aulas em laboratórios, desenvolvimento e participação em projetos de extensão, entre outras atividades dessa natureza. A turma selecionada para a realização das filmagens desta pesquisa faz parte do curso médio integrado ao curso técnico de Eletromecânica, especificamente o 2º ano do Ensino Médio Integrado.

3.3 O PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A professora selecionada para participar da pesquisa faz parte do quadro de professores efetivos da instituição, está na faixa etária entre 45 e 55 anos, inclusive, em processo de afastamento (aposentadoria) por tempo de serviço. Atua na instituição há 22 anos, desde a fundação da escola, e possui grau de Mestre na área de Linguística. Um dos motivos pelos quais essa professora foi escolhida é o fato de que ela se utiliza bastante, e de forma bem perceptível, da linguagem gestual, seja em conversas com os colegas, nos corredores, seja em sala de aula. A seleção do sujeito da pesquisa também levou em consideração que a professora em questão

tem ampla experiência em sala de aula, possuindo, assim, uma linguagem corporal já consolidada pelo próprio tempo de docência. Outro aspecto que motivou a escolha foi a proximidade entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, como afirma Minayo (2002, p 55), “A relação com os atores no campo, como observa Zaluar (1985) implica no ato de cultivarmos um envolvimento compreensivo, com uma participação marcante em seus dramas diários”. Diante disso, fica evidente a necessidade de integração entre os participantes da pesquisa, no caso de um estudo sobre a linguagem corporal, contribuindo para a fidedignidade na captação e interpretação das informações.

Ao convidar a professora para participar da pesquisa, ela foi informada sobre quais seriam os procedimentos adotados e como seriam as filmagens em sala de aula. Além disso, foi informada de que deveria assinar um termo de consentimento, autorizando que as informações obtidas pudessem ser utilizadas nesta pesquisa. Em seguida, o projeto foi submetido ao Comitê de ética da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) do qual obteve aprovação para sua continuidade.

As filmagens foram realizadas em uma turma de 2º ano médio integrado ao Ensino Técnico em Eletromecânica, composta por alunos com faixa etária entre 15 e 18 anos. A turma é formada por alunos que residem em diferentes cidades que se localizam na mesma região onde está a sede da escola, em Cajazeiras-PB. Aliás, essa é uma característica do corpo discente da escola, uma parte significativa dos alunos tem que se deslocar diariamente de suas residências, em outras cidades, para a escola. A escolha de tal turma foi pelo motivo de ser conhecida pelo pesquisador, já que este foi o professor da turma no ano anterior à pesquisa, no 1º ano do ensino médio integrado. A proximidade do pesquisador com os alunos também foi considerada importante, pois, assim, propiciaria uma situação contextual em que as filmagens pudessem ser captadas com naturalidade, de modo que o pesquisador não era alguém estranho aos alunos.

3.4 EXECUÇÃO DA PESQUISA

Para a realização da pesquisa, inicialmente, fez-se uma solicitação à direção do IFPB – *campus* Cajazeiras – para autorizar a pesquisa, incluindo o direito ao processo de coleta de dados. Além disso, foi solicitado à professora participante da pesquisa que assinasse uma autorização de uso da sua imagem para o desenvolvimento do trabalho.

A coleta de dados foi realizada através de filmagens em registros de áudio e vídeo, pois entende-se que esses procedimentos são necessários para a realização da análise. Considerando

o objeto da pesquisa, a influência dos gestos ilustrativos batutas na interação entre professor e aluno, tornou-se relevante que se fizesse uma triangulação de dados. Esse expediente foi realizado com o cruzamento entre o componente não-verbal, o componente verbal e o componente semântico veiculado. A respeito da importância da triangulação para a pesquisa etnográfica, Angrosino (2009, p. 54) destaca: “é importante também lembrar que a boa etnografia geralmente resulta da triangulação”. Ainda segundo Angrosino (2009), nenhuma técnica aplicada sozinha é capaz de retratar inteiramente uma comunidade em sua dinâmica social.

Assim, foram feitos registros com gravações em áudio e em vídeo (filmagens), para que se pudesse ter referência de qual seria o ângulo de filmagem adotado. Devido ao fato de o objeto de pesquisa estar relacionado à comunicação humana, em situação real de uso, a gravação de áudio e vídeo torna-se essencial a um registro real dos momentos de interação, tal como afirma Almeida Filho (2007 *apud* RODRIGUES, 2010, p. 65):

A gravação em áudio ou vídeo de uma sequência de aulas típicas registra de forma duradoura o processo de ensinar em construção e por isso permite na revisitação, nos revisionamentos e nas reaudições das aulas o flagrar de evidências e contraevidências para a construção de uma interpretação da abordagem em fluxo.

As filmagens ocorreram durante um mês letivo (16 h/a), nas aulas de língua portuguesa no IFPB – *campus* Cajazeiras, no ensino médio, sendo que cada aula possui duração de 45 minutos. As primeiras observações das filmagens revelaram que não havia naturalidade na forma como a professora gesticulava. Constatou-se que a presença visível da câmera de filmagens gerava uma necessidade de controle gestual pela professora participante, pois ela sabia que estava sendo filmada. Essa observação foi possível pelo fato de o pesquisador fazer parte do corpo docente da mesma instituição, podendo observar a participante em outros momentos de conversação. Tal situação foi compartilhada entre o pesquisador e a professora, os quais chegaram ao entendimento de que as filmagens deveriam ser realizadas sem a presença física do pesquisador, de modo que a câmera ficasse oculta e fosse colocada sem aviso prévio à participante, já que, apesar do grau de convivência entre pesquisador e participante, a filmagem explícita estava dificultando a expressividade dos gestos e, certamente, comprometeria os resultados da pesquisa.

Diante disso, ficou acordado que uma câmera seria instalada em um local da sala de aula, de modo que a participante não percebesse o aparelho e pudesse se expressar naturalmente. Dessa forma, procedeu-se à instalação da câmera. Os registros aconteceram com uma câmera

posicionada próximo à cadeira de um aluno, de modo que captasse os gestos da professora, bem como toda a movimentação dela durante a aula, por um ponto de vista semelhante ao de um aluno.

A filmagem foi registrada em arquivo MP4¹ e, depois, transferida no mesmo formato para um programa de computador editor de imagens, o que possibilitou o processo de observação e análise foto por foto dos gestos da professora. As imagens selecionadas para análise procederam da filmagem de uma mesma aula, pois percebeu-se que os gestos das mãos ocorriam em uma frequência aproximada de três a quatro segundos por gesto, resultando em uma quantidade significativa de gestos por minuto de gravação, por isso, o tempo de cada Momento Interativo foi contabilizado em segundos. Durante o processamento dos dados foi necessário sempre rever várias vezes cada uma das cenas que compunha uma gestualidade, ou um gesto, de modo a estabelecer uma relação segura entre o que foi dito e o movimento corporal correspondente. Assim, cada interação gestual batuta da professora foi analisada individualmente, quadro a quadro, e, dessa forma, para registro fotográfico, optou-se por separar cada movimento gestual em três fases: 1^a) uma fotografia indicando o início do movimento; 2^a) outra fotografia mostrando a metade da movimentação; 3^a) outra fotografia registrando a finalização do movimento gestual.

Para proceder a análise, o tempo total de gravação foi dividido em Momentos Interativos. Assim, a delimitação de tais momentos realizou-se de modo que um mesmo espaço de tempo selecionado esteja dentro do mesmo contexto de produção, o que, segundo Oliveira (2008, p. 70), significa “construir sentidos vinculados por ocasião da exposição do conteúdo”. Cada Momento Interativo consistiu na realização das seguintes tarefas: Delimitação do tempo cronometrado para análise; descrição do componente verbal; descrição do componente não-verbal; análise do componente semântico veiculado através dos gestos da professora.

A descrição do componente verbal baseou-se nas normas para transcrição da Análise da Conversação, observando a tabela criada por Castilho (1986 *apud* KOCH, 2003, p. 82) cuja representação encontra-se no Quadro 01:

¹ **Mp4** refere-se, especificamente, a **MPEG-4 Part 14**. Um padrão de *container* de áudio e vídeo que é parte da especificação MPEG-4 desenvolvido pela ISO/IEC 14496-14. A extensão oficial do nome do arquivo é .mp4, por isso, é comum esse tipo de formato ser denominado assim.

Quadro 01 – Normas para transcrição da conversação

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÕES
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda...() nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moedas
Alongamento de vogal ou consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os...éh :: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fizeram com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((munúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição	- -	... a demanda de moeda – vamos dar essa notação – demanda de moeda por motivo
Superposição de simultaneidade de vozes	ligando [As linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira/... A. fizeram lá [B. cozinharam lá?
Indicações de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais, reproduções Reprodução de <i>discurso direto</i> Ou leitura de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima... ah Esteve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barreira entre nós”

Fonte: Castilho (1986 *apud* KOCH, 2003, p. 82).

O registro dos movimentos gestuais ocorreu observando-se os seguintes critérios: 1) quanto à posição das mãos: abertas voltadas para cima; abertas voltadas para baixo, abertas voltadas para frente; 2) quanto à direção do movimento: para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo, para frente, para trás, circular; 3) quanto ao movimento: sem movimento, movimento lento, movimento rápido ; 4) quanto à frequência: gesto sem repetição, gesto com

repetição; 5) quanto à intensidade do gesto: baixa, média, larga; 6) quanto à amplitude do gesto: curta, média, larga; 7) componente verbal relacionado diretamente ao gesto; componente semântico associado à gesticulação.

A delimitação e a descrição dos aspectos não verbais que ocorrem durante os Momentos Interativos levaram em consideração aspectos como a paralinguagem, a postura, a proxêmica, o contato visual, as expressões faciais, quando forem determinantes para a interpretação dos gestos, porque, além das mãos, braços e dedos que compõem os gestos manuais. Há todo um conjunto de expressões corporais que agem em grupo com a interação comunicativa estabelecida pelas mãos. Por isso, durante a observação das filmagens, assim como pelas fotografias, observaram-se também movimentos do tórax, da cabeça dos pés e da face, quando estavam relacionados ao gesto analisado.

Os dados obtidos foram organizados em Categorias de Análise. Cada uma dessas categorias apresenta o Momento Interativo com um quadro contendo a transcrição conversacional completa da fala da professora; outro quadro com a descrição dos gestos ilustrativos batutas presentes no momento em análise e, em seguida, tem-se a análise dos movimentos gestuais, ilustrada com fotografias que indicam o início, o meio e o fim de cada movimentação do gesto.

CAPÍTULO IV

Este capítulo apresenta a descrição e a análise dos gestos registrados nas filmagens realizadas em sala de aula. Para um melhor esclarecimento dos procedimentos de análise, há uma definição de “Momento Interativo” nesta pesquisa. Ademais, a análise da gestualidade foi disposta em três Momentos Interativos, sendo que em cada um deles há o registro da transcrição conversacional (componente verbal), também há um quadro que apresenta a descrição de cada gesto analisado e, por fim, a análise, com figuras, dos gestos ilustrativos batutas selecionados pela presente pesquisa.

4 CATEGORIAS DE ANÁLISE: OS MOMENTOS INTERATIVOS

De acordo com Oliveira (2008), os Momentos Interativos, unidades máximas de análise, podem ser definidos como sendo qualquer situação interativa de sala de aula que funcione como ação gestual referencial e “que permita estabelecer a interação entre participantes e construir sentidos vinculados por ocasião da exposição do conteúdo” (OLIVEIRA, 2008, p. 70).

Nesta pesquisa, optou-se pelo registro de Momentos Interativos como forma de organização do material de análise. As filmagens selecionadas são trechos de uma aula de 45 minutos. Cada trecho separado possui uma unidade semântica, ou seja, a conversação entre a professora e os alunos diz respeito a um mesmo assunto, de modo que as partes de cada Momento Interativo estejam interligadas semanticamente. Para a análise, somente foram considerados os gestos ilustrativos batutas nas situações já delimitadas por esta pesquisa.

4.1 MOMENTO INTERATIVO 01

O Momento Interativo 01 consiste em um tempo total de 310 segundos de registros em imagem e som através de filmagens e fotografias. O intervalo de tempo foi delimitado pelo fato de se tratar de uma situação em que se percebe uma unidade semântica, trata-se de um recorte de uma aula de 45 minutos. Durante o período, registraram-se 55 gestos manuais. Na análise dos gestos ilustrativos, de acordo com a classificação gestual proposta por P. Ekman e W. Friesen, adotada por esta pesquisa, registraram-se 23 gestos batutas manuais.

A transcrição conversacional do Momento Interativo 01 encontra-se no Quadro 02. Neste caso, adotou-se o procedimento de registro da Análise da Conversação, proposto em Koch (2003), no qual se faz também o registro paralinguístico que, no caso desta pesquisa, é crucial para a interpretação do componente semântico transmitido através da interação entre professor e alunos.

Quadro 02: Transcrição do Momento Interativo 01

<p>Professora: ...então assim gente...uma das normas..., e essa vocês procurem se espelhar...que é uma grande oportunidade de vocês fazerem uma aprova boa... pra se pelo menos for pra final... não ir precisando de ()... pra fazer outra prova...então, façam um trabalho deCENTe, a alTura...Ó, os meninos que estavam ()...alguns ficam falando comigo...essa turma não teve UM.. não tem ninGUÉM que faça uma pergunta sobre o trabalho...olha aí como vocês têm um diferencial... isso só bota vocês pra trás... aí... A gente tem que ter a frente os nosso objetivos...não é esperando, não...aí, eu não sei em que pé vocês estão...como eu DIsse ningUÉM, me perguntou...nem oralmente e nem via () individualmente...procura uma orientação sobre o trabalho ...AÍ...faz pela metade... e AÍ o valor é... como se diz... é pela atribuição dos trabalhos... o trabalho não é para facilitar... isso não ajuda vocês a crescerem... por isso não me interessa...então... procurem fazer um trabalho decente... a altura...pra apresentar e ter uma nota melhor... a próxima avaliação... preparem-se... pra uma boa prova... tirem dúvidas, marquem aulas de reforço... sempre fica aquela dificuldade... e não procura minimizar aquele problema... e vai aumentando... e a tendência é a gente trabalhar outro aspecto da gramática que precisa ter conhecimento...nenhum conhecimento é esTANque... estudou aquilo ali... depois apaga... deleta... um computador... todo conhecimento vai fazer liga com outro e a gente vai só acrescentando... quando a gente deixa de cumprir esse lado aqui, não cumpre esse...como uma aranha... a teia vai forma uma liga... e daí o aluno vai criando os blocos...é porque a é muito difícil...mas tu::do... qualquer UM aprende...qualquer um que tenha massa encefálica, independente de ser japonês... chinês... norte ameriCano... nem de ninGUÉM... o que diferencia é a preguiça... o comodismo... é o protecionismo... “ah, o conselho vai ter misericórdia de mim, o conselho vai ter compaixão...” assim não funciona... enTÃO, vamos deixar definido... para/ eu propus que na/os meninos ali já fizeram trabalho((apontando</p>

para outra sala))...vão apresentar na próxima semana... e pra essa turma... a gente planejou...para mim, tanto FAZ... que já seja começado amanhã...como que seja a ÚLtima nota... a gente pode deixar o trabalho como a última nota, eu não me importo.

Fonte: Dados do pesquisador.

Os movimentos gestuais ilustrativos batutas do Momento Interativo 01 foram registrados e descritos no Quadro 03, tomando-se como base cada movimento ou conjunto de movimentos que compõem o gesto em análise. Além disso, o componente verbal foi separado e apresentado por partes, de modo que cada célula correspondesse a uma divisão gestual observada na filmagem, cuja disposição obedece à sequência da captação da movimentação da professora durante o registro da aula. A seguir, tem-se o Quadro 03 com os respectivos registros.

Quadro 03 – Descrição dos gestos batutas do Momento Interativo 01

Posição das mãos	Movimento /direção	Frequência	Intensidade	Amplitude	Componente verbal	Component e semântico
Direita e esquerda: abertas voltadas para cima, horizontal.	Direita, movimento lento.	Sem repetição	Alta	Média	“...então assim gente...uma das normas e essa...”	Ênfase
Direita e esquerda: abertas voltadas para cima, horizontal.	Direita e esquerda, movimento lento.	Sem repetição	Alta	Média	“...vocês procurem se espelhar...”	Ênfase, conselho
Direita: dedos unidos, voltada para baixo, horizontal. Esquerda: dedos unidos, voltada para cima.	Direita, movimento rápido, de baixo para cima, da direita para esquerda, passando pela altura do ombro, abrindo a palma da mão esquerda, sem movimento.	Sem repetição	Média	Larga	“... que é uma grande oportunidade de vocês fazerem uma prova boa...”	Conselho, súplica
Direita e esquerda: abertas, voltadas para cima, posição horizontal.	Direita e esquerda, movimento lento, para baixo.	Sem repetição	Alta	Média	“...pra se pelo menos for pra final, não ir precisando de notas...”	Ênfase conselho

Direita: aberta voltada para cima, vertical. Esquerda: aberta, voltada para o tórax, horizontal.	Direita: movimento lento para frente e de cima para baixo. Esquerda: sem movimento.	Com repetição	Média	Curta	“...então, façam um trabalho decente, a altura...”	Desejo, súplica
Direita e esquerda: abertas, voltadas para cima, posição horizontal.	Direita e esquerda, movimento lento, para baixo.	Sem repetição	Alta	Média	“...A gente tem que ter a frente nosso objetivos...”	Ênfase, conselho
Direita e esquerda: abertas, voltadas para cima, horizontal.	Direita e esquerda: movimento rápido para frente;	Com repetição	Alta	Larga	“...e aí o valor é... como se diz... é pela atribuição dos trabalhos...”	Ênfase, franqueza
Direita e esquerda: abertas, voltadas para cima, horizontal.	Direita: movimento lento de cima para baixo, tocando a esquerda que está junto ao tórax;	Com repetição	Alta	Larga	“...o trabalho não é para facilitar...”	Ênfase, franqueza
Direita e esquerda: abertas, voltadas para cima, horizontal	Direita: movimento lento para baixo, tocando a esquerda até ser fechada por esta. Esquerda sem movimento.	Com repetição	Alta	Larga	“...Isso não ajuda vocês a crescerem, por isso não me interessa...”	Ênfase
Direita: aberta voltada para cima, vertical. Esquerda: aberta, voltada para o tórax, horizontal.	Direita: movimento lento para frente, cima para baixo. Esquerda: sem movimento	Com repetição	Alta	Larga	“...então, procurem fazer um trabalho decente, a altura...”	Ênfase

Direita e esquerda abertas, voltadas para cima, horizontal.	Direita e esquerda: movimento lento para frente.	Com repetição	Alta	Larga	“...pra apresentar e ter uma nota melhor...”	Ênfase, conselho
Direita: aberta, para frente vertical. Esquerda: aberta, voltada para cima; horizontal.	Direita: movimento lento de cima para baixo, tocando a mão esquerda que está sem movimento.	Com repetição	Alta	larga	“...Preparem-se...”	Ênfase, conselho
Direita e esquerda: abertas, voltadas para cima, horizontal.	Direita e esquerda; movimento lento para frente.	Com repetição	Alta	Larga	“... fazer uma boa prova...”	Ênfase, conselho
Direita: aberta voltada para cima, vertical. Esquerda: aberta, voltada para o tórax, horizontal.	Direita: movimento lento para frente. Esquerda: movimento rápido para frente.	Com repetição	Alta	Larga	“...mas tudo, qualquer um aprende...”	Ênfase, conselho
Direita encosta sobre a esquerda horizontal.	Esquerda: movimento rápido para trás. Direita: movimento rápido para trás, próximas ao tórax.	Com repetição	Média	Larga	“...ah, o conselho vai ter misericórdia de mim, o conselho vai ter compaixão...”	Desejo, súplica
Direita e esquerda abertas, voltadas para baixo.	Direita e esquerda: sem movimento	Sem repetição	Baixa	Curta	“...assim não funciona...”	Ênfase, determinação
Direita: vertical, voltada para o tórax, unindo-se a mão esquerda	Direita e esquerda: movimento lento de cima para baixo, próximas ao tórax, um	Com repetição	Baixa	Curta	“...então, vamos deixar definido... para... eu propus que...”	Ênfase, determinação

na mesma posição	pouco acima da mesa.					
------------------	----------------------	--	--	--	--	--

Fonte: Dados do pesquisador.

4.1.1 Análise do Momento Interativo 01

Após o toque de entrada, às 7:00h, a professora entra na sala de aula do 2º ano médio integrado, aguarda alguns minutos enquanto mais alunos adentram à sala. É a primeira aula do período matutino.

A professora inicia a aula esclarecendo sobre a próxima avaliação e solicitando a opinião dos alunos sobre a decisão de se fazer a avaliação por prova ou trabalho. Enquanto conversa, a professora tece comentários acerca do desempenho da turma, movimentando-se no espaço entre a sua mesa de trabalho e a porta. De acordo com Santos (2007, p. 5), a posição central do espaço, segundo à proxêmica, equivale ao “local onde sua presença ganha mais poder”. Esse posicionamento relaciona-se com o contexto à medida que há uma situação de tomada de decisão que é compartilhada com os alunos.

No que diz respeito à análise da interação dos gestos batutas no Momento Interativo 01, observou-se que a professora se utilizou um total de 23 gestos batutas, ou 44% dos gestos manuais. Em relação à análise de tais gestos, como se observou várias situações gestuais semelhantes, somente uma parte dos gestos foi escolhida para análise, considerando as eventualidades que se distinguem.

Neste Momento Interativo, percebeu-se a ocorrência de gestos ilustrativos batutas com as mãos abertas com os componentes verbais: “... então assim gente...”, “... e essa ...vocês procurem se espelhar...”, “...que é uma grande oportunidade de vocês fazerem uma prova boa...”, “pra se, pelo menos for pra final... não ir precisando de nota...”, “...a gente tem que ter a frente nossos objetivos...”.

De acordo com a observação proposta por Rector e Trinta (1993), deve-se analisar a intensidade, amplitude e a frequência de um gesto. Assim, trata-se de um gesto quanto à frequência, sem repetição; com intensidade alta; com amplitude média, já que os braços fazem o movimento próximo ao tórax. O componente semântico verbal, bem como o contexto de produção do ato comunicativo, com a utilização do modo verbal imperativo, tenta sensibilizar os alunos. Como se observa na Figura 04:

Figura 04 – Gesto batuta com as duas mãos – Momento Interativo 01



Fonte: Dados do pesquisador.

Tais gestos reforçam a palavra tornando-a mais enfática, atribuindo mais importância ao que a professora diz. O fato de a professora gesticular como as mãos abertas enquanto fala provoca a atenção dos alunos que, além de receberem o estímulo auditivo, também captam visualmente movimentos que estão ritmicamente relacionados à cadência da fala da professora.

Ainda com relação às palmas das mãos abertas, neste Momento Interativo, situações em que a professora utiliza o gesto com as palmas das mãos abertas ao se referir a uma nota que seria atribuída a um trabalho. Os componentes verbais, exemplificados na Figura 05, são: “... e aí o valor é... como se diz... é pela atribuição dos trabalhos...”; “...o trabalho não é para facilitar...”.

Figura 05 – Gesto batuta com as duas mãos – Momento Interativo 01



Fonte: Dados do pesquisador.

Nesse caso, trata-se de uma ocorrência gestual, em relação à frequência, sem repetição; com intensidade alta e amplitude larga. A mudança de parâmetros de intensidade e amplitude é um reflexo do que é verbalizado, no caso a franqueza em admitir como serão atribuídas as notas dos trabalhos, por isso o gesto mais enfático e amplo. Para os alunos, a ampliação dos

movimentos também provoca uma visualização em que se percebe a relevância atribuída pela professora ao que ela declara. As palmas das mãos abertas denotam acolhimento, desarmamento. Essa característica gestual influencia a interação entre a professora e os alunos, estes percebem, mesmo inconscientes, a franqueza dos gestos e, em troca, diminuindo alguma resistência que possa existir entre professora, alunos e o assunto tratado.

Por mais quatro vezes, há gestos batutas com as mãos abertas que compõem a interação com as seguintes mensagens verbais: “para apresentar e ter uma nota melhor...”, “fazer uma boa prova...”, “preparem-se...”, “...Isso não ajuda vocês a crescerem, por isso não me interessa...”, “...então, procurem fazer um trabalho decente, a altura...”, “mas tudo qualquer um aprende...”. Nesse caso, a análise dos gestos mostrou que os valores de intensidade, amplitude e frequência foram semelhantes: frequência com repetição, intensidade alta e amplitude larga. Essa situação está relacionada ainda à relevância atribuída pela professora às informações repassadas em forma de conselho, provocando a atenção dos alunos que acompanham os movimentos das mãos e braços como olhar, ao mesmo tempo em que escutam as palavras da professora.

A relação cinética de gestos com as mãos abertas e braços estendidos para frente é interpretada, de forma uníssona, por autores como Rector e Trinta (1993), Goman (2014), Cohen (2015), entre outros, como sendo uma atitude de solicitude, súplica, franqueza, desarmamento, acolhimento. Ao realizar gestos com as mãos abertas, a professora transmite uma imagem receptiva aos alunos.

Dentre os gestos batutas com as mãos abertas, observou-se uma variação nesse modo gestual em que a docente realiza parte do gesto com uma das mãos aberta espalmada para frente, enquanto a outra mão realiza outro movimento, algumas vezes, de tocar a mão que está espalmada (Ver Figura 06). Nesse caso, com os componentes verbais: “...ah, o conselho vai ter misericórdia de mim, o conselho vai ter compaixão...”, “...então façam um trabalho deCENTe... à altura...”.

Figura 06 – Gesto batuta com as duas mãos – Momento Interativo 01



Fonte: Dados do pesquisador.

Nesse movimento gestual, a professora levanta e abaixa a mão direita em marcação, dando ênfase ao que é expressado verbalmente. O gesto, realizado pela mão direita, apresenta-se com a frequência repetida, intensidade média e amplitude curta, enquanto a mão esquerda permanece em repouso e, ao final do gesto, a professora segura a mão esquerda. Ao segurar uma das mãos, a professora transmite a informação com mais firmeza, inclusive com elementos da paralinguagem em acentuações de algumas sílabas. Esse movimento gestual pontua enfaticamente o que se diz de modo a destacar a importância de alguns momentos da fala. A mão toca e segura a outra, ilustrando a necessidade de os alunos apreenderem tais informações.

Nesse Momento Interativo, há duas ações de gesto batuta com as mãos voltadas para baixo. De acordo com os manuais sobre linguagem corporal, os gestos ilustrativos batutas com mãos abertas, com palmas voltadas para baixo, são uma forma de demonstração de poder; usa-se esse modo gestual para arrefecer os ânimos, por exemplo. Segundo Goman (2014), as palmas das mãos para baixo indicam poder e segurança, ponto de vista que também é compartilhado por outros autores. As pesquisas sobre esses gestos indicam que eles provocam a antipatia do público.

Neste caso, o gesto ocorreu com a frequência repetida, intensidade baixa e amplitude curta (Ver Figura 07). Os componentes verbais referentes a esse gesto são: “...assim não funciona...” “...então, vamos deixar definido... para... eu propus... que...”.

Figura 07 – Gesto batuta com as mãos para baixo – Momento Interativo 01



Fonte: Dados do pesquisador.

Observa-se, dessa forma, que as mãos para baixo reforçam a autoridade do emissor, pois como afirma Davis (1979, p. 180): “os sinais não-verbais definem também os papéis”. Nesse caso, a professora conclui a ação gestual com as mãos sobre a mesa, o que é mais um indício de afirmação de autoridade, de poder de decisão. De acordo com os manuais de linguagem corporal, é um gesto que provoca uma certa antipatia no público. As palmas voltadas para baixo, por exemplo, também são usadas para bater, transmitem ordem e são usadas para arrefecer os ânimos. Para os alunos, neste caso, é uma forma de estabelecimento da decisão tomada, indicando que, apesar da discussão sobre o assunto, a professora detém o poder de decisão.

Os gestos ilustrativos batutas apresentados neste Momento Interativo mostraram-se coerentes com o que se percebe na expressão verbal da professora e, ao mesmo tempo, reveladores em relação ao que é dito nas entrelinhas, ratificando a afirmação de Kebrat-Orecchioni (2010, p. 41): “No que diz respeito ao conteúdo do diálogo, as entonações e os gestos intervêm sobretudo pela determinação das significações implícitas (...)”. Além disso, o gesto ilustrativo batuta é um tipo gestual que se ajusta bem ao contexto de sala de aula, já que atua na marcação do ritmo, realçando a fala e contribuindo para a manutenção da atenção dos alunos. Essa situação contribui para o processo de ensino-aprendizagem à medida que, através dos gestos, a professora consegue manter os alunos concentrados por mais tempo, utilizando-se de recursos da Comunicação verbal e da Comunicação não-verbal, estimulando, assim, diferentes sentidos nos alunos. O fato de a professora movimentar-se durante as explanações, passa uma imagem mais “amigável” para os alunos, pois, ao agir assim, a professora tem um comportamento que a aproxima mais dos alunos, estabelecendo um vínculo de maior confiança entre eles. A aproximação corporal através da proxêmica aumenta o grau de intimidade e a utilização de gestos dá impressão de maior engajamento ao que se diz, transmitindo maior segurança aos alunos.

4.2 MOMENTO INTERATIVO 02

O Momento Interativo 02 consiste em um tempo total de 80 segundos de registros em imagem e som através de filmagens e fotografias. O intervalo de tempo foi determinado diante da unidade semântica, ou seja, no início da aula, quando a professora faz comentários sobre o assunto que será tratado nas próximas aulas.

Durante esse Momento Interativo, foram registrados 29 gestos manuais, o que corresponde a uma média de um gesto a cada 2,7 segundos. Os dados obtidos através da filmagem revelam significativa diferença na frequência de uso de gestos ilustrativos em relação a outros, já que dentre os 29 gestos apontados, houve 15 gestos ilustrativos batutas.

A transcrição conversacional do Momento Interativo 02 encontra-se por completo, apesar de serem utilizados para análise somente os trechos referentes aos gestos ilustrativos batutas, pois estão diretamente relacionados com o objetivo desta pesquisa. É importante que se apresente todo o componente verbal desse Momento Interativo para que se tenha mais clareza a respeito da relação entre a interação entre o que é dito e o gesto analisado. Tal componente verbal prossegue no Quadro 04.

Quadro 04 – Transcrição do Momento Interativo 02

<p>Professora: se quiser...hoje eu já vou começar a PARte de gramática... eu já começo algumas aulas... vamos dar andamento/U::ma aula a gente fecha esse assunto... fica só ativiDAdes... exercício, tirando dúvida ...entendeu? ...num instantinho faz uma prova.</p> <p>Aluno...eu acho... ao meu ver que a parte de gramática deveria ser primeiro porque () / ((comentário de uma aluno))</p> <p>Professora: ...eu também Acho... eu acho que deveria ser porque/Ó... vocês... há uma tendência, minha gente eu não sei...que... que... metodologia nociva é essa que vocês absorveram ... empurrando... empurrando... empurrando com a barriga... depois ficam ...huff... sei lá... então vamos fazer.. a gente pode fazer... vamos aprontar os conteúdos de gramática... em duas semanas a gente vê... e faz uma avaliação... e::: literatura... a parte de literatura do quarto bimestre...é/são duas estéticas que não tiveram assim... GRA::Nde influência na produção brasileira... mas vocês precisam levar isso... COmo componente curricular para o próximo ano letivo... () por exemplo, como foi falado a semana de arte moderna, a semana de 1922, o poema o sapo de Manoel Bandeira... que critica a poesia... PERfeita, perfeccionista.. de Olavo BiLAC dos PARnasianos/ham ... “Virgínia nunca deu isso” ...o que foi mesmo o parnasianismo? por que ele criticou?...</p>

Fonte: Dados do pesquisador.

Os movimentos gestuais ilustrativos batutas do Momento interativo 02 foram registrados e descritos no Quadro 05, tomando-se como base cada movimento ou conjunto de movimentos que compõem o gesto.

Quadro 05 - Descrição dos gestos batutas do Momento Interativo 02

Posição das mãos	Movimento/direção	Frequência	Intensidade	Amplitude	Componente verbal	Componente semântico
Direita: aberta, voltada para baixo. Esquerda: aberta para cima.	Direita: movimento rápido de cima para baixo até tocar a mão esquerda Esquerda: sem movimento.	Sem repetição	Alta	Média	...hoje eu já vou começar a parte de gramática...	Ênfase
Direita e esquerda em posição de torre	Direita e esquerda: sem movimento.	Sem repetição	Baixa-	Curta	...vamos dar andamento ...eu já começo algumas aulas...”	Tranquilidade, segurança
Direita: aberta vertical para frente. Esquerda: aberta, voltada para o tórax, horizontal.	Direita: movimento rápido, por cima da mesa até a altura do ombro Esquerda: sem movimento.	Sem repetição	Alta	Larga	...uma aula a gente fecha esse assunto...	Ênfase
Direita: segurando a esquerda Esquerda: horizontal, aberta, voltada para o tórax.	Direita e esquerda sem movimento.	Sem repetição	Alta	Média	...entendeu?...	Ênfase
Direita e esquerda: abertas voltadas para frente.	Direita e esquerda: movimento rápido, afastando uma da outra com indicadores tocando o polegar.	Com repetição	Média	Curta	“num instantinho faz uma prova..”	Ênfase,
Direita e esquerda: abertas, voltadas para cima, horizontal.	Direita e esquerda: movimento rápido de cima para baixo.	Sem movimento	Média	Média	...eu também acho... ((diante do comentário de um aluno))	Ênfase, abertura
Direita e esquerda:	Direita e esquerda:	Com repetição	Alta	Baixa	...Porque vocês...há	Ênfase, vibração,

abertas voltadas para cima, dedos meio cerrados.	movimento rápido.				uma tendência, minha gente eu não sei...	emoção
Direita e esquerda: abertas voltadas para cima, vertical.	Direita e esquerda: movimento rápido mãos saem da testa para frente, abrindo-se.	Com repetição	Alta	Larga	...Que metodologia nociva é essa que vocês absorveram...	Ênfase
Direita e esquerda: abertas vertical voltadas para o rosto.	Direita e esquerda: movimento rápido mãos mais altas que a cabeça	Sem repetição	Alta	Larga	...Depois ficam ...huff... sei lá...	Súplica, emoção
Direita e esquerda: abertas para frente, horizontal.	Direita e esquerda: movimento lento, para frente.	Sem repetição	Baixa	Curta	...Vamos aprontar os conteúdos de gramática...	Abertura, solicitude
Direita e esquerda: abertas para frente, horizontal.	Direita e esquerda: movimento lento	Com repetição	Média	Curta	...Em duas semanas a gente vê...	Abertura, solicitude
Direita: aberta, voltada para baixo Esquerda: aberta horizontal, voltada para cima.	Direita: movimento rápido, de cima para baixo. Esquerda: sem movimento	Sem repetição	Alta	Média	...E parte de literatura do quarto bimestre...	Ênfase,
Direita e esquerda: abertas, horizontal.	Movimento circular	Com repetição	Baixa	Curta	...é... são duas estéticas que não tiveram assim...	Regência
Direita e esquerda: voltadas para cima com dedos unidos.	Direita e esquerda: movimento lento, mãos à altura do ombro unidas, dedos juntos, fazendo movimentos para baixo.	Com repetição	Média	Curta	...Mas vocês precisam levar isso...	Ênfase
Direita e esquerda:	Direita e esquerda:	Sem repetição	Média	Curta	...Que critica a poesia...	Abertura, revelação

abertas, horizontal, voltadas para frente.	movimento lento.					
Direita e esquerda: abertas, horizontal para frente.	Direita e esquerda: movimento rápido de cima para baixo.	Sem repetição	Alta	Larga	...ham.. Virgínia nunca deu isso...	Ênfase franqueza
Direita e esquerda: abertas horizontal para frente.	Direita e esquerda: movimento rápido de cima para baixo	Sem repetição	Alta	Larga	...o que foi mesmo o parnasianismo? ...	Ênfase, indagação,
Direita e esquerda: abertas horizontal para frente.	Direita e esquerda: movimento rápido de cima para baixo.	Sem repetição	Alta	Larga	...por quê ele criticou?...	Ênfase

Fonte: Dados do pesquisador.

4.2.1 Análise do Momento Interativo 02

Com relação à análise dos gestos ilustrativos batutas presentes no Momento Interativo 02, foram anotados 15 gestos, sendo que 09 deles foram realizados com as mãos abertas para frente. Esses gestos coincidiram em frequência, amplitude, intensidade, apresentando nesses quesitos os mesmos valores. Também foram realizados sem repetição, de forma intensa e com movimentos amplos (Figura 08).

Figura 08 – Gesto batuta com mão e braços abertos – Momento Interativo 02



Fonte: Dados do pesquisador

Observando as mensagens verbais correspondentes e o contexto conversacional, é possível separar os gestos batutas com as mãos abertas em posição horizontal, voltadas para cima, em dois grupos. Num primeiro grupo, estão quatro mensagens: “vamos aprontar os conteúdos de gramática...”, “em duas semanas a gente vê...”, “mas vocês precisam levar isso...”. Nesse caso, os gestos realizados com as mãos e braços abertos relacionam-se com a situação de abertura, solicitude, estimulando a aceitação dos alunos para o que estava proposto pela professora.

Goman (2014, p. 97) revela que “braços abertos indicam inclusão”. E no que se refere ao gesto de abertura das mãos, Pease e Pease (2005, p. 35) afirmam:

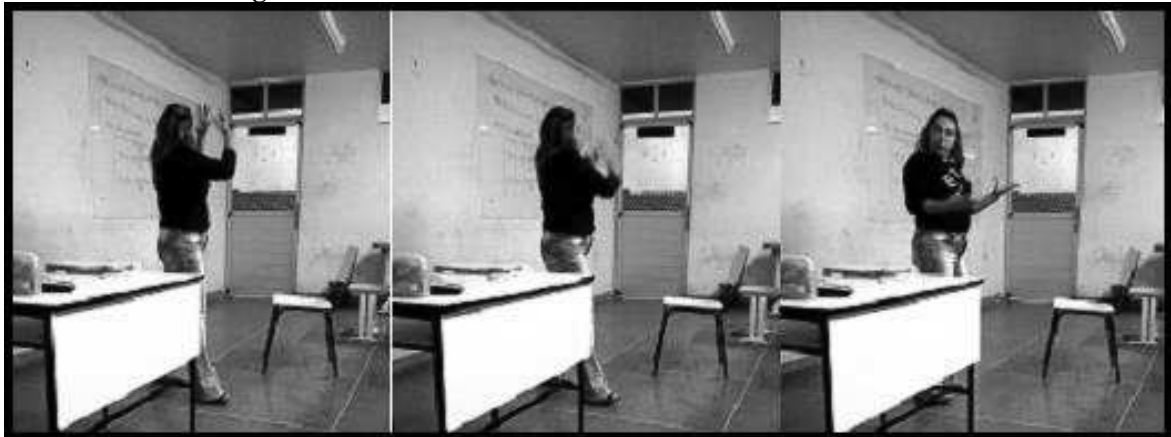
As pessoas quando querem ser sinceras e honestas geralmente abrem as mãos para outra [...] A pessoa que é sincera e diz a verdade em geral expõe a totalidade o parte da palma da mão para outra. Assim como a maioria dos sinais da linguagem corporal, este é um gesto totalmente inconsciente que suscita a você a ‘intuição’, ou palpite, de que a outra pessoa está falando a verdade.

Também é um gesto de espera, pois a solicitação presume uma espera e, na situação apresentada, a professora gesticula acompanhando a fala, incentivando uma resposta dos alunos, procurando estabelecer uma interação conversacional com eles. Há nessa situação, a manifestação corporal, meneios de cabeça, de parte dos alunos concordando com o pronunciamento da professora. O fato de ela estabelecer importância ao conhecimento gramatical que os alunos deverão ter também é uma forma de justificar a necessidade dessas aulas. Essa fala é enfatizada pela gesticulação.

Neste Momento Interativo, há 05 ocorrências de gestos ilustrativos batutas com as mãos abertas em posição horizontal, com palmas voltadas para cima, que estão localizados no encerramento da fala da professora. O componente verbal associado a esses gestos diz respeito às indagações retóricas realizadas pela professora ao se referir a um determinado momento da literatura brasileira: “que critica a poesia...”, “de Olavo Bilac dos parnasianos” “ham... Virgínia nunca deu isso...”, “o que foi mesmo o Parnasianismo?”, “por que ele criticou?”. Tais gestos indicam franqueza, solicitude, mas, neste caso, infere-se que a professora não aguarda a resposta dos alunos, pois trata-se de uma retórica.

Notou-se uma maior acentuação na intensidade desses gestos, acompanhados de mais expressividade corporal com movimentos do tórax e expressões faciais que acompanham o sentido do que é verbalizado, eles vão ocorrendo em sequência, à medida que a professora expressa a importância do assunto tratado, como se vê na Figura 09:

Figura 09 – Gesto batuta com as duas mãos – Momento Interativo 02



Fonte: Dados do pesquisador.

Dessa forma, os gestos ilustrativos batutas foram utilizados na marcação da voz, atuando no processo interativo conversacional com uma função semelhante à regência de orquestra. Daí o fato de eles serem chamados de gestos batutas, a professora utiliza-se de tais gestos, ritmicamente, provocando nos alunos a sensação de maior engajamento e estimulando o sentido visual, relacionando, assim, às palavras.

Uma variação dos gestos batutas na interação conversacional foi observada em relação à posição das mãos abertas quando em situação vertical. Ocorrem por três vezes, em sequência, quando a professora se refere à “metodologia” que, segundo ela, os alunos teriam “absorvido”. O contexto verbal dos três momentos é: “porque vocês ... há uma tendência minha gente eu não sei...”, “que metodologia nociva é essa que vocês absorveram...”, “Depois ficam ... huf ... sei lá...”. Esses gestos acontecem com uma pequena pausa entre eles, os três componentes verbais ocorrem como ênfase, apresentando um aumento no volume que se acentua na última frase, o que caracteriza a relação paralinguística, como se observa na Figura 10:

Figura 10 – Gesto batuta com mãos abertas para o alto – Momento Interativo 02



Fonte: Dados do pesquisador.

Além disso, deve-se considerar a postura com o rosto voltado para cima, com as mãos tocando a testa. De acordo com Fonseca (*apud* PEREIRA, 2010, p. 32), a tradução para postura com mãos na vertical e braços levantados é de excitação. Já Goman (2014, p. 97) afirma que “gestos por cima dos ombros são entendidos como erráticos e excessivamente emocionais”. Essa colocação condiz com a situação em que há vibração nas mãos e a paralinguagem apresenta mudança na tonalidade e volume de voz. Diferentemente dos gestos em que as mãos abertas estão na posição horizontal. Nesse caso, os gestos demonstram maior engajamento do emissor em relação ao que é dito. Em tal momento, há manifestação verbal de um aluno que, embora não tenha ficado completamente audível na filmagem, parece concordar com a professora, respondendo positivamente ao que a professora declara com ênfase. Weil e Tompakow (2015, p. 85) defendem uma relação harmônica da linguagem corporal e o estado de espírito, tais autores chamam essa relação de “princípio psicofisiológico” e que “cada modificação no estado fisiológico é acompanhada por uma mudança apropriada no estado mental-emocional; e reciprocamente cada modificação no estado mental emocional é acompanhada por uma mudança no estado fisiológico.”.

No geral, a turma apresenta uma certa tensão, perceptível pelo olhar dos alunos e pela posição, aumento da rigidez na postura em que estão sentados. Nota-se, assim, que o gesto utilizado emotivamente provoca mais engajamento no interlocutor. Nesse instante, parte da turma aparentou concordar com a professora, foram observadas manifestações paralinguísticas em que alguns alunos emitiram sons que denotam concordância como “humhum” e também meneios verticais de cabeça em sinais que demonstram concordância. Percebe-se que o estado de espírito do professor tende a se transferir aos alunos. Relações de tensão/relaxamento, alegria/tristeza, calma/nervosismo, certeza/incerteza, são compartilhadas entre professor e aluno de modo que o “clima” que se estabelece em sala de aula é construído também pela interação da linguagem corporal docente.

Outro gesto manual presente, entre os delimitados por esta pesquisa, é o da torre, em que as mãos se juntam entre os dedos, mantendo as palmas afastadas, formando, assim, uma imagem semelhante a uma torre. De acordo com Goman (2014, p. 73), trata-se de um gesto que expressa autoconfiança: “Você provavelmente já viu o gesto da torre. É o favorito entre executivos, médicos, advogados e políticos, e transmite uma sensação de superioridade em relação ao assunto que está sendo discutido”. Esse gesto pode ocorrer com as mãos em posição vertical, geralmente quando se tem onde apoiar os ombros, ou horizontal, em que as mãos se unem para frente. Tal gesto é observado na Figura 11, quando a professora diz que vai iniciar

o conteúdo de gramática e, em seguida, utiliza-se do gesto da torre, com o componente verbal: “vamos dar andamento... eu já começo algumas aulas...”.

Figura 11 – Gesto batuta em posição de “torre” – Momento Interativo 02



Fonte: Dados do pesquisador.

Além dos gestos mencionados, durante o Momento Interativo, observaram-se gestos ilustrativos batutas em que somente uma das mãos gesticula enquanto a outra fica praticamente parada, à altura da linha da cintura, como se observa na Figura 12:

Figura 12 – Gesto batuta com uma das mãos – Momento Interativo 02



Fonte: Dados do pesquisador.

Foram duas ocorrências com somente uma das mãos gesticulando. A primeira delas, no início do Momento Interativo 02, quando, ao se referir às aulas de gramática, utiliza os componente verbais “uma aula a gente fecha esse assunto”, “exercícios tirando dúvida...”. Trata-se de um gesto sem repetição, considerando a frequência; de amplitude larga; intensidade alta. O movimento da mão esquerda, que inicia próximo ao tórax, passa bem próximo ao

material que está sobre a mesa (Ver Figura 12) até finalizar com a mão e braço estendidos, sendo que na finalização do movimento gestual a mão está aberta na posição vertical.

A análise do Momento Interativo 02 mostrou uma integração semântica entre a gesticulação manual e o contexto em que se percebe a importância da gestualidade para interação conversacional. Captou-se, em algumas interações gestuais, que a linguagem corporal assume atribuições do estado de espírito, revelando, inclusive, manifestações de engajamento em que a opinião pessoal transparece mesmo sem a utilização de um componente verbal específico, no entanto, expressada pela combinação dos elementos que fazem a comunicação não-verbal. Além disso, ao manifestar-se emotivamente através da gestualidade, a professora estimula sentimentos semelhantes nos alunos, que respondem através de palavras e/ou de expressões corporais relacionadas principalmente ao olhar e à postura de como está sentado, podendo estar mais relaxado ou tenso, de acordo com o que capta da combinação entre a fala e o gesto. Este momento da análise, em particular, mostra o quanto é importante o professor ter consciência dos efeitos de sua própria linguagem corporal em seus alunos, pois estes estão sujeitos à mudança de comportamento, influenciados por atitudes do docente.

4.3 MOMENTO INTERATIVO 03

O Momento Interativo 03 consiste em um tempo total de 225 segundos, registrados em imagem e som através de filmagens e fotografias. O intervalo de tempo foi determinado diante da unidade semântica, neste caso, o registro é um recorte de uma aula de 45 minutos sobre um assunto de gramática.

Nesse Momento Interativo, foram registrados 73 gestos, o que resulta em uma média aproximada de um gesto a cada três segundos. Entre os gestos contabilizados, de acordo com a classificação gestual proposta por P. Ekman e W. Friesen e adotada por esta pesquisa, registraram-se gestos 22 gestos ilustrativos batutas.

A transcrição conversacional foi realizada de acordo as regras da Análise da Conversação dispostas em Koch (2003). A transcrição é imprescindível à análise dos gestos, pois também possibilita uma leitura paralinguística cujos aspectos interagem com a gestualidade, estabelecendo relações de significado com gesto e com o componente verbal, já que se trata de um dos elementos do contexto. Como afirma Orecchioni (2010, p. 34),

Outro fator que limita o problema do acesso ao contexto: o fato de que alguns elementos desse contexto estão inscritos no texto, sob a forma de **índices de contextualização** (J. Gumperz). Esses elementos que nos fornecem

informações úteis sobre o contexto podem ser de natureza bastante diversa, mesmo que a pesquisa focalize, sobretudo, a prosódia, os gestos e o ‘estilo’ do discurso.

Orecchioni (2010) ressalta que parte dos elementos que formam o contexto encontram-se no próprio texto, como, por exemplo, um ritual religioso em que a escolha do vocabulário está condicionada pela situação de produção. Certamente, há bem mais índices de contextualização que podem ocorrer de diversas formas, uma delas é através da paralinguagem, pois, muitas vezes, o tom de voz, o volume e o timbre estão vinculados ao contexto de produção. No Quadro 06, encontra-se a transcrição conversacional.

Quadro 06 – Transcrição do Momento Interativo 03

Professora: bom gente...na primeira parte do nosso curso de gramática... nós estudamos todos os termos ...PSIU... referentes aos períodos simples... a partir de agora... a gente vai estudar acrescido ao que a gente já sabe... no período composto... então...primeiro qual a diferença de um período simples para um período composto? ...

Aluno 01: período simples só tem uma oração...período composto tem mais de uma

professora: aperte minha mão... venha apertar minha mão.. que eu passei cuspe... ((risada geral))... o período se encerra... presta atenção que às vezes eu boto um texto...aí... classifique as orações do primeiro período.... aí o aluno... “eu não sei mais o que é período”...

como se eu nunca tivesse falado... então o período se encerra com um ponto final... reticências ou exclamação

Aluno 02: o importante é a pontuação... não é moral?

Professora: pode ser/ter a continuação aqui no mesmo parágrafo... só que já vai ser outro período... nem todos... tem uma vírgula né... os alunos chegaram... né?... então como é que eu conto as orações de um período... pelos... () a primeira oração tá... onde chegam, a segunda oração... brincaram pouco e saíram... É?... a terceira oração... então o que a gente vê como organização desse enunciado? As orações estão justapostas de uma maneira tal que faz com que a gente compreenda a mensagem... então... quando você tem, em qualquer situação, uma proposta de escrita... a primeira orientação é... escreva sobre tais e tais assuntos orientado pelos textos anteriores... levando em consideração os mecanismos de coerência e de coesão... não é?... sempre que se vai escrever, é o primeiro (inaudível) por quê?... se vo/é o...são os conhecimentos que eu tenho de gramática/prá/prá que serve, onde ponho a preposição?...será que ela são importantes, elas podem alterar meu texto... uma vírgula altera o sentido modifica... É:... deixa... é... desambíguo... né... sem ser aquela mensagem que eu queria transmitir então às vezes a gente faz isso sim... e compromete, na maioria das vezes a coerência do texto... em outras... não compromete a coerência... mas ao que se chama [inaudível] coesão... qualquer banca que vai examinar as produções textuais seja do enem ou vestibular... e/eu já () uma vez... e: a gente vai fazer o que?... a gente vai ler aquele texto ...e vai analisar o quê... se primeiro o menino é capaz de produzir um texto ()... que é o primeiro mecanismo de coerência... é ter textualidade... que o texto tem unidade do início ao fim... ele tá dizendo a mesma coisa... ou ele está se contradizendo?... ou ele tá pra cima e pra baixo e a gente nem entende nada... depois... aí você vai observar/ aí tem né... a gente bot/geralmente sempre um codigozinho... um triângulo alguma coisa/ pra gente ir identificando quantos têm no texto...se tem ou se não tem...

Fonte: Dados do pesquisador

O registro e descrição dos gestos ilustrativos batutas foram realizados mantendo-se somente os registros do tipo gestual delimitado por esta pesquisa, o gesto manual batuta em situações específicas. Como critério, para o registro do componente gestual, foram

considerados os aspectos de posição das mãos, tomando a palma da mão como referência, observando os aspectos de velocidade, direção do movimento, frequência, intensidade, amplitude. Além do componente gestual, fez-se o registro do componente verbal relacionado ao gesto. Por último, fez-se o registro do componente semântico percebido pela gestualidade.

Quadro 07 – Descrição dos gestos batutas do Momento Interativo 03

Posição das mãos	Movimento/Direção	Frequência	Intensidade	Amplitude	Componente verbal	Componente e semântico
Direita e esquerda: abertas horizontal Voltadas para cima.	Movimento rápido para baixo com as duas mãos	Com repetição	Média	Média	“...referentes aos períodos simples...”	Ênfase, marcação de ritmo
Direita e esquerda: abertas, voltadas para cima, Horizontal	Direita e esquerda: movimento rápido para baixo.	Sem repetição	Média	Média	“...a partir de agora... a gente vai estudar acrescido ao que a gente já sabe...”	Ênfase
Direita e esquerda: abertas, voltadas para cima, horizontal.	Direita e esquerda: movimento rápido para o lado direito.	Sem repetição	Alta	Larga	“...em um único período composto...”	Ênfase
Direita: meio aberta, horizontal. Esquerda: com o material.	Movimento lento de cima para baixo, a mão direita se abre no final do gesto.	Sem repetição	Baixa	Curta	“...as orações estão...justapostas ... de uma maneira tal... que faz com que a gente compreenda a mensagem...”	Controle, revelação
Direita: aberta para	Direita: movimento	Com repetição	Baixa	Média	“...quando você tem, em qualquer	Controle, franqueza

frente, vertical. Esquerda: com o material.	lento, para frente.				situação ... uma proposta de escrita...”	
Direita: aberta para frente, vertical. Esquerda: com o material.	Direita: movimento lento para frente.	Com repetição	Baixa	Média	“...a primeira orientação é...”	Controle, franqueza
Direita: aberta para frente. Esquerda: com o material.	Direita: movimento lento para frente.	Com repetição	Baixa	Média	“...escreva sobre tais e tais assuntos orientado pelos textos anteriores...”	Controle, franqueza
Direita: para frente vertical. Esquerda: com o material.	Direita: movimento lento, para frente.	Com repetição	Baixa	Média	“...levando em consideração os mecanismos de coerência e de coesão... não é?...”	Controle, franqueza
Direita: aberta para frente, horizontal. Esquerda: com o material.	Direita: movimento lento para frente, juntando os dedos.	Com repetição	Baixa	Média	“... sempre que se vai escrever, é o primeiro que se pede e se (inaudível) por quê?”	Ênfase, marcação

Direita: aberta, horizontal. Esquerda: com o material.	Direita: movimento lento para frente	Com repetição	Baixa	Média	“... são os conhecimen- tos que eu tenho de gramática...”	Ênfase, marcação
Direita: aberta, horizontal. Esquerda: com o material.	Direita: movimento lento para frente.	Com repetição	Baixa	Média	“...para que serve, onde ponho a preposição?... ”	Ênfase, marcação
Direita: aberta, horizontal. Esquerda: com o material.	Direita: movimento lento para frente, juntando os dedos,	Com repetição	Baixa	Média	“...será que são importantes, elas podem alterar meu texto...”	Ênfase, marcação
Direita: aberta vertical. Esquerda: com o material.	Direita: movimento lento, para frente.	Com repetição	Baixa	Média	“...modifica... ”	Ênfase, marcação
Direita: aberta vertical. Esquerda: com o material.	Direita: movimento lento para frente.	Com repetição	Baixa	Média	“...É... deixa... é... desambíguo... ”	Ênfase, marcação
Direita: aberta horizontal. Esquerda: com o material.	Direita: movimento lento para frente.	Com repetição	Baixa	Média	“... né?... sem ser aquela mensagem que eu queria transmitir...”	Ênfase, marcação
Direita: aberta,	Direita: movimento	Com repetição	Baixa	Média	“... então ... às vezes a gente	Ênfase, marcação

vertical. Esquerda: com o material.	lento para frente.				faz isso SIM e compromete.. . na maioria das vezes a coerência do texto...”	
Direita: aberta horizontal Esquerda: com o material	ML – braço direito um pouco dobrado mão direita movimentand o-se	Com repetição	Baixa	Média	“... em outra ... não compromete a coerência ... mas ao que se chama [inaudível] coesão...”	Ênfase
Direita: aberta horizontal. Esquerda: com o material.	Direita: movimento lento para frente.	Com repetição	Baixa	Média	“...qualquer banca que vai examinar as produções textuais seja do enem ou de vestibular...”	Ênfase
Direita: aberta vertical. Esquerda: com o material.	Direita: movimento rápido para frente.	Com repetição	Média	Curta	“...eu já vi uma vez... e a gente vai/faz o que?...”	Controle franqueza
Direita: aberta vertical. Esquerda: com o material.	Direita: movimento rápido para frente.	Com repetição	Média	Curta	“...a gente vai ler aquele texto ...e vai analisar o quê?...”	Controle, Franqueza
Direita: aberta vertical. Esquerda:	Direita: movimento rápido para frente.	Com repetição	Média	Curta	“...se primeiro o menino é capaz de produzir um	Controle, Franqueza

com o material.					texto coerente...”	
-----------------	--	--	--	--	--------------------	--

Fonte: Dados do pesquisador

4.3.1 ANÁLISE DO MOMENTO INTERATIVO 03

No Momento interativo 03 ocorreram 21 gestos batutas, dentre os quais houve duas ocorrências com as duas mãos abertas horizontalmente, isso no início, porque, em praticamente todo o tempo, a professora segura um material impresso com a mão esquerda e gesticula com a mão direita. Os dois gestos batutas com as duas mãos são realizados em sequência enquanto a professora explica objetivo da aula (Ver Figura 13), como se observa nos componentes verbais: “referentes ao período simples...”, “a partir de agora a gente vai estudar acrescido ao que a gente já sabe...” e “em um único composto...”.

Figura 13 – Gestos batuta com as duas mãos – Momento Interativo 03



Fonte: Dados do pesquisador

Quanto aos aspectos analisados, os gestos apresentaram movimentos rápidos; a frequência apresenta-se com repetição na primeira frase, sem repetição nas outras; nos dois primeiros gestos a intensidade varia de média para alta, no último gesto da sequência; a amplitude é média nos dois primeiros gestos e larga no último. No final dessa sequência, a professora abre os braços, ampliando o movimento gestual.

Durante a gesticulação, a professora utiliza-se de uma paralinguagem com volume natural. Contudo, diante de ruídos de conversas entre alunos, eleva um pouco o volume da voz com tonalidade e timbre que sugerem firmeza, aumentando o volume no último componente verbal da série.

A interação gestual deste Momento Interativo ocorre principalmente com uma das mãos, a mão direita da professora, porque com a mão esquerda ela segura um material cuja cópia fora distribuída para os alunos. Apesar de os gestos analisados terem sido executados com apenas uma das mãos, não se observou diferença na frequência de uso de gestos durante o período analisado.

Neste Momento Interativo, foram identificados 21 gestos ilustrativos batutas realizados somente com a mão direita aberta em posição horizontal, voltada para cima. Em relação à palma da mão à mostra, Davis (1979, p.31) esclarece que

[...] mostrar a palma da mão é um gesto inconsciente [...] Então ficou bem claro: no espaço de alguns segundos, durante o movimento casual de um braço, a palma se apresentou aberta dirigida para a outra pessoa num gesto curiosamente desprotegido e atraente.

Durante a análise, em várias ocasiões, a professora utiliza-se de gestos com as mãos abertas. Segundo a afirmação de Davis (1979), é uma forma de mostrar desproteção, de dizer para o outro que não há obstáculos entre os interlocutores, é um gesto de súplica e de acolhimento.

Mesmo quando se apresentam com alguma diferença nos aspectos de frequência, intensidade e amplitude, observou-se que permaneceram os aspectos de marcação e ênfase. Cohen (2015, p. 47) afirma que “os gestos podem ser utilizados de inúmeras maneiras – para enfatizar algo que foi dito”. Essa proposição também foi constatada na análise dos gestos batutas realizados com somente uma das mãos, conforme se verifica na Figura 14.

Figura 14 – Gesto batuta com a mão direita – Momento Interativo 03



Fonte: Dados do pesquisador.

Os gestos com a mão aberta não ocorreram isolados entre si, mas em blocos. Por vezes, uma só frase comportou mais de um gesto, de modo que, na análise, foram separados em grupos de gestos que mantinham relação semântica.

Em um dos trechos deste Momento Interativo, constatou-se a presença de 06 ocorrências de gestos ilustrativos batutas realizados apenas com a mão direita. É uma situação em que professora gesticula, demonstrando a importância do conhecimento gramatical e do assunto da aula. Tem-se, neste grupo de seis gestos, os seguintes componentes verbais: “...mais uma vez, pela enésima vez, estudem gramática...”, “...ela é uma senhora que já tem uma certa idade...”, “...e por isso mesmo cheia de sabedoria...”, “...aprofunda...”, “...vocês serão os futuros concurseiros da vida...”, “...se aproprie do que precisa ser apropriado...”. Tal situação está representada na Figura 15.

Figura 15 – Gesto batuta com a mão direita – Momento Interativo 03



Fonte: Dados do pesquisador.

Quanto aos aspectos avaliados, os seis gestos apresentaram-se da seguinte forma: frequência com repetição, intensidade alta e amplitude larga. De acordo com Burgoon, Buller e Woodall (1996 *apud* VASCONCELLOS; OTTA, 2003, p. 153), “quanto mais expansivos os gestos, maior a expressividade”. De fato, observa-se que a ênfase verbal acontece, inclusive, através da paralinguagem com mudança no volume, no tom e no timbre da voz. Desse modo, ao verbalizar conselho, enfatizando-o com a voz, a gestualidade segue com a mesma intensidade.

Notou-se, em três situações gestuais, uma variação na gestualidade em que o gesto ilustrativo batuta é executado com a mão aberta, voltada para cima. Também é realizado de maneira que, inicialmente, a mão se apresenta fechada, com os dedos unidos, e no final da execução do gesto a mão se abre, mostrando a palma. De acordo com Rector e Trinta (1986, p.

32), trata-se do “gesto da bolsa” (Ver Figura 16), neste caso, os componentes verbais são: “...estudaremos todos os termos referentes ao período simples...”, “...a partir de agora, a gente vai estudar acrescido ao que a gente já sabe...”, “...no período composto...”.

Figura 16 – Gesto batuta em forma de “bolsa” – Momento Interativo 03



Fonte: Dados do pesquisador.

Trata-se de um movimento que ocorre no momento em que a professora introduz um novo assunto gramatical, realizando, dessa forma, o “gesto da bolsa”, que se abre no final da sequência gestual, denotando franqueza ao que se declara verbalmente.

Através de análise, observou-se a frequência não repetida, a intensidade baixa. A amplitude é curta no início da gestualidade, mas, no último movimento da sequência, viu-se uma diferença nesse aspecto, já que se apresenta de forma larga. O “gesto da bolsa” também acontece em outro momento, neste caso, a professora encontra-se inicialmente próxima ao centro da sala quando fecha a mão, faz um giro com o tórax, caminha em direção ao quadro, levanta a mão, passa perto do quadro onde está escrito o assunto do qual falava, gira o tórax novamente, abre a mão e, enquanto pronuncia a última palavra da sequência verbal, fecha-a novamente. Os componentes verbais relativos a esse gesto são: “...as orações estão...justapostas ... de uma maneira tal... que faz com que a gente compreenda a mensagem...”. O trecho faz parte da explicação de uma frase que está no quadro, por isso, durante a execução do gesto, a professora aproxima-se dele.

Quanto ao registro dos aspectos avaliados, é um gesto de amplitude incomum entre as filmagens analisadas anteriormente. Esse gesto mostra-se com velocidade rápida, com a frequência sem repetição e a intensidade alta. Na Figura 17, há a descrição fotográfica desse gesto em três séries diferentes de imagens: 1ª) a professora encontra-se próxima ao centro da sala; 2ª) a professora dirige-se ao quadro; 3ª) ela está próxima ao quadro, voltada para os alunos, encerra o gesto abrindo a mão e mostrando a palma.

Figura 17 – Gesto batuta em forma de “bolsa” – Momento Interativo 03



Fonte: Dados do pesquisador.

É interessante perceber que tal gesto, no contexto, possui um componente verbal que é uma resposta a uma pergunta realizada pela professora durante sua fala: “... então o que a gente vê como organização desse enunciado?”. Aos poucos, a professora vai respondendo à própria pergunta, enquanto se movimenta pela sala, até encerrar o “gesto da bolsa”, expondo a palma da mão direita que, até então, estava “guardada”, como uma revelação, encerrando o gesto.

Neste mesmo Momento Interativo, notou-se uma situação com gestos que se apresentaram de forma semelhante de interação, tendo como componentes verbais: “as orações estão...”, “justapostas...”, “de uma maneira tal...”, “que faz com que a gente compreenda a mensagem”. Neste bloco, os aspectos analisados apresentaram os mesmos resultados: frequência sem repetição, intensidade baixa e amplitude curta. Assim, deduz-se que natureza do componente verbal, ou seja, o fato de a professora estar expondo um assunto gramatical sem a necessidade de argumentação, é coerente com uma manifestação gestual mais branda, conforme demonstra a Figura 18.

Figura 18 – Gesto batuta com a mão direita aberta – Momento Interativo 03



Fonte: Dados do pesquisador.

Essa situação reforça o entendimento de interação entre a gestualidade, o componente verbal e a intenção do falante, estabelecendo, assim, uma relação harmônica entre essas partes.

Em relação à interação professor, expressão corporal e aluno, Aranha e Rocha (2017, p. 9 – 10) afirmam que:

A dinamicidade da sala de aula exige do professor atitudes e posturas que são inerentes ao fazer docente. Dentro desse contexto, um dos aspectos importantes é a expressão corporal do docente na sala de aula, uma vez que o corpo se expressa simultaneamente à fala e contribui para o entendimento do que se transmite, influenciando decisivamente no envolvimento do alunado com o conteúdo em estudo.

Essa condição é percebida tanto pela paralinguagem quanto pelas expressões faciais da professora, pois, em vários momentos observados nas filmagens, observa-se a reação dos alunos em relação à linguagem corporal da professora. Notou-se também que, em relação à proxêmica, a professora encontra-se encostada no quadro, enquanto fala com os alunos, ou seja, durante este íterim, ela interrompe a movimentação pelo espaço da sala de aula. Percebe-se, em seguida, que há uma modificação em alguns aspectos quando a professora utiliza os componentes verbais “para que serve, onde ponho a preposição?...”, “será que são importantes?...”, “elas podem alterar o meu texto?...”. Tais gestos podem ser percebidos na Figura 19.

Figura 19 – Gesto batuta com a mão direita – Momento Interativo 03



Fonte: Dados do pesquisador.

Nessa série, nota-se uma alteração na paralinguagem com maior intensidade na pronúncia do componente verbal interrogativo, apesar de manter parte dos aspectos gestuais da situação anterior, em que a frequência se repete, a intensidade é baixa e amplitude média. Além disso, percebe-se que a professora retoma a movimentação pelo espaço da sala de aula, demonstrando uma relação proxêmica de aproximação aos alunos.

Canbaz e Yavuz (2006, p. 12) destacam que “os movimentos do corpo do instrutor fornecem estimulação visual e auditiva para os alunos. Andersen (1979) apresentou a ideia de que todos os movimentos do corpo têm uma relação positiva com os alunos”. A movimentação da professora durante a aula dinamiza a apresentação do assunto e estimula os alunos que a acompanham com o olhar, enquanto ela fala e se desloca.

Tal atitude é coerente com a série de perguntas que ela faz em relação à gramática, e ao aproximar-se mais dos alunos, reforça o caráter interrogativo. Agindo assim, a professora provoca os alunos dos quais obtém algumas respostas, inclusive, em uma delas a professora chama o aluno para apertar-lhe a mão, como uma forma de dar-lhe os parabéns. Diante da resistência do aluno em levantar-se para a ação, a professora diz: “venha apertar...que eu passei cuspe”, em tom de brincadeira. Esse fato provoca risada geral na turma, aumentando o clima de descontração, e é nesse clima que outro aluno interage complementando a resposta do aluno anterior. Agindo dessa forma, a professora coloca-se em posição de parceria com seus alunos, tomando uma atitude comportamental de aproximação e, em troca, consegue um maior engajamento da turma em relação ao conteúdo.

Percebeu-se, ainda, outra situação em que a professora se utiliza de gestos batutas com a mão direita aberta (Ver Figura 20) quando utiliza os componentes verbais: “...modifica...”, “...É:.. deixa desambíguo...”, “...NÉ... sem ser aquela mensagem que eu queria transmitir...” “... então ... às vezes a gente faz isso SIM... e compromete... na maioria das vezes a coerência do texto...”.

Figura 20 – Gesto batuta com a mão direita – Momento Interativo 03



Fonte: Dados do pesquisador.

Na sequência de imagens dispostas na Figura 20, percebe-se que a professora, além de realizar o gesto batuta com a mão direita, marcando a sua fala, também direciona a mão para o quadro onde em que está escrita uma frase para exemplificar o assunto de gramática. Há, nesta

situação, dois gestos ilustrativos em uma mesma gestualidade: o gesto batuta e o gesto dêitico, que serve para apontar algo. Configura-se, então, uma locução gestual em que dois gestos ou mais são utilizados em um só componente semântico. Quando a professora direciona o gesto batuta para o quadro, também aponta e isso desloca a atenção visual dos alunos, que está na professora, para a informação escrita no quadro. Assim, com o movimento gestual, a professora enfatiza a informação do quadro, promovendo uma interação com os alunos e o conteúdo, através do gesto.

Em outra sequência, estão os componentes verbais: “...em outra não compromete a coerência, mas o que se chama de coesão...”..”, “...qualquer banca que examinar as produções, seja de enem ou do vestibular...”. Neste caso, utilizando os gestos batutas para a marcar o ritmo da fala, expressando abertura, franqueza, como numa revelação com a palma da mão direita à mostra (Figura 21).

Figura 21 – Gesto batuta com a mão direita – Momento Interativo 03



Fonte: Dados do pesquisador

Assim, percebe-se que a interação conversacional promovida pelos gestos batutas está relacionada a uma espécie de regência manual, contribuindo para manter atenção dos expectadores. Na Figura 21, também percebe-se uma inclinação do tórax no que diz respeito a postura corporal, essa é uma forma de reafirmação do que se declara, além da ênfase manual, a professora utiliza o tórax também de forma a marcar o que está declarando. Os movimentos da mão e do tórax provocam visualmente os alunos, demonstram também um maior engajamento da professora que, neste trecho, fala a respeito da coesão na redação do ENEM. Assim, não só com a mão, mas com o corpo, incluindo a face, há uma gesticulação congruente ao componente verbal que serve de ponto de referência para os movimentos corporais. Todo esse conjunto de informações vão refletir na credibilidade do que é dito, já que a professora fala de uma situação futura para os alunos, o exame do ENEM.

No Momento Interativo 03, também ocorreram gestos ilustrativos batutas, mas com a variante relacionada à posição da mão aberta em posição vertical, espalmada para frente, o que indica demonstração de controle e sinceridade. Como afirmam Pease e Pease (2005, p. 35),

Quando você fala com as mãos espalmadas, está exercendo uma pressão em seu interlocutor para que também seja sincero. Em outras palavras, as mãos espalmadas ajudam a evitar falsas informações por parte dos outros e os encoraja a serem mais sinceros com você.

Os gestos com a mão em posição vertical e espalmada para frente foram registrados em dois blocos. O primeiro ocorre no início deste Momento Interativo com os componentes verbais: “...quando você tem... em qualquer situação... uma proposta de escrita...”, “...a primeira orientação é...”, “...escreva sobre tais e tais assuntos orientado pelos textos anteriores...”, “...levando em consideração os mecanismos de coerência e de coesão... não é?...”. Com relação aos aspectos gestuais, tais gestos possuem frequência repetida, intensidade baixa e amplitude média. A posição vertical da mão indica uma intenção da professora em chamar mais a atenção dos alunos, pois, nesta posição, as mãos tornam-se mais visíveis, o que também reforça a importância atribuída ao que é dito enquanto se gesticula. De acordo com a observação, também se percebe uma inclinação do tórax enquanto a professora anda, aproximando-se mais dos alunos, o que mostra congruência entre o gesto, a fala e a proxêmica. Tal aproximação reforça a interação entre professor e alunos, estabelecendo uma relação de maior confiança entre eles, aumentando a possibilidade de aceitação dos alunos. Essa descrição é observada na Figura 22:

Figura 22 – Gesto batuta com a mão em posição vertical – Momento Interativo 03



Fonte: Dados do pesquisador.

O segundo bloco, cujos movimentos gestuais apresentaram características semelhantes ao anterior, ocorreu enquanto a professora comentava sobre normas de correção textual. O movimento gestual, neste caso, diferencia-se do anterior pela posição da mão espalmada para

frente. A mudança na posição da palma – voltada para trás ou para frente – influencia na interpretação e na recepção do componente semântico. Os componentes verbais do outro bloco são: “Eu já vi uma vez... e a gente faz o quê?...”, “...a gente vai ler o texto... e vai analisar o quê?...”, “... se primeiro... o menino é capaz de escrever um texto coerente...”. O registro das imagens (Ver Figura 23) mostrou que, durante a sequência gestual, os gestos ocorreram com movimentos rápidos, frequência repetida, intensidade média e amplitude baixa.

Figura 23 – Gestos com a mão direita em posição vertical – Momento Interativo 03



Fonte: Dados do pesquisador.

A interação conversacional promovida pela gestualidade da professora está também relacionada à possibilidade de manter a atenção dos alunos, já que os gestos são realizados à altura do ombro, ampliando a sua visibilidade. Com a mão espalmada para frente, a professora indica que as informações veiculadas são repassadas com franqueza e, ao mesmo tempo, procura manter o controle da atenção dos alunos. Nessa posição, a mão torna-se mais visível aos alunos, cria uma certa expectativa, um aumento de atenção, pois é comum a utilização desse gesto no dia a dia como uma espécie de alerta, como se vê, por exemplo, em cartazes. É um gesto apelativo que busca prender a atenção dos alunos, os quais parecem perceber esse aspecto ao permanecerem em silêncio e como o olhar voltado para a professora durante a gesticulação.

No Momento interativo 03, observou-se a utilização de uma gestualidade coerente à verbalização que dá ênfase ao discurso, marca o ritmo. Em alguns momentos, inclusive, a paralinguagem e o gesto estão em um mesmo componente semântico, sujeitos a alterações que fazem parte do jogo comunicativo, como as acentuações e o volume de voz. Assim, os gestos participam da interação conversacional entre professora e alunos, exercendo um papel relevante à comunicação em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de professores é fundamental para a construção de uma base educacional efetiva e competente para as transformações que a conjuntura atual necessita, pois ela atua em um dos pilares do processo de aprendizagem, o professor.

A estrutura padrão que se tem adotado na educação brasileira estabelece a sala de aula, no modelo mais tradicional, como ambiente próprio à condução do ensino. Dessa forma, o professor promove e mantém, através da conversação, o elo entre alunos e o conhecimento. Assim, o docente é um comunicador e, como tal, utiliza-se dos mais diversos recursos comunicativos para o seu exercício profissional.

Esta pesquisa buscou investigar um dos aspectos concernentes à comunicação diária do professor em sala de aula: a linguagem do corpo. Especificamente, procurou-se estabelecer uma relação entre os gestos das mãos e o componente semântico da comunicação do professor no intuito de se constatar a influência de tais gestos na interação conversacional do docente durante a aula.

Inicialmente, houve dificuldade quanto à seleção dos gestos a serem analisados, somente após as primeiras observações das filmagens, foi possível perceber os movimentos gestuais que eram utilizados pelo sujeito da pesquisa. Outra dificuldade encontrada foi a de conseguir uma filmagem em que o sujeito da pesquisa agisse com a devida naturalidade, já que, nos primeiros registros, ficou constatado que a percepção da presença da câmera de filmagem interferia no comportamento do sujeito da pesquisa. Para que não houvesse continuidade dessa situação optou-se pela realização da filmagem com uma câmera oculta, com o devido consentimento do sujeito da pesquisa.

Após uma análise realizada nas primeiras filmagens, decidiu-se pela investigação delimitada aos gestos batutas, já que estavam em predominância em todos os momentos avaliados e faziam parte da conversação, dos momentos interativos em sala de aula. O processo de análise dos gestos batutas, enquanto Comunicação não-verbal seguiu as orientações teóricas de Rector e Trinta (1986; 1993), Cohan (2015), Davis (1979), Guiroud (2001), Pease e Pease (2005) e Goman (2014). A análise dos gestos batutas também foi fundamentada pela Análise da Conversação, tendo em vista que o gesto, assim como toda linguagem corporal, está associado à interação conversacional. Este vínculo foi constatado em Marcuschi (1986) e Kebrat-Oriocchi (2010).

O cruzamento entre as informações dos autores pesquisados e as imagens registradas, bem como a respectiva verbalização de cada momento, demonstrou que os gestos batutas

colaboram para a comunicação entre professor e aluno, estabelecendo uma interação conversacional durante a aula. Assim, os gestos do professor em sala de aula fazem parte de um “pacote” interativo que é fundamental para o vínculo entre professor, aluno e o processo de ensino-aprendizagem.

Além dos gestos, outros elementos compõem a linguagem corporal do professor, participando na construção da interação comunicativa reforçando, enfatizando e ritmando a palavra. O corpo estabelece relações de sentido que são compartilhadas no momento da interação em sala de aula. Tal situação transcende o indivíduo, pois o gesto também provoca reações no interlocutor que, mesmo de forma inconsciente, reage, contribuindo para construção do significado.

Embora seja visível a importância da comunicação não verbal do professor, haja vista o número de pesquisas desenvolvidas acerca do assunto nos últimos vinte anos, a abordagem do assunto nos cursos de licenciatura está aquém dessa importância. A maioria dos professores desconhece os efeitos dos recursos não verbais da comunicação, não percebe a própria gestualidade e, quando nota, não consegue atribuir sentido. Em sala de aula, além do professor, os alunos também se manifestam de forma não-verbal, e o que seus corpos dizem é uma linguagem verdadeira que pode fornecer informações cruciais para a adoção de estratégias de ensino.

Mesmo com adoção de novas técnicas e configurações de ensino, o professor e a imagem que os alunos constroem dele ainda exercem influência no aprendizado, pois as relações de confiança, de proximidade psicológica, assim como todo o comportamento não-verbal do professor, podem estabelecer relações de atração ou aversão entre eles. Por isso, até mesmo quando se aprende por meio de videoaulas, há um envolvimento que extrapola a comunicação verbal.

Seria interessante que os fundamentos da Comunicação não-verbal, bem como as pesquisas realizadas no ambiente escolar sobre esse assunto, pudessem chegar aos docentes. Além disso, a inclusão da Comunicação não-verbal no currículo de cursos de licenciatura proporcionaria aos formandos visão mais clara de si, da própria imagem, além de prepará-los para lidar com situações reais em sala de aula que se manifestam através da linguagem corporal dos alunos. Tudo isso, respeitando as individualidades e reconhecendo que, assim como na linguagem verbal, a linguagem corporal é um reflexo da formação de cada pessoa, pois é aprendida sem que ninguém, necessariamente, ensine. Trata-se de uma linguagem que se inicia ainda no contato entre mãe e filho, nos primeiros momentos de vida, e que fará parte da pessoa, identificando-a e promovendo a interação com os demais.

Assim, ao pesquisar sobre a linguem corporal e tentar aprender como ela ocorre, quais os seus conceitos e efeitos, é um “mergulho” para dentro de si mesmo, em um movimento de autoconhecimento e de reconhecimento do outro como instância comunicativa corporal.

Esta pesquisa buscou esclarecer as relações gestuais comunicativas interacionais entre professor e alunos em sala de aula sem, no entanto, ter a pretensão de se colocar como absoluta, ao contrário, ela é somente uma pequena parte do universo escolar e a comunicação que se estabelece nele. Espera-se, dessa forma, que ela possa provocar o interesse em outros pesquisadores interessados em desvendar os “segredos” da Comunicação não-verbal e seus efeitos nas relações de ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- AITA, P. A. Linguagem Corporal à Frente da Bancada: a colaboração do não-verbal no telejornalismo. **Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, 2. ed., dez. 2010/fev. 2011, p. 01-22.
- ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Armed, 2009.
- ARANHA, S. D. de G. O gênero em foco: da categorização dos estudos clássicos da linguagem à aplicação no ensino contemporâneo de língua materna. *In*: SILVA, Antônio de Pádua Dias da; ALMEIDA, Maria de Lourdes Leandro; ARANHA, Simone Dália de Gusmão; CAMPINA, Teresa Neuma de Farias (Orgs.). **Ensino de Língua: do impresso ao virtual**. Campina Grande: EDUEPB, 2006, p. 49-59.
- ARANHA, S. D. de G.; ROCHA, F. I. A. A. Letramento gestual e formação docente: uma abordagem da linguagem corporal no ambiente escolar. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA1_ID_8503_16102017212256.pdf> Acesso em: 23 de julho de 2018.
- ASSMANN, H. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. 2 ed. Piracicaba: UNIMEP, 1994.
- BAITELO JÚNIOR, N. Comunicação, mídia e cultura. **Revista da Fundação Saede**. São Paulo, v. 12, n. 4, out./dez.,1998, p. 11-16.
- BRASIL. Lei Federal nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm>. Acesso em: 11 out. 2015.
- BRONCKART, Jean-Paul. (Re-)configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo ALTER-LAEL. *In*: CRISTOVÃO, Vera Lúcia; ABREU-TARDELLI, Lília S. (Orgs.). **Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva**. Campinas: Mercado das Letras, 2009, p. 31-77.
- CANBAZ, S. T.; YAVUZ, M. A. Effects of teacher immediacy behaviours os students' Motivation towards language learning. **International Online Journal of Primary Education**, v. 5, p. 11-19. 2006. Disponível em: <www.ijpe.info/ojs/index.php/OIJPE/article/download/500/580>. Acesso em: 11 dez. 2017.
- COHEN, D. **A linguagem do corpo: o que você precisa saber**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. **A linguagem do corpo: o que você precisa saber**. Tradução de Daniela Barbosa Henriques. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

- DAVIS, F. **A comunicação não-verbal**. 7. ed. São Paulo: Summus, 1979.
- DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, reimpressão 2012.
- GOMAN, C. K. **A linguagem corporal dos líderes**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GUIRAUD, P. **A linguagem do corpo**. São Paulo: Ática, 2001.
- KEBRAT-ORECCHIONI. **A análise da conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2010.
- KOCK, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- KYRILLOS, Leny; COTES, Cláudia; FEIJÓ, Deborah. **Voz e Corpo na TV**: a fonoaudiologia a serviço da comunicação. São Paulo: Ed. Globo, 2003.
- LÁZARO, M. La importancia de la comunicación no verbal en el desarrollo cultural de las sociedades. **Razón y Palabra**, Monterrey, v. 14, n. 70, nov./jan., 2009. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/REYES_REVISADO.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2017.
- LYONS, L. **Lingua(gem) e Linguística**. Rio de Janeiro. Editora Guanabara, 1987.
- MARCUSCHI, A. M. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
- MARTINO, L. M. S. **Teoria da Comunicação**: ideias, conceitos e métodos. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MONTEIRO, Ana Cristina et al. **Fundamentos da comunicação**. Lisboa: Sílabo, 2008.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- NETTO, A. A. O. **Metodologia da Pesquisa Científica**: guia Prático para Apresentação de Trabalhos Acadêmicos. 3. ed. Florianópolis: Visual Books, 2008.
- OLIVEIRA, C. L. **O dêitico gestual como processo interativo em sala de aula**. 2008. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/437>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

OLIVEIRA, E. **A proxêmica na comunicação não-verbal**. Instituto Brasileiro de Linguagem Corporal, 2012. Disponível em: <<https://ibralc.com.br/a-proxemica-na-comunicacao-nao-verbal/>>. Acesso em: 8 out. 2017.

PEASE, A; PEASE, B. **Desvendando os segredos da linguagem corporal**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

PEREIRA, A. C. C. **Os gestos das mãos e a referenciação**: investigação de processos cognitivos na produção oral. 2010. 148 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/LETR-8TELM4/accpereira_final_p_s_defesa_para_impress_o_revisado_19_04_2010.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 set. 2017.

PERLES, J. B. **Comunicação**: conceitos, fundamento e história. [S.l.]: Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2007, p. 1-17. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-comunicacao-conceitos-fundamentos-historia.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

PIRES, Sérgio Senna. Como a comunicação não-verbal influencia o que falamos? **Instituto Brasileiro de Linguagem Corporal**. 2011. Disponível em: <<https://ibralc.com.br/como-comunicacao-nao-verbal-influencia-falamos/>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

PLATAFORMA NILO PEÇANHA. Disponível em: <<https://www.plataformanilopecanha.org/>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

RECTOR, M.; TRINTA, A. **A comunicação não-verbal**: a gestualidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **A comunicação do corpo**. São Paulo: Ática, 1999.

RICHMOND, V. Teacher Non-Verbal Immediacy: Use and Outcomes. *In: Our Teaching Behavior*. Virginia: West Virginia University, 2001, Chapter 6, p. 65-82.

RODRIGUES, D. R. A interação verbal. **Questões Transversais**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, jan./jul., 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/5706/PDF>>. Acesso em: 12 out. 2017.

RODRIGUES, V. M. de A. **Gestos que muito dizem**: comunicação não-verbal entre Professores e Alunos no processo de Ensino-Aprendizagem de língua estrangeira (Inglês). 2010. 149f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Mestrado em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8962/1/2010_VaniaMariaAlbuquerqueRodrigues.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2017.

ROSÁRIO, Nisia Martins do. **Nos discursos do corpo televisivo**: jogo, sedução e prescrição, 2003. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

SANTOS, M. F. O. Contribuições dos aspectos não-verbais e verbais ao discurso de sala de aula. **Gelne**, Natal, v. 4, n. 1, p. 1-6, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9137>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA, L. de F. L. de; LEAL, A. L.; SENA, E. F. C. de. A importância da comunicação não-verbal do professor universitário no exercício de sua atividade profissional. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 12, n. 5, p. 784-787, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=169316077013>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala**, a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. 74. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

VASCONCELLOS, L. R.; OTTA, E. Comparação do comportamento gestual entre maus e bons oradores durante a comunicação em público. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 9, n. 13, p. 153-158, jun. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/174>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

APÊNDICE
PRODUTO PEDAGÓGICO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE
PROFESSORES

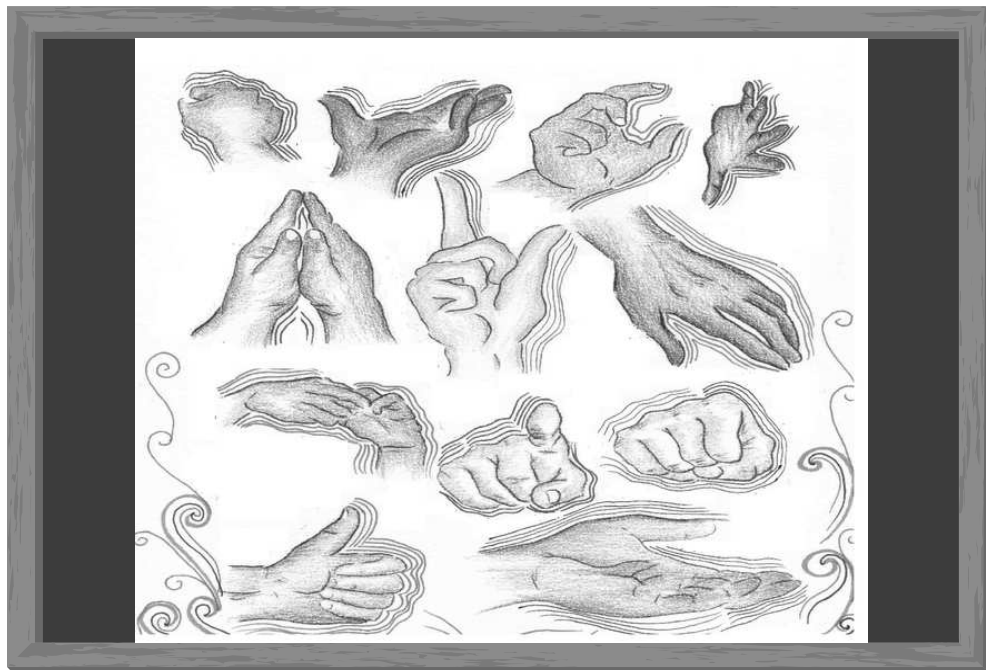
A COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL EM SALA DE AULA
Um guia sobre a linguagem corporal do professor

Desenvolvido por
Francisco Igor Arraes Alves Rocha

Coordenado por
Profa. Dr^a. Simone Dália de Gusmão Aranha

Campina Grande-PB
2018

A COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL EM SALA DE AULA



Um guia sobre a linguagem corporal do professor

ORGANIZADORES: FRANCISCO IGOR ARRAES ALVES ROCHA
SIMONE DÁLIA DE GUSMÃO ARANHA

CAMPINA GRANDE - PB

2018

SOBRE OS ORGANIZADORES



Francisco Igor Arraes Alves Rocha

Professor efetivo do Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atua como professor do Ensino Médio e de Cursos Técnicos Subsequentes. É mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Formação de Professores (PPGFP/UEPB), linha de pesquisa Linguagens, Culturas e Formação docente. Interessa-se por estudos sobre a atuação do professor em sala de aula, especialmente relacionados à Comunicação não-verbal.

Simone Dália de Gusmão Aranha

Professora Associada da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/campus I). Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Orienta e desenvolve pesquisas direcionadas para a formação de professores e a sua relação com a mídia e/ou tecnologias digitais no âmbito escolar. Estudos dos letramentos e de gêneros textuais/discursivos na interface com linguagens (verbais, não verbais ou multimodais). Interessa-se, ainda, por estudos de fenômenos linguísticos - da Língua Portuguesa - com enfoque enunciativo e discursivo (Análise de Discurso Francesa) em gêneros diversos.



APRESENTAÇÃO




CAROS PROFESSORES

Este guia ilustrado, sobre a Comunicação não-verbal, é resultado de uma pesquisa, em nível de mestrado, que foi desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/campus I) sobre a linguagem gestual das mãos do professor em sala de aula. Esse é o motivo pelo qual parte das informações dispostas neste Guia estarem relacionadas à prática docente e à percepção da Comunicação não-verbal na interação entre professor e alunos no contexto escolar.

O conhecimento sobre a linguagem corporal em sala de aula é essencial para que o professor compreenda o efeito do(s) uso(s) da Comunicação não-verbal, associados semanticamente à fala, num processo interacional de ensino aprendizagem: como esta pode ser interpretada e que influência exerce na receptividade dos conteúdos ministrados. Trata-se de uma relação mútua (assim como o professor é “visto” pelos alunos, ele também os “vê”) e as informações transmitidas pela linguagem corporal do alunado podem ser didaticamente bastante útil, pois um olhar atento, nesse sentido, possibilita perceber (e até antecipar situações), tais como, se a aula está interessante, se há necessidade de intervenções; enfim, há todo um universo comunicativo possível de ser explorado de forma significativa.

Neste produto educacional, as informações básicas apresentadas foram organizadas com a pretensão de orientar professores, educadores e demais interessados pelos estudos da linguagem do corpo. Esperamos contribuir para ampliar o conhecimento acerca dessa modalidade de linguagem humana, destacando a sua relevância para a prática pedagógica.

Boa leitura!
Os Organizadores



SUMÁRIO

PARA INÍCIO DE CONVERSA.....	4
A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL	5
Recursos da comunicação não verbal	6
A CINÉSICA	7
As expressões faciais	8
O contato visual	9
A postura	10
O gesto	11
Classificação dos gestos	12
A PROXÊMICA	13
A PARALINGUAGEM	14
A LINGUAGEM GESTUAL DAS MÃOS DO PROFESSOR	15
SUGESTÕES DE ATIVIDADES.....	20
Exercício de fixação de conteúdo.....	20
Proposta de produção textual.....	21
SUGESTÕES DE LEITURA	22
PARA CONCLUIR A CONVERSA.....	24
REFERÊNCIAS	24

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

A comunicação não-verbal é um assunto interdisciplinar, dessa forma, em seu estudo há contribuições de diversas áreas do conhecimento. Por isso, para quem está iniciando neste campo, é necessário conhecer os principais fundamentos e os seus recursos comunicativos.

No que se refere à estrutura deste Guia, a temática em estudo encontra-se dividida em seções, iniciando pela explicação geral sobre a Comunicação não-verbal e seus principais recursos: a Cinésica (expressões faciais, contato visual, postura e gesto); a Proxêmica e a Paralinguagem. Há, também, uma abordagem específica sobre a gestualidade do professor em sala de aula, com exemplos ilustrados por fotografias, que foram extraídos de situações reais da prática docente. Além disso, foram elaborados um exercício sobre a linguagem corporal e uma sugestão de atividade de produção textual, para serem aplicados com alunos do ensino médio. Por fim, foram incluídas sugestões de leituras, acrescidas de um breve comentário acerca das obras que, inestimavelmente, contribuíram para a confecção desse Produto Educacional.

Assim, espera-se que este Guia possa servir àqueles que buscam abordar questões relacionadas à linguagem do corpo. No entanto, trata-se de um breve recorte teórico-metodológico, uma sucinta explanação do tema, portanto, as informações contidas nesta obra devem ser consideradas como um passo propulsor para um caminho que merece ainda ser bastante explorado...Quem se habilita?

A COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL

A comunicação não-verbal é aquela que ocorre sem a utilização de palavras, de elementos linguísticos. Dessa forma, o termo pode se referir a diferentes situações como, por exemplo, uma pintura, uma fotografia, uma imagem, nas quais se realiza a transmissão de uma informação, por isso, quando se trata de pessoas, muitas vezes é denominada também de linguagem corporal.

O corpo possui uma linguagem que, geralmente, é aprendida pelos falantes de uma comunidade sem que necessariamente alguém ensine. É uma linguagem que possui regras de utilização que não se encontram prescritas em um manual, mas são aceitas, absorvidas e utilizadas por todos, socialmente. Os sinais emitidos pelo corpo humano durante uma interação comunicativa fazem parte de um “pacote” comunicativo que transcende o uso de palavras. Há gestos que possuem significação própria e podem ser decodificados e, em algumas situações, com significados comuns na maioria das culturas como, por exemplo, “o aperto de mão”, Figura 1, um gesto adotado em diferentes partes do mundo como forma de contato amistoso.

A linguagem corporal possui muitas aplicações no dia a dia, por isso existem livros, que envolvem esse assunto relacionado aos mais diferentes tipos de profissões. Diante disso, é um tipo de linguagem requisitada por linguistas, etnólogos, psicólogos, sociólogos, fisioterapeutas, psiquiatras e outras especialidades. A sua importância no processo comunicativo é tanta que as Novas Tecnologias da Informação (TICs), utilizam-se frequentemente de imagens que possam representar gestos ou expressões faciais como no caso dos “emojis”, Figura 3, que são desenhos de expressões utilizadas para refletir os sinais corporais do estado de espírito do falante, mesmo sem a presença física do interlocutor; ou o “curtir”, Figura 6, representado pelo punho fechado com o polegar para cima, em sinal de positividade.

Podemos considerar que a linguagem do corpo é essencialmente verdadeira, tendo em vista que a maior parte dos seus sinais são manifestados involuntariamente. Entendê-la é uma forma de se ter acesso a informações valiosas a respeito de si mesmo, dos outros e do ambiente que estamos inseridos socialmente.

Figura 01: Aperto de mão



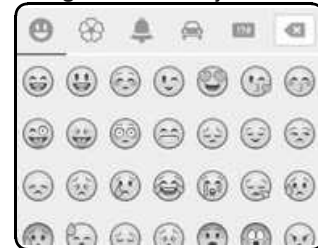
Fonte: Acervo do autor

Figura 02: Manifestações afetivas



Fonte: Acervo do autor

Figura 03: “Emojis”



Fonte: Acervo do autor

Figura 04: Manifestação afetiva



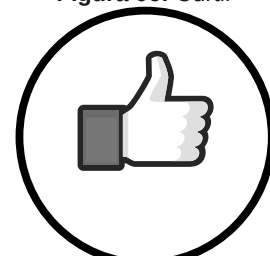
Fonte: Acervo do autor

Figura 05: relações próximas



Fonte: Acervo do autor

Figura 06: Curtir

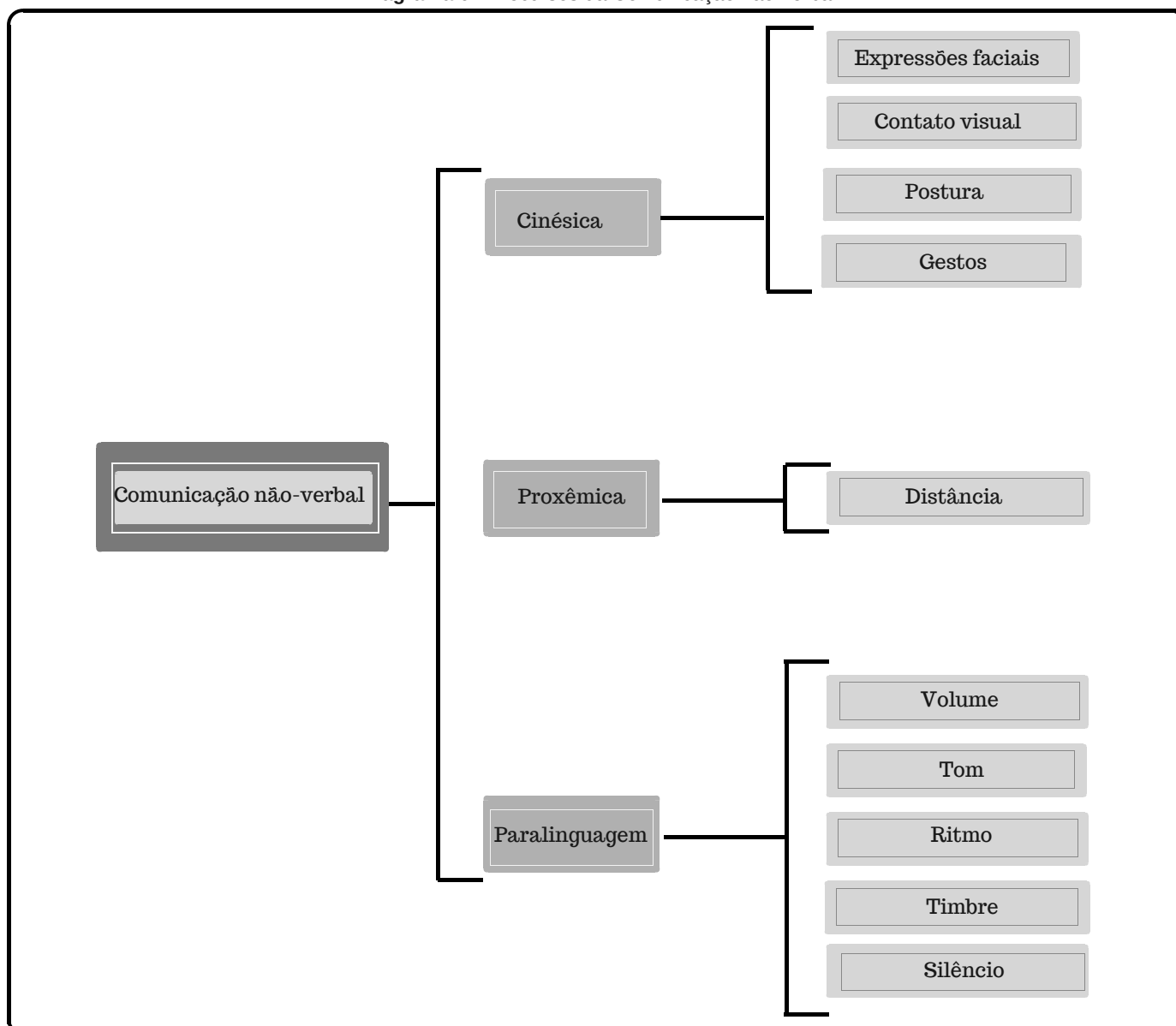


Fonte: Acervo do autor

RECURSOS DA COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

A comunicação não-verbal possui como recursos: a Cinésica, a Proxêmica e a Paralinguagem. O conhecimento acerca desses recursos é decisivo para uma leitura mais ampla da linguagem do corpo, pois são aspectos distintos que se interagem durante a comunicação. No Diagrama 10, percebe-se, de forma geral, como se divide o estudo da Comunicação não-verbal.

Diagrama 01: Recursos da Comunicação não-verbal



Fonte: Acervo do autor

A CINÉSICA

A Cinésica (do inglês Kinesics, do grego Kinesis, que significa “movimento”) é um termo científico que diz respeito ao estudo dos movimentos corporais não-verbais voluntários ou involuntários, capazes de transmitir uma informação, combinando-se com a estrutura linguística e a paralinguística no processo comunicativo. Assim, a Cinésica é o estudo da comunicação não-verbal, relacionado aos movimentos corporais, utilizados durante uma interação comunicativa e inseridos em um determinado contexto, por exemplo, Figura 7, Figura 8, Figura 9.

Rector e Trinta (1986, p.56). dizem que "os estudos sobre a Cinésica foram iniciados em 1952, por R. Birdwhistell. Esta data marcou uma série de pesquisas sistemáticas dos gestos corporais, como uma ciência que trata dos aspectos comunicativos do comportamento aprendido e estruturado do corpo em movimento." Os movimentos corporais que interessam à Cinésica são aqueles relacionados à comunicação não-verbal. São ações que podem ser realizadas pelas mãos, pés, cabeça, face ou até mesmo com todo o tórax. Também diz respeito às posições do corpo, configurando uma relação entre corpo espaço e tempo, pois o ser humano, ao comunicar-se, o faz em um espaço físico (lugar), vivenciando um momento histórico. Dessa forma, para esta ciência, interessa, como recursos comunicativos, o estudo das expressões faciais, da postura, do contato visual e dos gestos.

Birdwhistel apud Rector e Trinta (1993, p. 54 - 58) estabelece uma distinção da Cinésica em três áreas independentes, a saber:

- a) **Pré-Cinésica** - relaciona-se com os aspectos fisiológicos dos movimentos corporais no que diz respeito às articulações anatômicas;
- b) **Microcinésica** - faz a determinação das unidades mínimas dos movimentos, os cines;
- c) **Cinésica social** - promove uma descrição sistemática das construções morfológicas dos movimentos do corpo, bem como sua função social nas interações conversacionais.

Durante uma conversação, o fluxo cinésico envolve piscadas de olho, meneios de cabeça, movimentos com os dedos, mãos e braços, as diversas posições do tórax e dos ombros, posição dos pés, pernas, enfim, qualquer movimento corporal significativa.

Figura 07: Movimentos cinésicos



Fonte: Acervo do autor

Figura 08: Movimentos cinésicos



Fonte: Acervo do autor

Figura 09: Movimentos cinésicos



Fonte: Acervo do autor



O MOVIMENTO CORPORAL DO PROFESSOR

A movimentação corporal do professor no espaço da sala de aula pode ser decisiva para manter a atenção e o interesse dos alunos pelo conteúdo que está sendo exposto, uma vez que os movimentos corporais estimulam o sentido visual dos alunos, favorecendo a interação em sala de aula. "Estudantes e professores que gesticulam pouco em sala de aula podem ser percebidos pelo outro como chatos e, por unanimidade, o estilo de entrega dos professores deve ser animado e dinâmico, podendo manter a classe interessada no assunto por longos períodos de tempo. Professores inanimados e chatos colocam seus alunos para dormir." RICHMOND (2001, p. 71).

AS EXPRESSÕES FACIAIS

São movimentos voluntários, conscientes ou inconscientes, realizados pelos músculos da face que podem transmitir uma mensagem isoladamente e em conjunto com outro gesto corporal. São múltiplas as possibilidades de comunicação com a face, sua leitura pode revelar emoções, intenções, ironias e opiniões. A face é um instrumento poderoso de comunicação, pois as expressões faciais podem revelar o estado de espírito. A sequência da imagem na Figura 10 faz parte de uma conversa pelo "Watts App" cuja legenda é: "esperando Pedro" e "ainda esperando".

O psicólogo norte americano Paul Ekman iniciou os estudos sobre as expressões faciais, em 1953. De acordo com Davis (1979), Ekman tinha como objetivo encontrar um método seguro para decodificar as expressões faciais. Ao associar-se a dois psicólogos, Silvan Tomkins e Wallace Friesen, construiu um Atlas do rosto humano ao qual denominou "FAST". Através dele, Ekman catalogou as expressões faciais a partir de três áreas faciais: a testa e sobrancelha; os olhos; e o restante do rosto incluindo nariz, queixo, boca, bochechas. Foram realizados vários registros fotográficos, catalogados para interpretar as emoções advindas das expressões faciais. Esse estudo revelou que há mais de mil expressões faciais possíveis, de acordo com a anatomia e os músculos do rosto. Diante dos resultados de suas pesquisas, Ekman passou a considerar um conjunto de expressões da face como sendo universais.

Uma das expressões faciais mais observadas durante uma interação comunicativa é o sorriso, que também transmite informações importantes sobre os interlocutores. O francês Guillaume Duchenne de Boulogne iniciou os estudos sobre o sorriso, no início do séc. XIX. Ele descobriu que dois conjuntos de músculos controlam os sorrisos: os zigomáticos maiores, que atravessam todo o lado do rosto e se conectam com os cantos da boca e os orbiculares ópticos, que puxam os olhos para trás. Os músculos zigomáticos são acionados voluntariamente, por isso podem ser usados para simular, mentir. Já os músculos orbiculares realizam movimentos involuntários, dessa forma, podem ser indicadores de sinceridade. Sendo assim, um sorriso sincero deve acionar os dois músculos faciais.

Figura 10: Expressões faciais



Fonte: Acervo do autor

Figura 11: Expressões faciais



Fonte: Acervo do autor

Figura 12: O sorriso da professora



Fonte: Acervo do autor



O SORRISO DO PROFESSOR

O professor, ao sorrir para seus alunos, estabelece uma relação de proximidade e de confiança. Os diferentes modos de sorrir também podem transmitir diferentes mensagens que denotam sinceridade, ironia, aprovação etc. Ao comentar sobre o efeito do sorriso do professor em sala de aula, Canbaz e Yavuz (2006, p. 13) dizem que: "o sorriso é outro comportamento imediato vital". Mehrabain (1981) diz que o sorriso envolve interagentes, pois quando alguém sorri, o outro interlocutor provavelmente sorrirá. É por isso que o sorriso é visto como um sinal de "calor" entre as pessoas.

O CONTATO VISUAL

Os movimentos cinésicos realizados pelos olhos são uma fonte crucial de interação comunicativa, em muitos casos, até dispensam o uso de palavras. A cinésica dos olhos também pode ser reveladora, podendo “dizer” em que a mente do interlocutor está concentrada.

Uma técnica desenvolvida pelos Psicólogos americanos Glinder e Blander, conhecida como “Programação Neurolinguística”, permite que se perceba as reais intenções dos interlocutores através do movimento dos olhos. Dessa forma, do ponto de vista do observador, quando a pessoa se lembra de algo que viu, move os olhos para cima e para direita; ao construir imagens novas, olha para cima e para a esquerda. Ao se lembrar de algo que ouviu, olha para o lado direito e inclina a cabeça, como se estivesse escutando; ao construir imagens auditivas, olha para o lado e para a esquerda. Quando a pessoa se recorda de um sentimento ou de uma emoção, olha para baixo e à direita. E quando “dialoga” mentalmente consigo mesma, olha para baixo e à esquerda. Essas notações dizem respeito a pessoas destras, caso se trate de um canhoto, deve-se observar essas relações dos movimentos dos olhos no sentido contrário.

Em relação à Cinésica do olhar, Pease A. e Pease B. (2005) definem três tipos básicos de olhares:

1. O olhar social – Em uma situação amistosa, as pessoas tendem a permanecer com a maior parte das atenções voltadas para o rosto, concentrando 90% do olhar em uma área triangular situada entre os olhos e a boca.
2. O olhar íntimo – Este movimento parte da linha dos olhos, passando por baixo do queixo indo até as partes baixas do corpo. É um olhar que busca uma avaliação física do interlocutor.
3. O olhar de poder – Ocorre quando se olha para uma área triangular entre os olhos e a testa do interlocutor. O efeito desse olhar provoca uma intimidação, deixando o interlocutor sob pressão, enquanto o olhar permanecer nessa área da face.

Figura 16: O olhar do professor



Fonte: Acervo do autor

Figura 17: O contato visual



Fonte: Acervo do autor

Figura 18: O contato visual



Fonte: Acervo do autor



O OLHAR DO PROFESSOR

A forma como o professor estabelece contato visual com seus alunos é determinante para a construção de uma situação de proximidade e confiança. Canbaz e Yavuz (2006, p. 12-13) afirmam que uma pesquisa de Breed (1971) sobre estudantes universitários indicou que sentimentos negativos e certas atitudes tais como a dispersão ou desinteresse dos alunos ocorreram devido à falta de contato visual do instrutor na sala de aula. Isso comprova que o nível de concentração dos alunos tende a aumentar ao contato direto com os olhos dos seus instrutores, durante a aula.

A POSTURA

O corpo transmite informações cinésicas também pela postura assumida pelos interlocutores. Os movimentos realizados pelas posições do corpo, ao se colocar na presença de alguém, podem ser fonte de informações sobre a relação estabelecida. A postura pode apresentar cerca de mil posições diferentes, estáveis ou imóveis e está relacionada à imagem pessoal e à leitura que se faz do comportamento: “Há uma relação próxima entre postura e personalidade que pode dar indicações úteis sobre a personalidade, embora a pessoa possa utilizar intencionalmente essas posturas para reforçar o papel que deseja representar socialmente.” MONTEIRO (2008, p. 62)

Rector e Trinta (1999, p. 68-69) apresentam “pelo menos três dimensões, inerentes a toda postura corporal que podem ser facilmente identificadas”. A primeira é a “inclusão-exclusão”, que diz respeito à maneira com a qual membros de um grupo costumam se fechar, quando estão interagindo entre si. A segunda dimensão é “a orientação paralela dos corpos”, está relacionada à tendência de dois membros posicionarem lado a lado ou frente a frente, conforme haja alguma relação entre eles, seja de concordância ou de afetividade. A terceira dimensão é “a congruência– incongruência”, que é a tendência de membros de um grupo copiarem posições, gestos e movimentos. Nessa situação, a congruência também pode determinar pontos de vista semelhantes. Também existem autores que defendem uma relação entre cultura e postura, já que muitas vezes as expressões corporais se relacionam a rituais, modos de etiquetas, entre outras situações que se diferenciam culturalmente.

Figura 13: A postura do professor



Fonte: Acervo do autor

Figura 14: A postura do professor



Fonte: Acervo do autor

Figura 15: A postura do professor



Fonte: Acervo do autor



A POSIÇÃO CORPORAL DO PROFESSOR

A postura de um professor em sala de aula é fundamental para a leitura da sua imagem pelos alunos, pois, através desse recurso, são transmitidas informações, muitas vezes inconscientes, capazes de revelar traços da personalidade. A inclinação do corpo, por exemplo, indicando congruência ou incongruência a um comentário feito em sala por um aluno; a forma como o professor apresenta um assunto de seu interesse pessoal, ou o contrário, também pode refletir-se na sua posição do corpo durante as explanações. A postura dos alunos também pode revelar como eles estão se sentindo, se atentos ou dispersos durante a aula.

O GESTO

Entre as formas de comunicação não-verbal, o gesto é a mais utilizada. Os gestos são movimentos cinésicos realizados por ações corporais visíveis, que podem ser produzidos por diversas partes do corpo. Há gestos com o dedo indicador, com movimentos da cabeça, com as pernas. Assim, embora seja comum relacionar-se o gesto às mãos, eles possuem várias formas de manifestação.

Devido a sua importância em uma conversação, a linguagem gestual é considerada como uma "expressão do pensamento por meio de movimentos visíveis, mas não audíveis e de dar a esta expressão um lugar entre a fala e a escrita"(W. WUNDT, 1973:35 apud RECOR e TRINTA, 1986, p. 34).

De acordo com Davis (1979), existem mais de 7000.000 possibilidades gestuais com as mãos, considerando movimentos de braços, dedos e munheca. Essa dimensão de possibilidades e a visibilidade que os gestos manuais possuem, tornam-nos fundamentais em uma interação conversacional.

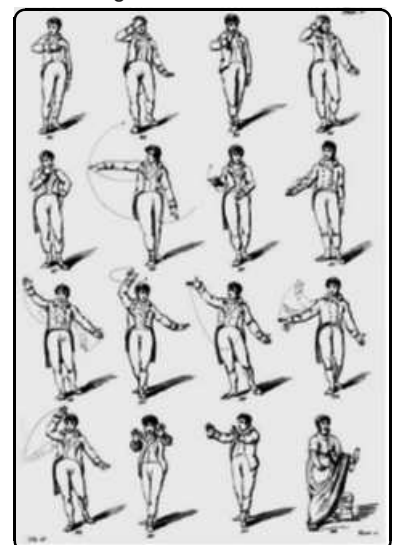
Os gestos manifestam-se de forma tão espontânea que mesmo alguém estando ao telefone conversando com outra pessoa, costuma gesticular, como se estivesse diante do seu interlocutor. Dessa forma, percebe-se uma naturalidade na execução dos gestos, já que estes podem acontecer mesmo sem a presença física dos interlocutores numa interação conversacional.

Os movimentos gestuais são responsáveis por diversas funções interativas: podem confirmar, enfatizar, marcar, delimitar, apontar, regular, descartar, ilustrar etc. Ressalta-se que apesar da importância da gestualidade no processo comunicativo conversacional, a maioria das pessoas percebe a gesticulação que se manifesta em uma interação comunicativa. No entanto, costuma ignorar o significado de tais movimentos corporais, já que boa parte dos indivíduos desconhece os efeitos a gestualidade.

Os significados dos movimentos das mãos são estudados desde a Grécia antiga quando se buscava estabelecer uma gestualidade adequada à Oratória. Com o passar dos anos, os estudos sobre gestos continuaram a ser apresentados como um mero recurso oratório ou como atividades ritualísticas, teatrais ou formas de etiqueta social.

O estudo do gesto como forma de comunicação corporal tem como marco o século XIX, quando Gilbert Austin (1753 – 1837) escreve *Chironomia* (1806), no qual apresentou um sistema de notação dos gestos através de desenhos, Figura 18, "seu sistema de notação dos gestos apresentava uma representação do corpo em uma esfera imaginária, dentro da qual o falante movia seu corpo, pés, mãos na direção de um dos pontos demarcados." (PEREIRA, 2010, p. 40).

Figura 19 - Desenho ilustrativo dos gestos das mãos



Fonte: Austin ([1806] apud Pereira 2010, p. 40).

CLASSIFICAÇÃO DOS GESTOS

Uma das classificações mais aceitas para os gestos é a apresentada por Paul Ekman e Wallace Friesen que, em 1969, faz um agrupamento dos gestos corporais conforme o uso, a origem e a categoria. Em 1972, M. L. Knapp apresenta novos elementos, expandindo a classificação anterior e denominando os gestos, assim: emblemas, ilustradores (gestos-batutas, ideográficos, dêiticos, espaciais, cinematográficos, pictográficos), reguladores, manifestações afetivas e adaptadores. Vale destacar que uma classificação, tal como essa, dependerá de vários fatores, inclusive contextuais, já que a comunicação não-verbal ocorre, muitas vezes com a combinação de diferentes recursos na expressão de uma mensagem. A seguir, exemplos visuais da classificação dos gestos, conforme Ekman e Friesen:

Emblemas: são gestos que podem substituir a palavra, pois apresentam significados facilmente identificados. Alguns destes gestos, inclusive, possuem o mesmo significado em quase todas as culturas.

Figura 20: gesto emblema



Fonte: Acervo do autor

Ilustradores: são gestos que acompanham a fala para enfatizar, acentuar, “marcar” o que se declara. Atuam como se “desenhassem” no ar o significado, é, dessa forma, uma “expressão” do significante (cf. estudos de Ferdinand de Saussure).

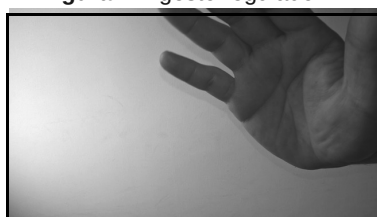
Figura 21: gesto ilustrador



Fonte: Acervo do autor

Reguladores: são gestos que interferem no canal de comunicação, regulam e mantêm a comunicação durante a interlocução. Atuam na função fática da linguagem. (cf. estudos de Roman Jakobson)

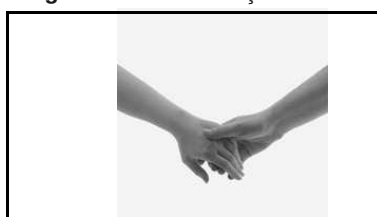
Figura 22: gesto regulador



Fonte: Acervo do autor

Manifestações afetivas: são gestos que refletem estados de espírito, por estarem relacionados à emoção. Estes podem ser realizados, pelo falante, de forma consciente ou inconsciente.

Figura 23: manifestações afetivas



Fonte: Acervo do autor

Adaptadores: são gestos utilizados para dar “apoio” ao falante quando este, por algum motivo, sente-se inseguro. Por exemplo, quando procura segurar um objeto ou toca uma parte do seu corpo sem que haja um motivo aparente para isso.

Figura 24: gesto adaptador



Fonte: Acervo do autor

A proxêmica estuda o processo de aproximação e distanciamento dos corpos durante uma interação comunicativa. O antropólogo norte-americano Edward T. Hall foi um dos pioneiros no estudo sobre o uso do espaço nas relações humanas como parte do processo comunicativo. A maioria dos animais possui uma zona limítrofe para a ocupação do espaço corporal e com os seres humanos não é diferente, pois as pessoas tendem a seguir determinadas regras de distanciamento dos corpos que estão relacionadas às convenções culturais.

O espaço corporal é uma área “invisível”, através da qual as pessoas mantêm as outras afastadas para se sentir mais confortáveis e seguras. A “invasão” de espaço geralmente causa reações de repulsa ou de acolhimento, já que entre familiares, por exemplo, é comum a quebra desses limites devido ao grau de intimidade, mas, entre desconhecidos, pode ser algo bastante incômodo.

Trata-se de uma linguagem quase que totalmente inconsciente, já que está diretamente relacionada aos condicionamentos culturais. Mesmo sem perceber, as relações de distanciamento são praticadas cotidianamente por todos. Além da relação sócio cultural, deve-se observar o caráter natural, instintivo do distanciamento dos corpos como uma forma de segurança e conforto pessoal.

A percepção de espaço é sensorial de modo que, de acordo com Rector e Trinta (1986), a Proxêmica é percebida pela visão, pelo tato, pelo olfato e também cinesteticamente (movimento e repouso no espaço). É possível, mesmo a uma certa distância dos falantes, fazer uma leitura da relação proxêmica que se estabelece em uma conversação, os movimentos de afastamento e aproximação, por exemplo, indicam um maior ou menor grau de intimidade ou de aceitação. De acordo com a classificação de Hall, há quatro tipos de distâncias:

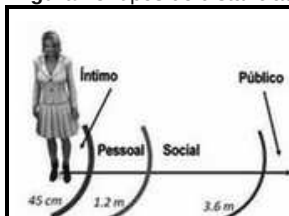
A distância íntima: está relacionada às interações familiares. Nessa distância, sente-se o cheiro, o hálito a temperatura corporal, conversa-se em segredo.

A distância pessoal: está relacionada à extensão do braço. É possível haver toques, podendo-se entender com clareza o que o outro diz pela proximidade entre os interlocutores.

A distância social: é utilizada em casos em que não há intimidade entre os falantes, é uma distância bastante presente nas relações profissionais.

A distância pública: promove uma separação dos papéis em um diálogo, é usada por artistas, políticos, palestrantes e comunicadores em geral.

Figura 25: tipos de distâncias



Fonte: Acervo do autor

Distância íntima: (de 15 a 50cm)
 Distância pessoal: (de 46 a 120cm)
 Distância social: (de 1,20 a 3,60m)
 Distância pública: (de 3,6 a 9,0m)

Figura 26: Distância íntima



Fonte: Acervo do autor



O ESPAÇO CORPORAL DO PROFESSOR

Os movimentos de aproximação corporal do professor aos alunos durante a aula pode transmitir a sensação de acolhimento, estabelecendo mais confiança nos alunos, pois que se reduz a distância física, também a uma aproximação psicológica. Heiser (1972, citado em Geçer, 2002) mostrou em seu estudo que os estudantes se sentiram distantes dos seus professores quando os professores se sentaram na cadeira e na mesa, ou ficaram de pé atrás de sua mesa. No entanto, quando o professor caminhou em torno das mesas e mudou-se para a sala de aula, os alunos pensaram em seus professores mais amigáveis e eficazes." CANBAZ e YAVUZ (2001, p. 12).

A Paralinguagem é o conjunto de sons não-verbais produzidos pelo corpo humano, durante uma conversação, que influencia na significação da mensagem. A comunicação verbal realiza-se por meio da combinação dos fonemas. Entretanto, nem todos os sons produzidos durante uma conversação fazem parte da estrutura sonora da palavra. Há outras emissões sonoras, suprasegmentais, capazes de transmitir informações importantes em relação ao contexto de produção e ao que é dito.

De acordo com Albert Mehrabian, (1972 apud COHEN, 2015), a Paralinguagem corresponde a 38% da mensagem transmitida durante uma conversação, enquanto a verbalização é responsável por 7%. Isso mostra o poder de influência dos elementos paralinguísticos numa interação.

Uma classificação paralinguística possível com relação ao elemento vocal é a de S. Duncan (1977 apud RECTOR e TRINTA, 1986, p. 52):

- | | |
|---|--------------------------------------|
| 1. Intensidade; | 5. Pausas; |
| 2. Altura vocal; | 6. Inalações audíveis e exalações; |
| 3. Extensão (o comprimento ou a brevidade da sílaba); | 7. Riso, choro, cochilo e similares; |
| 4. Tempo (a velocidade na pronúncia de sílaba); | 8. Ressonância; |
| | 9. Controle vocal dos lábios; |
| | 10. Controle da glote. |

Durante uma conversação, alguns recursos sonoros podem reforçar, ritmar, ironizar ou mesmo contradizer o que se diz, os principais recursos utilizados nessa situação são:

Volume: está relacionado à intensidade com a qual se pronuncia algo. Pode ser utilizado para dar ênfase, demonstrar autoridade, impor-se diante de outras vozes, assim como uma manifestação em voz baixa pode ser interpretada como timidez.

Ritmo: é a fluidez do discurso, pode ser percebido pela quantidade de palavras que se pronuncia por minuto, também deve-se considerar a quantidade de palavras que se diz entre uma respiração e outra.

Tom de voz: ocorre pela tensão nas cordas vocais, geralmente é influenciado pelo estado de espírito do falante. Pode ser ascendente, descendente, irônico, suave etc.

Timbre de voz: identifica e distingue cada pessoa. Além disso, relaciona-se às características gerais como grave, médio e agudo.

Figura 27: Paralinguagem



Fonte: Acervo do autor



A VOZ DO PROFESSOR

Em sala de aula, a voz do professor possui influência na comunicação com os seus alunos. Um docente que, durante a aula, utiliza-se praticamente de uma mesma modulação de voz terá mais dificuldade na receptividade das informações pelos estudantes, isso porque, agindo assim, transmite uma sensação de monotonia, podendo provocar reações indesejadas do auditório tais como sonolência, fadiga. Do contrário, uma fala em que há uma variação de volume, tonalidade, torna-se menos cansativa ao ouvido do interlocutor. Por isso, é importante que se tenha consciência dos efeitos provocados pelos recursos vocais para utilizá-los como um instrumento a favor do aprendizado. Canbaz e Yavuz (2016, p. 13) dizem que "O tom da voz também está incluído nos comportamentos iminentes de professores importantes e estimula relações interpessoais. De acordo com Andersen (1979), a melodia da voz é importante para a abordagem dos alunos para a lição e o professor."

A LINGUAGEM GESTUAL DAS MÃOS DO PROFESSOR



Podemos considerar que todo professor é, também, um comunicador. Essa é uma assertiva comum entre aqueles que estudam a comunicação do professor no espaço escolar. O próprio exercício da docência provoca uma reflexão acerca das diferentes formas de contato que se estabelecem durante as aulas. O ambiente escolar possui características peculiares em relação à comunicação diária, pois, nesse caso, trata-se de uma situação em que se tem um público específico, selecionado, cuja convivência ocorre principalmente em um espaço geograficamente limitado, geralmente, apresentando regras específicas de comportamento. Os próprios assuntos tratados nesse ambiente tendem a seguir objetivos que visam à aprendizagem dos alunos. Mesmo reconhecendo tais particularidades, a maneira como o professor e os alunos interagem costuma repetir padrões da comunicação diária eventual.

Na aula, os gestos das mãos é um dos recursos cinésicos mais importantes na transmissão de informações, embora os movimentos da face sejam os mais observados durante uma conversação. Os gestos manuais (contando dedos, munheca e braços) possuem muitas possibilidades comunicativas, podendo, em várias circunstâncias, substituir palavras sem nenhum prejuízo à significação do que se pretende veicular. Dessa forma, as mãos do professor são de extrema importância para o estabelecimento da interação conversacional com os alunos.

A linguagem corporal do professor assume, assim, um papel fundamental na criação e manutenção de um ambiente propício ao aprendizado coletivo. Além disso, é desejo do professor provocar nos alunos o interesse pela disciplina que leciona, essa condição está relacionada diretamente a sua comunicação, ao seu desempenho como comunicador, como afirmam Canbaz, S. T. e Yavuz, M. A. (2006, p. 11):

Todos os professores têm o desejo de ensinar a seus alunos de forma eficaz. Portanto, um professor deve saber como criar motivação em sala de aula e fazer com que os alunos participem de atividades de línguas de bom grado. Para isso, os atos comunicativos na sala de aula assumem forma de comportamentos não-verbais.

É possível medir a atuação de um orador, no que diz respeito aos efeitos provocados no seu público, a partir dos gestos que ele utiliza para se comunicar. Os manuais de oratória e as pesquisas apresentadas até então, são unânimes em mostrar, por exemplo, a diferença na frequência de uso dos gestos entre os considerados bons e os apontados como maus oradores, inclusive, entre professores, tomando como referência pesquisas que refletem as opiniões e reações dos próprios alunos. Uma pesquisa realizada por Sousa, Leal e Sena (2010, p. 3) com alunos dos cursos de graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas e Fonoaudiologia, da Universidade Federal de Pernambuco, apontou que todos os entrevistados consideram a comunicação corporal importante em sala de aula. Entre os participantes da pesquisa, 77% dos alunos disseram ainda que a expressão corporal do professor interfere no aprendizado.

A LINGUAGEM GESTUAL DAS MÃOS DO PROFESSOR



Além do sentido auditivo, estimulado pelo uso das palavras, a linguagem corporal do professor aciona outros sentidos do alunado. Através dos gestos das mãos do professor, o sentido visual dos alunos é também estimulado, contribuindo para a manutenção da atenção ao professor, já que o movimento das mãos durante uma interação conversacional está, intrinsecamente, associado ao que se verbaliza. As mãos do professor falam e dizem coisas que, às vezes, nem ele mesmo percebe. Considerando que parte da comunicação gestual é involuntária, Davis (1989, p. 83) afirma que:

A maioria das pessoas percebe a gesticulação alheia, mas, em geral, ignora-a, não lhe atribuindo nenhum sentido. Contudo esses gestos comunicam. Às vezes ajudam a esclarecer, quando a mensagem verbal não é muito clara. Em outros momentos eles revelam, de modo involuntário, as emoções.

Dessa forma, nota-se que o conhecimento acerca dos recursos comunicativos do corpo e de como essa comunicação se dá tornará uma interação comunicativa mais eficiente, pois, nesse caso, a linguagem corporal se integra à comunicação verbal numa simbiose entre os gestos e as palavras.

Além disso, mesmo que não se saiba como utilizar os gestos em benefício da sua comunicação, sabendo dos seus efeitos, pode-se evitar a utilização de gestos que prejudicam o contato pessoal entre os falantes, pois há, entre tais gestos, àqueles que contradizem o que se diz e outros que provocam antipatia, denunciam insegurança, estabelecendo ou ampliando a distância.

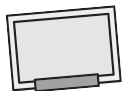
Nessa perspectiva, os gestos manuais estão relacionados à interação comunicativa do professor, assim é possível estabelecer significados para a utilização destes, mesmo sabendo que essas significações não são estanques, pois dependem de fatores diversos, como ocorre com o uso de palavras.

A sala de aula é um verdadeiro laboratório de linguagem corporal, não somente pelo professor, mas também pelos alunos. Os gestos do professor transmitem informações durante todo o tempo em que está lecionando, são dados que promovem uma interação cujos efeitos podem ser observados em reações, seja pela simpatia à própria figura do professor ou pelo aumento do interesse na disciplina cursada.

Tem-se várias configurações possíveis de organização de uma sala de aula: mesas coletivas, separadas, salas de laboratórios, salas de aulas virtuais, inclusive, aulas ao ar livre. Há um leque de possibilidades no que diz respeito a tal organização. Contudo, a figura do professor e a imagem que os alunos fazem dele ainda é a “chave” para que se tenha um bom aproveitamento no desenvolvimento cognitivo dos alunos. Por isso, é importante que o docente esteja atento e tenha consciência de que se comunica com todo o seu corpo e não somente com palavras.

A seguir, foram selecionados seis exemplos de gestos em uma situação real de aula. Nesse caso, ilustra um momento extraído de uma aula de Língua Portuguesa no 1º ano do Ensino Médio.

A LINGUAGEM GESTUAL DAS MÃOS DO PROFESSOR



1) O dedo apontando

É comum o professor usar, frequentemente, gestos para apontar, enquanto se explica algo que sendo está exposto, através de palavras ou imagens. São gestos dêiticos, que possuem uma função importante na exposição, reforçando a interação entre os participantes da conversação. O dedo indicador, quando apontado para alguém, é considerado um dos gestos mais “antipáticos”, pois sugere autoritarismo. Pease e Pease, após observarem os gestos em vários palestrantes, concluíram que “as palestras em que se usou a posição da mão fechada e o dedo apontando registraram apenas 28% de reações positivas, tendo alguns ouvintes abandonado a sala durante a palestra”. Culturalmente, há várias associações ao “dedo que aponta”, tais como: o dedo que acusa; quando é usado na marcação da voz, é o dedo que bate, substituindo mentalmente um objeto; associado ao polegar, imita uma arma de fogo; mas também é o dedo que pode indicar, o caminho ou demonstrar. Na Figura 28, tem-se um exemplo de um momento no qual a professora chama a atenção da turma.

Figura 28: Dedo apontando



Fonte: Acervo do autor



2) Mão espalmada para frente

Ao espalmar a mão para frente em posição vertical, o falante aumenta a visualização do gesto, por exemplo, um aceno à distância. É também um gesto de controle; nesse caso, tipifica-se como um gesto regulador. Às vezes, esse gesto é utilizado para interromper a fala de alguém, Davis (1979, p. 124) diz que “a interrupção é, sem dúvida uma tentativa de dominação, demonstração clara de agressividade.” Na figura 29, há um exemplo do momento em que a professora solicita silêncio à turma.

Figura 29: Mão espalmada



Fonte: Acervo do autor



3) Mãos abertas para cima

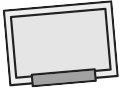
As mãos abertas espalmadas para cima é um gesto que pode indicar solicitação, acolhimento, desarmamento, franqueza ou generosidade. Pease e Pease (2005, p. 34) declaram que “Ao longo da história, as mãos espalmadas têm sido associadas à verdade, à honestidade, à fidelidade” (...) e “estimulam reações positivas e são bastante utilizadas por oradores experientes”. Na sala de aula, é um gesto muito utilizado por docentes para a marcação da voz, configurando-se como um “gesto batuta”, que realiza uma “regência”, acompanhando à fala. Na Figura 30, pode-se observar tal gesto, sendo utilizado como gesto batuta, enfatizando, marcando o ritmo da expressão verbal.

Figura 30: Mão aberta



Fonte: Acervo do autor

A LINGUAGEM GESTUAL DAS MÃOS DO PROFESSOR



4) Mãos abertas para baixo

Quando as mãos estão abertas voltadas para baixo, geralmente é uma demonstração de poder, é a mão que ataca, arrefece os ânimos, alerta, determina. Rector e Trinta (1986, p. 83) afirmam que "palma para baixo: é uma redução da situação pelo controle do movimento, solicitando um esfriamento dos ânimos." De acordo com os manuais de linguagem corporal, trata-se de um gesto que provoca antipatia no público. No exemplo da Figura 30, a professora utiliza esse gesto, enquanto repassa algumas instruções sobre a avaliação que será realizada, posteriormente, na semana seguinte.

Figura 30: Mão aberta



Fonte: Acervo do autor



5) Mãos que tocam

São gestos adaptadores, realizados quando o falante toca alguma parte do corpo, do vestuário ou algum objeto sem que haja motivo aparente. Cohen (2015, p. 110) esclarece que "em nossa sociedade estressada, costumamos abraçar, acariciar, tocar em nossos pulsos com as mãos, nos beliscar e coçar.". É considerado um gesto de apoio que pode demonstrar alguma insegurança, incerteza ou falta de convicção. O toque no nariz, por exemplo, pode ser um indício de que a pessoa está mentindo. Acerca desse gesto, Pease e Pease (2005, p. 93) declaram que "esse gesto pode consistir tanto em dar um único toque rápido e quase imperceptível no nariz quanto um esfregadela embaixo dele." Segundo os autores, isso ocorre porque quando alguém mente aumenta o fluxo sanguíneo no nariz, provocando a sensação de coceira. Ao lado, há uma situação em que a professora toca a manga da camisa como se fosse afastá-la, mas, ao final do gesto, a deixa no mesmo lugar. Figura 31.

Figura 31: Mão que toca



Fonte: Acervo do autor



6) Mãos em forma de "bolsa"

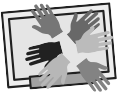
É um gesto com a palma da mão para cima com os dedos unidos pelas pontas. Utilizado como gesto batuta, que acompanha a fala, transmite a ideia de que se guarda "algo"; no final do gesto geralmente a mão se abre, revelando a palma. Quando é usado como gesto ideográfico transmite ideia de quantidade, incidência. Nesse caso, os dedos ficam tocando-se várias vezes como afirmam Rector e Trinta (1986, p. 131): "juntam-se as pontas dos dedos de uma mão, apontando-os para cima, abrindo e fechando continuamente. Este gesto significa abundância.".

Figura 32: gesto da "bolsa"



Fonte: Acervo do autor

A LINGUAGEM GESTUAL DAS MÃOS DO PROFESSOR



Estes são apenas alguns dos gestos manuais observados na sala de aula, pois há muitas outras formas de gestos corporais. As mãos do professor falam com e por ele e, até, contra ele e o que dizem é uma linguagem verdadeira, muitas vezes inconsciente, mas capaz de revelar o seu estado de espírito.

Assim, o comportamento não-verbal do professor é visto como determinante para obtenção dos resultados desejados em sala de aula. Sobre tal comportamento e seus efeitos, Richmond (2001, p.70) afirma:

O comportamento não-verbal do professor comunica significados aos estudantes. Por exemplo, o professor que raramente olha comunica que não possui muito interesse nesse aluno. O comportamento verbal do aluno comunica significados aos professores. O estudante que sempre está bocejando pode estar entediado, cansado ou ambos. O professor deve rever o contexto e determinar se o aluno simplesmente está cansado ou se o professor é tão chato que ele está deixando o aluno dormir. [tradução nossa].

A prática docente é uma atividade que envolve professor e alunos, conectados através da comunicação verbal e não-verbal. No Brasil, a maior parte dos professores recém-formados não possuem conhecimento acerca dos recursos gestuais, ou sobre a comunicação não-verbal em geral. Muitas vezes, nem mesmo sabem como utilizar a voz para se dirigir aos alunos, ignorando os efeitos da própria paralinguagem. Essa situação tende a ser superada com o tempo, tornando o aprendizado sobre a comunicação não-verbal restrito à experiência pessoal.

Quando um professor possui e utiliza o seu conhecimento sobre esse assunto, melhora o próprio desempenho comunicativo. Além disso, o professor torna-se capaz de observar as reações físicas dos alunos, pois estes também, através do corpo, demonstram o quanto estão, ou não, interessados na aula. Essas informações podem determinar quais estratégias devam ser adotadas para manter a atenção dos alunos e estimulá-los a aprender sempre mais.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO DE CONTEÚDO

1. Qual o aspecto da comunicação é estudado pela paralinguagem?

- a) As formas de comunicação com as mãos
- b) O tom e volume de da voz
- c) Os significados da postura do corpo humano
- d) Os movimentos faciais

2. A disciplina que estuda o significado das relações de espaço (distanciamento/proximidade) é:

- a) A Cinésica
- b) A Paralinguagem
- c) A Proxêmica
- d) A Estética

3. Uma distância de 70cm entre os interlocutores é considerada:

- a) Social
- b) Pública
- c) Íntima
- d) Pessoal

4. De acordo com a classificação dos gestos, associe as colunas a seguir, relacionando o gesto à situação exemplificada.

- (a) Ilustrativo
- (b) Emblema
- (c) Adaptador
- (d) Regulador

() Durante a exposição de um assunto pelo professor, um aluno levanta a mão para perguntar.

() Ao responder uma pergunta para o aluno, o professor, sem motivo aparente, toca uma das orelhas.

() Em reação a uma resposta correta de um aluno, uma professora mostra a mão fechada com o polegar para cima, em aprovação ao que foi dito.

() Ao se referir à escrita, o professor executa um gesto no ar como se estivesse escrevendo.

() A professora aponta para o quadro no qual há um exemplo do que está sendo verbalizado.

5. Nos itens, a seguir, encontram-se as funções da comunicação não-verbal, exceto em:

- a) Enfatizar a linguagem verbal
- b) Expressar sentimentos e emoções
- c) Regular a comunicação
- d) Eliminar a linguagem verbal

6. Qual dos exemplos abaixo não é um gesto?

- a) Mostrar a mão espalmada para frente, na intenção de interromper a fala de alguém
- b) Mover a cabeça verticalmente em concordância com o que se escuta
- c) Saltar uma poça d'água na calçada para não molhar os pés
- d) Cruzar os braços durante uma conversa com alguém

PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Caros colegas professores, a seguir, apresentamos uma adaptação de uma proposta de produção textual a ser trabalhada com seus alunos, extraída do exame de vestibular da Universidade Federal Fluminense (UFF) no ano de 2007, que poderá ser aplicada no Ensino Médio.

Sugerimos que, antes de iniciar a atividade, estabeleça um debate acerca da Comunicação não-verbal e seus recursos, para que eles tenham mais familiaridade com o assunto. Isso porque, como mencionamos neste guia, a linguagem corporal é usada por todos, mas poucos percebem a importância de seus efeitos nas interações humanas. Nesse sentido, essa atividade tem como objetivo avaliar o conhecimento dos alunos a esse respeito. Segue a proposta:

Quando falamos, para além das palavras, o corpo emite sinais significativos na construção da mensagem. O receptor, ao “ler” estes sinais, percebe o conteúdo, o assunto, a personalidade, o desejo, a sinceridade ou não do emissor.

Considerando esses aspectos, redija um texto de caráter predominantemente dissertativo sobre o seguinte tema:

AS POSSIBILIDADES DE LEITURA DAS LINGUAGENS DO CORPO.



LINGUAGENS DO CORPO

CAULOS pinturas, texto de Wilson Coutinho, 1998

SUGESTÕES DE LEITURA

A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL - Flora Davis (1979)

Neste livro, a autora relata experiências, narra histórias, mostra pesquisas. Através de uma linguagem jornalística e fluente, mostra como a comunicação é estudada cientificamente.

**A LINGUAGEM CORPORAL DOS LÍDERES- Carol Kinsey Goman (2014)**

Este livro contempla a linguagem corporal de forma atraente e pragmática com sugestões de linguagem corporal efetivas para situações frequentes no ambiente de trabalho.

**A LINGUAGEM DO CORPO - David Cohen - (2015)**

Esta obra apresenta informações teóricas sobre a linguagem corporal, sugerindo dicas práticas para ajudar a entender a comunicação não-verbal dos outros, com lustrações que facilitam o entendimento do assunto.

**A LINGUAGEM DO CORPO - Pierre Guiraud (2001)**

Apresenta a linguagem corporal, enfocando os estudos fisiognômicos e cinestésicos, sistematizados e interpretados conforme a natureza e função que exercem na comunicação interpessoal.

**COMUNICAÇÃO DO CORPO - Mônica Rector e Aluísio Trinta - (1993)**

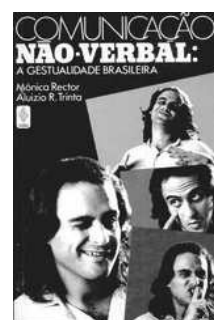
Demonstra os principais fundamentos científicos para o estudo da linguagem corporal, propondo uma teoria do signo relacionada à gesticulação como ferramenta comunicativa.



SUGESTÕES DE LEITURA

COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL: A gestualidade brasileira- Mônica Rector; Aluísio R. Trinta - (1986)

Obra fundamental que traz informações científicas e históricas sobre a comunicação não-verbal em geral, apresentando uma análise sobre os principais gestos utilizados no dia a dia do brasileiro.



DESVENDANDO OS SEGREDOS DA LINGUAGEM CORPORAL - Allan & Barbara Pease (2005)

É um livro que apresenta informações importantes para a leitura da linguagem corporal com base científica. Explica as principais formas de linguagem corporal rotineiras, através de uma linguagem simples de entendimento.



LINGUAGEM DO SILÊNCIO: Expressão corporal - Claude Pujade-Renoud (1990)

Nesta obra, há relações entre a expressão corporal o teatro e a dança, relatando experiências corporais com determinados grupos teatrais, procurando desmitificar a linguagem corporal.



O CORPO FALA: A linguagem silenciosa da Comunicação não verbal. Roland Tompakow e Pierre weil

Livro ilustrado que mostra como interpretar a linguagem corporal de forma prática e divertida. Possui uma linguagem simples e acessível para iniciantes no estudo da linguagem corporal.



PARA CONCLUIR A CONVERSA...

A comunicação não verbal é atávica ao ser humano. Ela tem início com as primeiras relações corporais entre mãe e filho e acompanha o indivíduo por toda a sua vida. O corpo é uma fonte inesgotável de informações que permitem a interação entre as pessoas por meio de movimentos cinéticos, pelos sons da paralinguagem ou pelos distanciamentos paralinguísticos.

O estudo da linguagem corporal é requerido pelas mais diferentes estâncias do conhecimento: a Semiótica, a Análise da Conversação, a Dramaturgia, a Educação Física, a Psicologia, a Sociologia, a Enfermagem, a Robótica. Estes são alguns exemplos da abrangência dessa linguagem, poderíamos elencar muitos outros, incluindo também a representação gráfica dos gestos em placas, mensagens de redes sociais, enfim, é um tipo de linguagem que possui uma vasta aplicação na sociedade, apresentando-se, em determinados contextos, como um recurso essencial, sem o qual o fluxo comunicativo ficaria severamente comprometido.

Entre as possibilidades de utilização da comunicação não-verbal, destaca-se o ambiente escolar e a interação entre professor e aluno. Nesse sentido, um dos desafios da educação atual é o de conseguir manter a atenção dos alunos durante as aulas, pois os relatos dos professores, em sua maioria, indicam uma dispersão dos alunos em sala de aula e, em contrapartida, uma dificuldade em mantê-los concentrados nas aulas. Certamente, há muitos fatores que incidem sobre tal situação: a condição psicológica do aluno, a orientação familiar, o interesse pela disciplina e outros. Entretanto, a presença do professor e a imagem que os alunos constroem dele parece ser a pedra fundamental para que se obtenham os resultados esperados em determinados níveis escolares.

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

Diagramação – Prof. Francisco Igor Arraes Alves Rocha

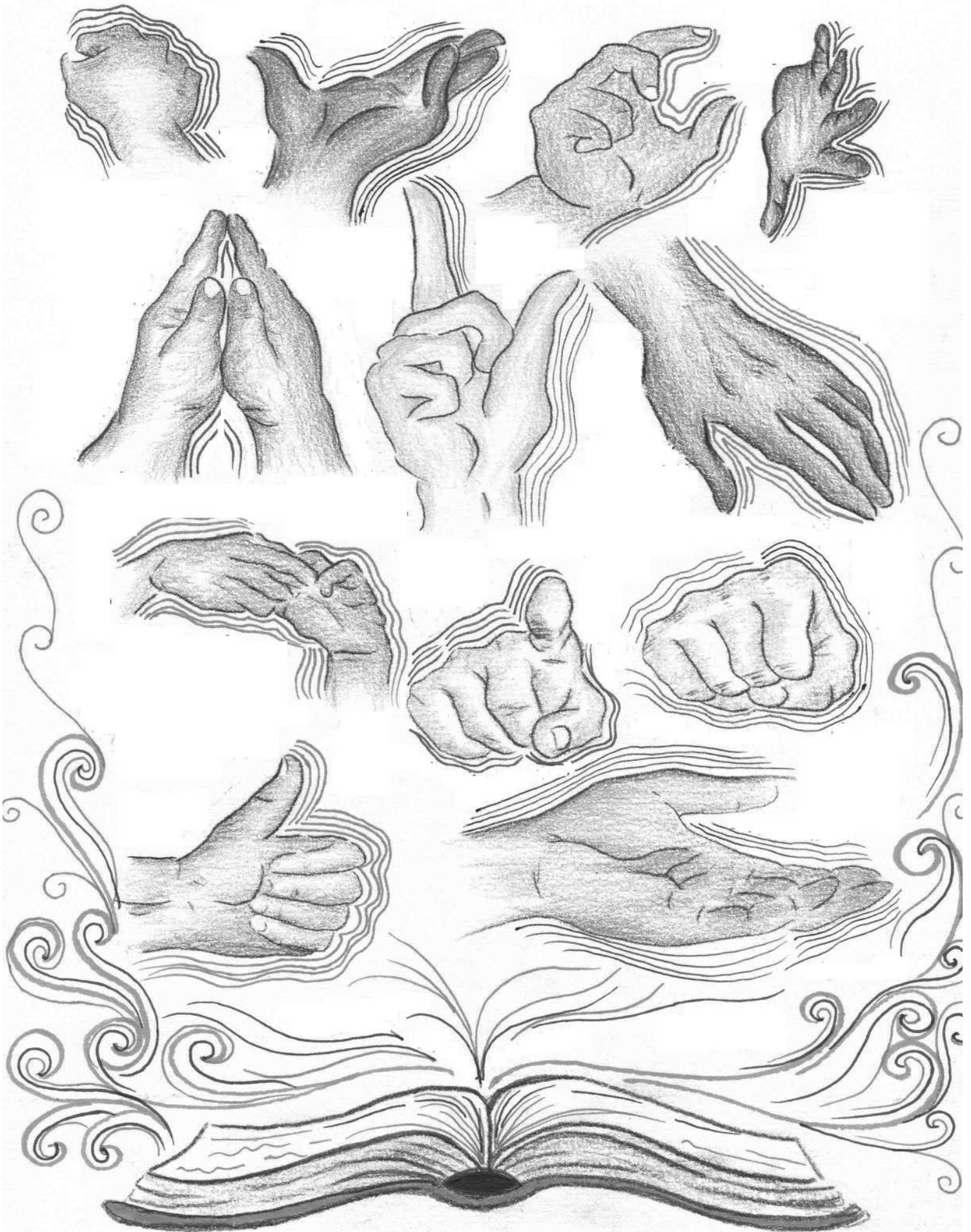
Editoração – Prof^a. Simone Dália de Gusmão Aranha

Capa e contracapa – Letícia Arraes Peixoto Rocha

REFERÊNCIAS

- CANBAZ, S. T. e YAVUZ, M. A. Effects of teacher immediacy behaviours os students' Motivation towards language learning. International Online Journal of Primary Education, vol. 5, pp. 11 -19. 2006. www.ijge.info/ojs/index.php/OIJPE/article/download/500/580. Acesso em 11/12/2017.
- CLAUDE, Pujade-Renoud. Linguagem do silêncio: expressão corporal. São Paulo: Summus, 1990. (Coleção Novas buscas em educação, 36)
- COHEN, D. A linguagem do corpo: o que você precisa saber. Petrópolis: Vozes, 2009.
- DAVIS, F. A comunicação não-verbal. 7. ed. São Paulo: Summus, 1979.
- GOMAN, C. K. A linguagem corporal dos líderes. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GUIRAUD, P. A linguagem do corpo. São Paulo: Ática, 2001.
- MONTEIRO, Ana Cristina et al. Fundamentos da comunicação. Lisboa: Sílabo, 2008.
- OLIVEIRA, E. A proxêmica na comunicação não verbal. Instituto Brasileiro de Linguagem Corporal. Disponível em: <<https://ibralc.com.br/a-proxemica-na-comunicacao-nao-verbal/>>. Acesso em: 8 out. 2017.
- PEASE, A; PEASE, B. Desvendando os segredos da linguagem corporal. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- PEREIRA, A. C. C. Os gestos das mãos e a referenciação: investigação de processos cognitivos na produção oral. 2010. 148 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: < http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/LETR-8TELM4/accpereira__final_p_s_defesa_para_impress_o_revisado_19_04_2010.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 set. 2017.
- RECTOR, M; TRINTA, A. A comunicação não verbal: a gestualidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. A comunicação do corpo. São Paulo: Ática, 1999.
- RICHMOND, V. Teacher Non-Verbal Immediacy: Use and Outcomes. In: Our Teaching Behavior. Virginia: West Virginia University, 2001. Chapter 6, pp. 65-82.

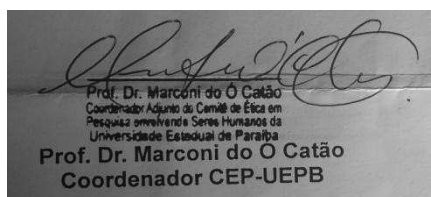
O QUE "DIZEM" AS MÃOS DO PROFESSOR?



ANEXOS



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISADOR
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS
COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS
PLATAFORMA BRASIL**



Relator: 19.

Título da Pesquisa: A GESTUALIDADE DO PROFESSOR: UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM CORPORAL NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

Pesquisador Responsável: Francisco Igor Arraes Alves Rocha

Nº do parecer: 2.285.604

CAAE: 76965317.3.0000.5187

SITUAÇÃO DO PROJETO: APROVADO.

Data da relatoria: 13/09/2017

Apresentação do Projeto: Projeto intitulado “A GESTUALIDADE DO PROFESSOR: UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM CORPORAL NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA”, encaminhado para análise, ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba, com fins de elaboração e desenvolvimento da dissertação de conclusão do Curso de Mestrado Profissional em Formação de Professores da UEPB. O presente projeto tem finalidade de fazer uma análise, da gestualidade do professor de língua portuguesa e sua influência interativa no processo de ensino-aprendizagem. A coleta de material será feita no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia IFPB, campus Cajazeiras, através de filmagens que serão analisadas e descritas para a confecção de um guia de consulta, para professores que desejam ampliar seus recursos didáticos e entender sobre a linguagem corporal.

Objetivo Geral da Pesquisa: Descrever e analisar a gestualidade do professor de língua portuguesa.

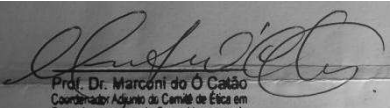
Avaliação dos Riscos e Benefícios: Considerando a justificativa e os aportes teóricos e metodologia apresentados no presente projeto, e ainda considerando a relevância do estudo a qual explícita sua possível contribuição percebe-se que a mesma não trará riscos de maior ou médio potencial aos participantes da pesquisa. Poderá incorrer em riscos mínimos como o constrangimento ao ter a imagem exposta em vídeo, contudo, o pesquisador responsável ciente seguirá o protocolo preconizado pela Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, que rege e disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos, bem como a Resolução 510/2015/CNS que rege e disciplina as pesquisas da área de Ciências Humanas e Sociais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: A presente proposta de pesquisa é de suma importância quanto papel e atribuições das Instituições de Ensino Superior (IES), mormente pesquisa em nível de pós-graduação, estando dentro do perfil das pesquisas de construção do ensino-aprendizagem significativa, perfilando a formação profissional baseada na tríade conhecimento-habilidade-competência, preconizada pelo MEC.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: Os termos encontram-se devidamente anexados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: O projeto atende as exigências protocolares. Diante do exposto, somos pela aprovação. Salvo melhor juízo.

Campina Grande, 13 de setembro de 2017.



Prof. Dr. Marconi do O Catão
Coordenador Adjunto do Comitê de Ética em
Pesquisa envolvendo Seres Humanos da
Universidade Estadual de Paraíba
Prof. Dr. Marconi do O Catão
Coordenador CEP-UEPB



Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Mestrado Profissional em Formação de Professores

Título do projeto:

A GESTUALIDADE DO PROFESSOR: UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM CORPORAL NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

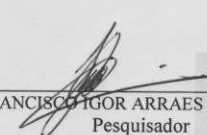
Pesquisadores: FRANCISCO IGOR ARRAES ALVES ROCHA

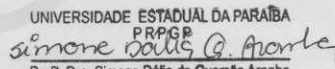
Profª Drª SIMONE DÁLIA DE GUSMÃO ARANHA (Orientadora PPGFP/UEPB)

Os Pesquisadores do projeto acima identificados assumem o compromisso de:

- I. Preservar a privacidade do sujeito da pesquisa, cujos dados serão coletados;
- II. Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto em questão;
- III. Assegurar que as informações somente serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa.

Campina Grande, 01/06/2017.


FRANCISCO IGOR ARRAES ALVES ROCHA
Pesquisador

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRPGFP

Profª Dra. Simone Dália de Gusmão Aranha
COORDENADORA DO PPGFP
12.123.190
PROFª DRª SIMONE DÁLIA DE GUSMÃO ARANHA
Orientadora PPGFP/UEPB

TERMO DE OCNSENTIMENTO PARA A PROFESSORA PARTICIPANTE DA PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

Cara professora,

Estou realizando uma pesquisa como parte do programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, aplicada pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, intitulada “O letramento gestual do professor de língua portuguesa do Ensino Médio Integrado”. Deste modo, para que a pesquisa se realize, conto com sua valiosa colaboração, Espero que a presente pesquisa contribua para uma maior compreensão sobre a linguagem corporal e sua relação com o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Desde já, gostaria de dizer-lhe que a sua participação em todos os momentos é suma importância para a realização deste estudo.

Obrigado,

Francisco Igor Arraes Alves Rocha

Eu, Marcia Silveira Gf. de S. Almeida abaixo assinado, li, antes de assinar este documento e declaro que concedo ao mestrando Francisco Igor Arraes Alves Rocha, como doação, o direito de uso das filmagens durante as minhas aulas de Língua Portuguesa, de fotografias pessoais, de respostas de questionários e de entrevistas por mim concedidas a ela sobre a maneira como ministro minhas aulas de Língua Portuguesa.

Tal autorização envolve direitos profissionais de utilização do referido material, no todo ou em parte, em dissertação de mestrado, tese de doutoramento, comunicações em congressos e seminários e publicações de artigos ou periódicos, sendo-me garantido que terei, no que couber, minha identidade preservada.

Nome da professora Marcia Silveira Gomes de S. Almeida

Assinatura Marcia Silveira Gomes de S. Almeida

Data 01/06/2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

P.P.G.P.

Simone Dália de Gusmão Aranha

Prof^ª Dra. Simone Dália de Gusmão Aranha

COORDENADORA DO PPGFP

MAT 12323 - 8U

ANEXOS

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Pesquisa:

Eu, **FRANCISCO IGOR ARRAES ALVES ROCHA**, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da UEPB, portadora do RG: 2004034045507 SSP-CE e CPF: 43420680368 comprometo-me em cumprir integralmente os itens da Resolução 196/96 do CNS, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida Resolução.

Por ser verdade, assino o presente compromisso.

Assinatura do Pesquisador Responsável



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PPGFP
simone.dalia@uepb.edu.br
Profª Dra. Simone Dália de Gusmão Araújo
COORDENADORA DO PPGFP
MAT. 12323 - 80

Campina Grande, 29, de agosto de 2017